

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Silvia Corrêa Guimarães Raposo de Medeiros

A Educação Profissional na Modernidade Líquida: um estudo sobre o Curso Superior de
Tecnologia em Gestão Empresarial das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de
Educação Tecnológica Paula Souza

São Paulo
Junho/2018

Silvia Corrêa Guimarães Raposo de Medeiros

A Educação Profissional na Modernidade Líquida: um estudo sobre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sob a orientação do Prof. Dr. Darlan Marcelo Delgado

São Paulo

Junho/2018

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CPS

M488e Medeiros, Silvia Corrêa Guimarães Raposo
A educação profissional na modernidade líquida: um estudo sobre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza / Silvia Corrêa Guimarães Raposo de Medeiros. – São Paulo: CPS, 2018.
193 f. : il., grafs.

Orientador: Prof. Dr. Darlan Marcelo Delgado
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2018.

1. Educação profissional. 2. Modernidade líquida. 3. Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial. 4. Educação e trabalho. 5. Padrão flexível de produção. I. Delgado, Darlan Marcelo. II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. III. Título.

SILVIA CORRÊA GUIMARÃES RAPOSO DE MEDEIROS

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA MODERNIDADE LÍQUIDA: UM ESTUDO SOBRE
O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO EMPRESARIAL DAS
FACULDADES DE TECNOLOGIA DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

Prof. Dr. Darlan Marcelo Delgado

Prof. Dr. Celso Luiz Aparecido Conti

Prof. Dr. Emerson Freire

São Paulo, 6 de junho de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus que, em sua imensa bondade e amor, guiou meus passos ao longo deste trabalho e me garantiu a saúde.

Agradeço ao corpo docente da Pós-Graduação do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, do Governo do Estado de São Paulo, Brasil, por ter me proporcionado a chance de participar do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, e por ter se ocupado tão intensamente da formação acadêmica e pessoal de todos os seus alunos.

Agradeço ao meu professor orientador, Prof. Dr. Darlan Marcelo Delgado, por ter me apresentado a pensadores ímpares, por ter me orientado, questionado, criticado, sempre tendo meu crescimento por objetivo.

Agradeço a todos os funcionários administrativos da Pós-Graduação do Centro Paula Souza, sempre gentis e solícitos, que auxiliaram em todas as questões de ordem prática para a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos familiares e aos amigos, especialmente aos amigos desta turma de mestrandos, que juntos, formaram um ponto de apoio e de força para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

MEDEIROS, S. C. G. R. **A educação profissional na modernidade líquida**: um estudo sobre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. nn [número de folhas] f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

Esta pesquisa objetiva investigar se as temáticas da modernidade líquida são abordadas em disciplinas selecionadas do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial (Processos Gerenciais), oferecido pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), no Estado de São Paulo, Brasil, analisando qual o teor desses debates e como são realizados. Para atingir o objetivo proposto, desenvolve a fundamentação teórica, com base nas obras, principalmente de Zygmunt Bauman, mas também de Richard Sennett, Ulrich Beck, Michel Maffesoli, Manuel Castells, Pierre Lévy, Ricardo Antunes e Danièle Linhart, que discutem aspectos contemporâneos sobre as alterações do ambiente, da produção, do trabalho, do capital, da tecnologia, do Estado, do indivíduo e da educação, e produz um questionário de questões abertas, aplicado aos docentes das disciplinas selecionadas. O resultado da análise de conteúdo realizada é a constatação de que a modernidade líquida é discutida parcial e superficialmente, e que essa discussão carece de categorias de análise teoricamente embasadas, como referência, que tornassem o debate no CST em Gestão Empresarial, robusto e aprofundado. A pesquisa sugere a ampliação e o aprofundamento do tratamento das temáticas da modernidade líquida, especialmente daquelas relativas ao trabalho, no interior das Faculdades de Tecnologia do CEETEPS, e no CST em Gestão Empresarial, não somente por possíveis modificações e adições em Ementas de seu Projeto Pedagógico, mas pela utilização de novas formas, meios e instrumentos de construção do conhecimento na atualidade, como sugeridos pelos autores da fundamentação teórica.

Palavras-chave: Educação Profissional; Modernidade Líquida; Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial; Educação e Trabalho; Padrão Flexível de Produção.

ABSTRACT

MEDEIROS, S. C. G. R. **Vocational education in liquid modernity**: a study of the Business Management Undergraduate Technological Course (Management Processes) of Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. nn [número de folhas] f. Master's Dissertation (Professional Master's Course in Management and Development of Vocational Education). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

This research is aimed at investigating whether liquid modernity themes are discussed in selected disciplines of the Business Management Undergraduate Technological Course (Management Processes) offered by Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), in São Paulo State, Brazil, and at analysing the content of these discussions and how they happen. In order to attain this objective, the research presents a theoretical framework based mainly on the works of Zygmunt Bauman, but also on the thoughts of Richard Sennett, Ulrich Beck, Michel Maffesoli, Manuel Castells, Pierre Lévy, Ricardo Antunes and Danièle Linhart, that debate the contemporary aspects of recent changes in the environment, production, work, capital, technology, State, individual and education. It also produces a questionnaire of open questions that is applied to the selected members of the faculties. The results of the content analysis of the answers provided show that the liquid modernity themes are superficially and partially discussed and that this discussion lacks the category analysis theoretically built as a reference, that would be able to make the debate robust and deep. This research suggests that the liquid modernity debate should be broadened and deepened, specially when it refers to work, in the Technological Undergraduate Courses offered by CEETEPS and specifically at the Business Management Undergraduate Technological Course, not only with changes and additions to its Pedagogical Project but by using new shapes, means, and tools to build knowledge, as they are suggested by the authors of this theoretical framework.

Key-words: Vocational Education; Liquid Modernity; Business Management Undergraduate Technological Course; Education and Work; Flexible Production Standard

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A Modernidade Líquida	11
3 A Educação no contexto da Modernidade Líquida	25
3.1 A Educação Profissional na Modernidade Líquida	38
4 O Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial das Fatecs do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza	45
4.1 Apresentação do curso e dos procedimentos metodológicos	45
4.2 Apresentação e análise dos dados	57
5 Considerações Finais	117
REFERÊNCIAS	124
ANEXO	127
APÊNDICES	128

1 INTRODUÇÃO

A educação profissional e tecnológica, tanto no Brasil quanto no exterior, há algumas décadas tem sido utilizada como um instrumento de capacitação, com vistas ao aproveitamento de seus egressos pelo mercado de trabalho. Forjada ao longo de anos de estreito vínculo entre as suas instituições educacionais e a indústria, desenvolveu-se principalmente no bojo do paradigma taylorista-fordista de produção, consolidado após a II Guerra Mundial e hegemônico até poucas décadas antecedentes ao início do século XXI. Segundo Zygmunt Bauman, um dos expoentes da Sociologia contemporânea, a chamada modernidade sólida daquele período sofreu transformações profundas e importantes, a partir do final do século XX e durante este século XXI, para se converter em uma modernidade líquida, cujos traços marcantes são a fluidez, a mobilidade, a flexibilidade, as incertezas que recaem sobre as diversas facetas da vida social: as formas de produção e acumulação de capital, o indivíduo, o trabalho, a educação, dentre outras.

A investigação de como os traços dessa nova modernidade líquida têm sido tratados nos cursos de tecnologia, historicamente relacionados ao contexto da modernidade sólida, constitui o foco desta pesquisa. Partindo de uma revisão teórica de algumas das obras de Zygmunt Bauman, a discussão acrescenta as contribuições de autores por ele referenciados, seus contemporâneos, como Richard Sennett, Ulrich Beck e Michel Maffesoli, e traz ainda as reflexões de Ricardo Antunes e Danièle Linhart, Manuel Castells e Pierre Lévy, na tentativa de descrever o cenário líquido-moderno em suas nuances relativas ao trabalho e à tecnologia. A partir desse embasamento teórico, propõe-se a responder à questão: as temáticas relativas à modernidade líquida, e seus impactos sobre a vida profissional, são debatidos no interior do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial? Qual o teor desse debate? Opta-se, assim, por limitar a pesquisa ao Curso Superior de Tecnologia (CST) em Gestão Empresarial, oferecido pelas Faculdades de Tecnologia, vinculadas ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Estado de São Paulo.

A importância de responder a esse questionamento reside em sua contribuição potencial aos *policy makers* e aos gestores da educação profissional, técnica e tecnológica, quando fornece subsídios para compreender como tais temáticas são tratadas e discutidas por docentes, em sua interação com seus alunos, e como essas discussões refletem as preocupações, as

percepções, os movimentos, as estratégias individuais ou coletivas que surgem explicitadas nos conteúdos e nos discursos em sala de aula, para enfrentar a modernidade líquida, compondo um reflexo, ainda que parcial, dos desafios e anseios desses indivíduos.

O instrumento determinado, para a coleta de informações, são os questionários semiestruturados, aplicados junto aos docentes das disciplinas de *Sociedade, Tecnologia e Inovação*, *Sociologia das Organizações* e *Comportamento Organizacional*, do CST em Gestão Empresarial, sendo que a análise de conteúdo de suas respostas pretende verificar se as temáticas relativas à modernidade líquida são objeto de debate e, em caso positivo, como tal debate tem sido realizado.

2 A MODERNIDADE LÍQUIDA

Um dos maiores expoentes a tratar das mudanças recentes da vida individual e social foi o sociólogo Zygmunt Bauman. Falecido em janeiro de 2017, esse pensador exprimiu com clareza de detalhes as turbulências recentes que desafiam a sociedade na atualidade. Bauman caracteriza esse período como a modernidade líquida; fazendo uso da metáfora que compara a atualidade aos líquidos, ele se refere às condições instáveis, mutáveis, fluidas e incertas dos dias de hoje. Em sua obra originalmente intitulada *Liquid Modernity*, publicada em 2000, o sociólogo constrói o panorama da modernidade líquida, contrapondo-o à modernidade sólida, momento de instauração de uma ordem encabeçada pelos empreendedores e seus negócios. Embora as importantes contribuições de outros autores também corroborem com as reflexões desta pesquisa, a linha mestra condutora da dissertação estende-se sobre algumas das publicações pertencentes à extensa obra desse sociólogo.

Bauman situa a modernidade sólida como o período que “[...] emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir” (BAUMAN, 2001, p. 12) e que “[...] levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais” (BAUMAN, 2001, p. 11), sedimentando “[...] uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos” (BAUMAN, 2001, p. 11).

Tomando-se assim a Revolução Industrial como marco ilustrativo do período descrito pelo sociólogo, destaca-se uma das características marcantes da modernidade sólida como a crença no progresso; a ideia de uma continuidade de vida, a crença de que o progresso seria o caminho natural a ser traçado, alavancado pelo planejamento e pela execução ordenada, que conseqüentemente promoveria a ascensão de condições de vida inferiores às superiores, o aperfeiçoamento, a estabilidade. Para Bauman (2001) a ilusão moderna era a “[...] crença de que há um fim no caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido [...] algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos [...]” (BAUMAN, 2001, p. 41, grifo do autor).

Na modernidade sólida, os elementos de planejamento, execução e resultado esperado formavam uma corrente de elos bem conectados, de forma que o progresso constituía uma trilha previsível a ser percorrida. Esse encadeamento de etapas de desenvolvimento, portanto, pressupunha uma grande capacidade de interferência na direção e na velocidade dos

acontecimentos, “o futuro era visto como os demais produtos nessa sociedade de produtores: alguma coisa a ser pensada, projetada e acompanhada em seu processo de produção” (BAUMAN, 2001, p. 165), produção essa, que a partir de então, conferiria à vida cotidiana uma cadência própria.

Os anos seguintes à Revolução Industrial testemunharam uma organização produtiva com base em fábricas e maquinário pesado, sobre os quais fileiras de trabalhadores se debruçavam em movimentos repetitivos nas linhas de montagem. Conforme os anos avançaram, assim como o desejo de lucrar a partir da produção, o ordenamento sobre o trabalho aumentou, passando-se a controlar tempos e movimentos, num padrão de execução a que se convencionou chamar de taylorista-fordista, em referência à Taylor e à Ford, que materializaram suas preocupações com aumentos de produtividade e redução de custos. Antunes (2009) observa que “[...] o binômio *taylorismo/fordismo*, [...] baseava-se na *produção em massa* de mercadorias, que se estruturava a partir de uma produção mais *homogeneizada* e enormemente *verticalizada*” (ANTUNES, 2009, p. 38, grifos do autor) e destaca a intensa divisão do trabalho em vigor: “esse padrão produtivo estruturou-se com base no trabalho *parcelar e fragmentado*, na decomposição de tarefas [...]” (ANTUNES, 2009, p. 39, grifos do autor).

A modernidade sólida, vivida no capitalismo pesado, seguia assim a ordem, os guias, as instruções, a rotina, a hierarquia e a submissão, os tempos e movimentos repetitivos. Essa normatividade refletia-se na organização do Estado, claramente delimitado em nações, fronteiras e ordenamentos jurídicos visando soberania, cujo objetivo maior era o progresso. Para Bauman (2001), “a modernidade pesada foi a era da conquista territorial [...] a riqueza e o poder estavam firmemente enraizadas ou depositadas dentro da terra [...]” (BAUMAN, 2001, p.145, [sic]). As nações se constituíam por conjuntos de indivíduos, unidos sob a bandeira do projeto nacional, e regidos por aparatos jurídicos abrangentes e detalhados. Sob esse Estado soberano, a relativa falta de liberdade individual compensava-se pela garantia de segurança originada a partir do ente nacional. Bauman (2001) destaca da modernidade sólida a reconfortante sensação das certezas, da despreocupação em relação à trajetória futura, que já estava determinada para o indivíduo:

Padrões e rotinas impostos por pressões sociais condensadas poupam essa agonia aos homens; graças à monotonia e à regularidade de modos de conduta recomendados, para os quais foram treinados e a que podem ser obrigados, os homens sabem como proceder na maior parte do tempo e raramente se encontram em situações sem sinalização, aquelas situações em que as decisões devem ser tomadas com a própria responsabilidade e sem o conhecimento

tranquilizante das consequências, fazendo com que cada movimento seja impregnado de riscos difíceis de calcular (BAUMAN, 2001, p. 31).

Da citação acima, observa-se alguns dos aspectos acerca da modernidade sólida, como as características de previsibilidade, monotonia, da certeza acerca da conduta, originária do treinamento e da coerção, da solidariedade envolvida na distribuição de responsabilidade pelas decisões, entre indivíduo e Estado, e por consequência, da diminuição dos riscos existenciais.

Nesse contexto de fé no progresso, o trabalho exercia o papel fundamental de ferramenta, de instrumento mediador e responsável por elevar e melhorar as condições de vida. Imbuído dessa responsabilidade de promover o avanço da humanidade, o trabalho revestia-se de uma nobreza particular; “ `para frente´ era o destino, o trabalho era o veículo que os conduziria [...]” (BAUMAN, 2001, p. 165). As relações entre capitalistas e trabalhadores eram de dependência mútua; geograficamente presos às localidades em que produziam e residiam, destituídos de seus meios de subsistência, os operários dependiam de seu salário para sobreviver; capitalistas, por sua vez, dependiam do conjunto de trabalhadores, a força de trabalho, para produzir mercadorias em série.

Especialmente para a classe trabalhadora, a durabilidade de seu emprego¹ era uma consequência natural daquele arranjo produtivo. A natureza divisível do trabalho assegurava ao trabalhador o exercício de uma pequena fração da atividade total, previsível e rotineira. Antunes (2009) observa que “esse processo produtivo caracterizou-se [...] pela *mescla* de *produção em série fordista* com o *cronômetro taylorista*, além da vigência de uma separação nítida entre *elaboração* e *execução*” (ANTUNES, 2009, p. 39, grifos do autor). A mobilidade entre as funções da fábrica era limitada pelo número de operários e pelo tempo de permanência na prática das atividades. A carreira, com o tempo, ganhou um planejamento próprio, à semelhança do percurso de progresso a ser percorrido pela humanidade. Nesse ambiente rotineiro, a segurança em relação ao emprego prevalecia, bem como a supressão da “[...] dimensão intelectual do trabalho operário [...]” (ANTUNES, 2009, p.39).

Conforme explicitado por Bauman (2001) e Antunes (2009), a modernidade sólida, época do capitalismo pesado, orientada pelo projeto de uma sociedade melhor a ser alcançada com o progresso, tinha como características a fixação territorial, a clara distinção nos papéis

¹ Danièle Linhart (2007) distingue trabalho de emprego dizendo “o trabalho representa o exercício concreto da atividade profissional e remete, então, ao conteúdo das tarefas e às condições em que estas são executadas; o emprego indica principalmente as condições de inserção no mercado de trabalho e o modo de vida ao qual essa inserção dá acesso” (LINHART, 2007, p. 13-14). Embora Linhart confira um caráter de maior permanência e durabilidade ao emprego, aparentemente mais vinculado ao emprego como conhecido na modernidade sólida, Bauman enfatiza o caráter cada vez mais transitório e breve da categoria emprego na modernidade líquida.

exercidos por capitalistas e por trabalhadores organizados em classes, o Estado-nação forte e sólido, os planos executados em prazos longos, distendidos, a segurança, a previsibilidade, a rotina e as certezas.

Do final da II Guerra Mundial em diante, a produção fabril de mercadorias se sedimenta e se amplia como arranjo produtivo padrão; indústrias nascentes do século XIX tornam-se empresas nacionais, maiores e mais complexas, internacionalizando paulatinamente suas operações, conforme a disponibilidade financeira e os incentivos disponíveis no estrangeiro. Linhart (2007), sintetizando pesquisas francesas sobre a evolução do trabalho, chama o período compreendido entre 1945 e 1975 de “Trinta Gloriosos” (LINHART, 2007, p. 15), décadas caracterizadas por crescimento econômico intenso². David Harvey (2011) comenta que, “inundadas com capital excedente, as empresas norte-americanas começaram a expatriar a produção em meados da década de 1960 [...]” (HARVEY, 2011, p. 21). Os controles e a engenharia sobre a produção, pensados por Frederick W. Taylor, em *Princípios de Administração Científica* (TAYLOR, 1982), originalmente publicado em 1911, disseminam-se e aperfeiçoam-se na administração burocrática, após o final da II Guerra, com procedimentos técnicos, alavancando a produtividade.

Antunes (2009) observa, contudo, que “[...] o capitalismo, a partir do início dos anos 70, começou a dar sinais de um quadro crítico [...]” (ANTUNES, 2009, p. 31), e elenca algumas causas impeditivas de seu crescimento, como custos mais altos relacionados à mão de obra, e consequente diminuição da lucratividade, conjugados ao excesso de capacidade produtiva e ao consumo relativamente diminuído. Diz Antunes (2009) que “[...] a crise do fordismo e do keynesianismo era expressão fenomênica de um quadro crítico mais complexo [...] uma *crise estrutural do capital*, em que se destacava a tendência decrescente da taxa de lucro [...]” (ANTUNES, 2009, p. 33, grifo do autor).

A busca por retornos ao capital investido em processos produtivos ou financeiros, ou de qualquer outra natureza, mais atrativos em relação aqueles do paradigma taylorista-fordista, revolucionou a forma de operação e produção vigentes. Esse sociólogo do trabalho observa que “o capital deflagrou [...] transformações no próprio processo produtivo, por meio da constituição das formas de acumulação flexível, do *downsizing*, das formas de gestão organizacional [...] em que se destaca o ‘toyotismo’ [...]” (ANTUNES, 2009, p. 49). Esse autor

² Linhart (2007) diz que, sobre os “Trinta Gloriosos” (LINHART, 2007, p. 15), as áreas da sociologia e da economia do trabalho encontraram campo fértil para florescimento. A autora também justifica a ênfase dos estudos sobre “[...] a atividade produtiva do operário em cada setor da fábrica [...]” (LINHART, 2007, p. 16) como consequência das repercussões intensas daquela organização de produção sobre a vida dos trabalhadores.

(2009) conceitua o padrão de acumulação flexível como aquele derivado de uma organização produtiva tecnologicamente avançada, que faz uso de técnicas de gestão associadas a controles computadorizados e que compõe:

[...] uma estrutura produtiva mais flexível, recorrendo frequentemente à desconcentração produtiva, às empresas terceirizadas, etc. [...] O ‘trabalho polivalente’, ‘multifuncional’, ‘qualificado’ combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas [...] (ANTUNES, 2009, p. 54).

Para Harvey (2011), o problema de uma demanda insuficiente foi resolvido com a “[...] exportação do capital e o cultivo de novos mercados ao redor do mundo [...]” (HARVEY, 2010, p. 24), momento em que a ligação de mercados financeiros mundiais exerceu papel determinante: “[...] o capital-dinheiro líquido podia vaguear mais facilmente pelo mundo à procura de locais onde a taxa de retorno fosse maior [...]” (HARVEY, 2011, p. 25). David Harvey (2011) situa esse momento no “Big Bang” de 1986: a conexão imediata de sistemas de negociação financeira entre Nova York e Londres.

Castells (2016) nos informa que “[...] foi durante a Segunda Guerra Mundial e no período seguinte que se deram as principais descobertas tecnológicas em eletrônica: o primeiro computador programável e o transistor [...]” (CASTELLS, 2016, p. 95). Assim, a partir das décadas de 1960 e 1970, inúmeros avanços nas tecnologias computacionais acontecem, os *hardwares* são aperfeiçoados em curtos períodos de tempo, sendo que os computadores pessoais passam a integrar o portfólio de consumo de massa. Manuel Castells (2016) observa que “o advento do microprocessador em 1971, com a capacidade de incluir um computador em um chip, pôs o mundo da eletrônica e, sem dúvida, o próprio mundo, de pernas para o ar” (CASTELLS, 2016, p. 98). Na década de 1990, a criação e a expansão da *World Wide Web*, a Internet, propiciam o acesso inédito à comunicação e informação em tempo real, conectando pessoas e nações ilimitadamente no tempo e no espaço, por correio eletrônico, sistemas de conversa e transferência de arquivos. Os acontecimentos passam a se refletir de imediato no cotidiano mundial, proporcionando um vasto campo para as reflexões e as estratégias empresariais, nacionais e individuais.

Os desenvolvimentos de *hardwares* e *softwares* acontecem a uma velocidade e intensidade surpreendentes, impactando profundamente a produção de bens e serviços. Nesses novos tempos, Bauman (2001) observa que “o poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico [...], o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial [...]”, eliminando os laços de dependência entre “[...] supervisores e supervisados, capital e trabalho [...]” (BAUMAN, 2001,

p. 19). Castells (2016) enfatiza os impactos da digitalização na vida social, comentando que “a lógica do funcionamento de redes, cujo símbolo é a internet, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados [...]” (CASTELLS, 2016, p. 107).

De fato, a linearidade presente anteriormente na modernidade, pela qual a racionalidade ambicionava promover a sucessão de planejamento, execução e resultado passa a ser substituída pela simultaneidade de atividades e de aceleração desses processos. Na modernidade sólida, destacada pelo uso do vapor e do motor à explosão, “[...] o princípio operativo da civilização moderna [...] se centrava no desenho de realizar mais rapidamente as tarefas [...]” (BAUMAN, 2001, p. 143), combinado à ampliação da apropriação territorial, seja em Estados-nação, cidades ou fábricas. Ao controle do tempo associava-se a grandeza de áreas, edifícios, territórios, nos quais durabilidade e imobilidade traduziam a fortaleza de projetos.

O sociólogo alerta que “tudo isso mudou, no entanto, com o advento do capitalismo de *software* e da modernidade ‘leve’” (BAUMAN, 2001, p. 148, grifo do autor). Seja pela evolução dos recursos físicos envolvidos na tecnologia computacional, seja pela proliferação e desenvolvimento de *softwares* para o atendimento de quaisquer demandas empresariais ou individuais, a informação passa a viajar cada vez mais rapidamente, encurtando distâncias, antes muito custosas de serem percorridas. Essa ausência de necessidade de deslocamentos físicos, pelo menos no tocante ao tráfego de informações, potencializa e intensifica a troca informacional, tornando-a praticamente instantânea. Bauman (2001) observa que “as pessoas que se movem e que agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam” (BAUMAN, 2001, p. 152). O autor enfatiza que a leveza, a mobilidade e a instantaneidade tornaram-se cruciais na modernidade líquida, constituindo condições essenciais à sobrevivência nesses tempos acelerados atuais. É também explícito ao dizer que são essas características a fonte das incertezas individuais: “o capital pode viajar rápido e leve, e sua leveza e mobilidade se tornaram as fontes mais importantes de incerteza para todo o resto” (BAUMAN, 2001, p. 154).

A velocidade das informações traduz-se também no imediatismo da experiência. Quando não há mais motivos para o planejamento em longo prazo, dado que há uma imprevisibilidade enorme e um número elevado de intercorrências em determinada trajetória, resta viver o curtíssimo prazo, usufruir do momento presente, extraíndo dele o máximo possível, antevendo apenas a mudança vindoura, ainda que de natureza completamente desconhecida. Para Bauman (2009) “‘líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a

consolidação, em hábitos e rotinas, de formas de agir” (BAUMAN, 2009, p. 7). Nota-se, a partir dessa afirmação, que Bauman enfatiza tanto a velocidade de mudanças no ambiente externo ao indivíduo, como ressalta também a falta de um período necessário à ocorrência de um processo de acomodação, isto é, mal o indivíduo toma ciência das alterações que o afetam, e tenta agir sobre o exterior para se acomodar, é atirado ao epicentro de um novo terremoto, que lhe retira as bases onde pretendia se fixar. “Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (BAUMAN, 2009, p. 8).

Ulrick Beck (2011), a quem Zygmunt Bauman se refere com frequência em sua obra, defende que a evolução da modernidade industrial produziu riscos crescentes à sociedade, passando de efeitos colaterais não tão relevantes a fatores decisivos à existência individual e social. Em suas palavras “o acúmulo de poder do ‘progresso’ tecnológico-econômico é cada vez mais ofuscado pela produção de riscos” (BECK, 2011, p. 15-16) e ainda estabelece a relação entre a exposição aos riscos e a renda, dizendo que a “[...] interpenetração [...]” entre a “[...] produção de riqueza e produção de risco [...] faz surgir *ameaças globais supranacionais e independentes de classe*” (BECK, 2011, p. 15, grifos do autor). Bauman (2009), por sua vez, enfatiza as graves consequências que podem vir a ser enfrentadas pelos indivíduos, caso se exponham a riscos que ultrapassem sua capacidade de defesa: “os suficientemente impetuosos ou desesperados a ponto de tentar desafiar as probabilidades contrárias se arriscam a enfrentar a sorte dos excluídos e rejeitados [...]” (BAUMAN, 2009, p. 13). Incerteza para Bauman e risco para Beck são assim faces de uma mesma moeda, da condição líquido-moderna de existência.

Nesse cenário em que a incerteza e as mudanças são o que há para se esperar, tudo se torna obsoleto da noite para o dia, sejam atividades, conhecimentos, relações ou fatos. Viver em um período em que não há tempo suficiente para interpretar os sinais emitidos pelo exterior, além do fato de que há sinais emitidos por uma infinidade de fontes, torna-se um desafio extremo. “As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente” (BAUMAN, 2009, p. 7). Pierre Lévy (2011) reforça a rápida obsolescência do estoque de informações e, portanto, de referência e de repertório individual, no cenário da vida digitalizada, ao informar que “a partir de um estoque de dados iniciais [...] um programa pode calcular um número indefinido de diferentes manifestações visíveis, audíveis e tangíveis [...]” (LÉVY, 2011, p. 41).

O caráter precário da nova condição humana é representado, nas obras *Modernidade Líquida* (2001) e *Vida Líquida* (2009), de Bauman, na pessoa de Bill Gates, que preferia “[...] ‘colocar-se numa rede de possibilidades a paralisar-se num trabalho particular’” (BAUMAN, 2001, p. 157). Emprestando a descrição de Bill Gates da obra de Richard Sennett, *A Corrosão*

do *Caráter* (2015), diz Bauman que o executivo é “[...] marcado pela ‘disposição de destruir o que já fez’, ‘tolerância à fragmentação’, ‘confiança de viver na desordem’, ‘florescimento em meio ao deslocamento’ [...]” (BAUMAN, 2009, p. 11).

A obra do sociólogo americano Richard Sennett, *A Corrosão do Caráter* (2015), traz à luz as preocupações mais íntimas de várias personagens conhecidas pelo autor ao longo de alguns anos, em sua interpretação de relatos de fracassos e de dificuldades profissionais, enfrentados nas condições moderno-líquidas. O traço comum das personagens de Sennett é a perplexidade diante de uma realidade avassaladora e transformadora das condições de trabalho até então conhecidas, que costumavam fornecer o eixo central, o suporte, a narrativa organizadora e justificativa de uma vida. Observa Sennett (2015) que:

O sinal mais tangível dessa mudança talvez seja o lema “Não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional [...] está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho. Hoje, um jovem americano com pelo menos dois anos de faculdade pode esperar mudar de emprego pelo menos onze vezes no curso do trabalho, e trocar sua aptidão básica pelo menos outras três durante os quarenta anos de trabalho. (SENNETT, 2015, p. 21-22).

Sennett, assim como Bauman e Beck, também se preocupa com os riscos crescentes. O sociólogo destaca que, nas organizações atuais de trabalho, em que os funcionários são convocados a trabalhar em times, a autoridade anteriormente existente é transfigurada em liderança, o que por sua vez, facilita a transferência de responsabilidades a cada participante, tanto pelo resultado coletivo como pelo resultado individual. Esse novo arranjo produtivo em rede, em que as movimentações e as experiências adquiridas contam muito, enfraquece os laços de compromisso entre contratantes e contratados, favorecendo mudanças constantes de pessoal; o caráter do trabalho passa a ser transitório, incerto; incerteza essa que contamina a organização familiar, à vista de mudanças frequentes de local de residência, estudo, e assim por diante. Diz Sennett (2015) que “permanecer num estado contínuo de vulnerabilidade é a proposta que [...] os autores de manuais de negócios fazem quando celebram o risco diário na empresa flexível” (SENNETT, 2015, p. 97); e diz ainda que “a moderna cultura do risco é peculiar naquilo que não se mexer é tomado como sinal de fracasso [...]” (SENNETT, 2015, p. 102).

Bauman e Sennett compartilham a centralidade da natureza cada vez mais incerta da atividade laboral, da insegurança acerca das condições objetivas da vida material, do desencantamento em relação a qualquer planejamento, da exigência crescente de flexibilidade e de adaptação, do desenraizamento e do descompasso de velocidade entre ação e reação.

À velocidade e à mobilidade extrema das informações, na modernidade líquida,

somaram-se as evoluções e aperfeiçoamentos de trânsito de pessoas e de mercadorias. Estando limitados unicamente em razão de custos de deslocamentos, e de poucas exigências internacionais, os indivíduos dispõem atualmente de *hubs*, pontos de conexão a intervalos cada vez menores, permitindo-lhes inclusive inúmeras variações de trajeto, conforme se façam necessárias. Tal encurtamento de distâncias promove um trânsito intenso intraterritorial, mas seu impacto maior recai sobre a natureza crescente de extraterritorialidade, vinculada às atividades de trabalho. Bauman (2001) ressalta que “a velocidade de movimento se tornou um fator importante, talvez o principal, da estratificação social e da hierarquia da dominação” (BAUMAN, 2001, p. 190). Antunes (2009) também nota que “assim como o capital é um sistema global, o mundo do trabalho e seus desafios são também cada vez mais transnacionais [...]” e destaca as incertezas sobre as decisões de investimentos produtivos comentando que “novas regiões industriais emergem e muitas desaparecem [...]” (ANTUNES, 2009, p. 115).

No século XXI, atividades rotineiras passam a ser absorvidas por rotinas computacionais, e com elas, postos de trabalho antes seguros e duráveis no século XX, são extintos. Pierre Lévy (2011) comenta os efeitos do processo de virtualização recente sobre o exercício profissional, em sua obra *O que é Virtual*:

Hoje [...] as pessoas não apenas são levadas a mudar várias vezes de profissão em sua vida, como também no interior da mesma ‘profissão’, os conhecimentos têm um ciclo de renovação cada vez mais curto (três anos, ou até menos, em informática, por exemplo). Tornou-se difícil designar as competências ‘de base’ num domínio. (LÉVY, 2011, p.54).

O ingresso de tecnologias digitais, utilizando dados gerados sistematicamente por computadores, e a crescente inserção de programas de interpretação desses dados para gerar novas atividades no interior das fábricas, bem como para proporcionar relatórios de acompanhamento e de desvios na produção passa a compor sistemas flexíveis de produção. “As novas tecnologias permitem a transformação das linhas de montagem típicas da grande empresa em unidades de produção de fácil programação que podem atender às variações do mercado [...]” (CASTELLS, 2016, p. 220).

Operários são substituídos por robôs, gerentes são substituídos por sistemas de gerenciamento, a logística passa a ser mecanizada, em pouco tempo, o próprio transporte das mercadorias no interior e no exterior da fábrica também o será. Linhart (2007) afirma que “[...] pela primeira vez o trabalho está em condições de ser relativizado, graças aos progressos tecnológicos que, ao permitirem enorme economia de mão-de-obra, estão na origem de um índice de desemprego cada vez maior” (LINHART, 2007, p. 50). Embora a posição de Linhart,

acerca do impacto negativo da tecnologia sobre o emprego, seja discutível sob o ponto de vista de alguns autores, o recente relatório da Organização Internacional do Trabalho, *World Employment and Social Outlook 2015: the changing nature of jobs* (OIT, 2015), aponta para mudanças significativas nos padrões de emprego nos últimos anos, observadas em 180 países, em etapas de desenvolvimento diversas. O relatório destaca que menos de um quarto dos empregos globais são de natureza estável e alerta para a redução de ganhos e provável impacto negativo a ser gerado sobre a demanda agregada por bens e serviços. Verifica a tendência decrescente, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, do trabalho contratado de caráter permanente, aquele que remunera melhor o trabalhador, contra o aumento de contratações de natureza temporária, de trabalho parcial, de horas trabalhadas fora do período regular e do trabalho autônomo, todas categorias que pior remuneram. O documento da OIT, de 2015, expõe os impactos de inovações tecnológicas e de sua adoção sobre os empregos da seguinte forma:

Em décadas recentes, a inovação tecnológica, e particularmente a automação avançada têm substituído cada vez mais os empregos altamente qualificados e a realização de tarefas complexas, processo esse que apresenta poucos sinais de arrefecimento. Nos últimos anos, por exemplo, a tecnologia digital erodiu visivelmente os empregos nos setores manufatureiros e no varejo, tendo também alto impacto sobre serviços altamente qualificados, nas esferas financeira, médica e legal. (OIT, 2015, p. 24, tradução minha).

A digitalização de informações, contudo, não se restringiu às questões produtivas materiais, mas rapidamente inundou os países com fluxo intenso de capitais; um de seus impactos mais profundos foi a interligação de bolsas de investimento internacionais e bancos, favorecendo a movimentação de recursos financeiros para nações onde possam obter os maiores retornos sobre o investimento. Essa velocidade e mobilidade de capitais, conhecida como financeirização dos mercados, foram intensificadas com a publicação de balanços e análises de desempenho das indústrias, relatórios e informações imediatas sobre as condições básicas de investimento nos países, a exemplo de exigências legais e tributárias, disponibilidade de mão-de-obra e infraestrutura, riscos políticos e civis, que proporcionam aos investidores uma visão estratégica e abrangente sobre quais seriam suas próximas iniciativas. O Relatório Anual da BM&F BOVESPA, de 2015, sobre o mercado de ações e derivativos de ações, informa que “com relação à participação dos grupos de investidores [...], os não residentes permaneceram como os mais representativos, com 52,8% do volume total negociado, seguidos dos institucionais locais, com 27,2%” (BM&F BOVESPA, 2015, p. 36). Como jogadores de xadrez experientes, acompanham a movimentação das peças distantes do tabuleiro, e usufruindo de

uma visão completa e precisa, traçam estratégias de defesa e de ataque em relação a seus concorrentes, antes mesmo de sua movimentação. Sobre isso, diz esse mesmo Relatório: “Os investimentos feitos em estrutura tecnológica permitem que o risco dos clientes comece a ser monitorado antes mesmo que os negócios sejam realizados, na etapa de pré-negociação [...]” (BM&F BOVESPA, 2015, p. 5).

Não se restringindo às empresas, entretanto, a digitalização passou a ser parte integrante da vida individual. A crescente incerteza sobre onde investir, em que nação ou local produzir bens e serviços, associada à inserção crescente das tecnologias na vida privada, à inundação de informações, notícias, bancos de dados, aumentaram o sentimento de vulnerabilidade sobre o futuro. O indivíduo, atropelado por uma avalanche de informações, passou a sentir-se mais e mais impotente diante dos acontecimentos e do volume de informações disponíveis na Internet. Ameaças a sua subsistência surgem por toda a parte, seja pelo advento de novas tecnologias suprimindo postos de trabalho, pelo fechamento e abertura de empresas e negócios, por fraudes em balanços e fundos previdenciários, mudanças de política nacional e internacional.

O indivíduo do século XXI, inundado e arrastado por uma corrente de água que flui por caminhos tortuosos, difere do homem do século XX, ao observar o comportamento errático da realidade, pelo qual o planejamento se desvanece rapidamente, tal qual fumaça arrastada pelo vento. Ulrich Beck comenta que “se no século XIX foram os privilégios estamentais e as imagens religiosas do mundo que passaram por um desencantamento, hoje é o entendimento científico e tecnológico da sociedade industrial clássica que passa pelo mesmo processo [...]” (BECK, 2011, p. 13). Se antes havia um projeto coletivo para o avanço da humanidade, hoje restam indivíduos ilhados, cuja ação é pouco capaz de interferir em sua própria condição.

Na modernidade líquida, impera a desilusão com o projeto de desenvolvimento global, nacional e individual. Enquanto as condições da modernidade sólida possibilitavam a previsibilidade e o planejamento de longo prazo para a construção de algo, as condições da modernidade líquida são imprevisíveis, passíveis de mudanças tanto abruptas quanto profundas, causando instabilidades que impedem e alteram as menores trajetórias de curto prazo. Bauman observa que “todos aprendemos às nossas próprias custas que mesmo os planos mais cuidadosos e elaborados têm a desagradável tendência de frustrar-se [...]” (BAUMAN, 2001, p. 171), complementando que “[...] nossos ingentes esforços de ‘por ordem nas coisas’ frequentemente resultam em mais caos, desordem e confusão [...]” (BAUMAN, 2001, p. 171). Sennett é taxativo ao elencar as qualidades necessárias ao enfrentamento dos novos tempos da acumulação flexível:

Um eu maleável, uma colagem de fragmentos em incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências – essas são as condições adequadas à experiência de trabalho de curto prazo, a instituições flexíveis e ao constante correr riscos (SENNETT, 2015, p. 159).

Assim, se na modernidade sólida, o trabalho tinha o papel central de ser o motor do desenvolvimento, e tinha importância garantida pelo fornecimento dos recursos para subsistirem as grandes massas operárias, dotadas de sindicatos que as protegessem, na modernidade líquida, a transmutação do papel do trabalho o leva a ganhar relevância quando eleva a produtividade, quando aumenta a lucratividade, quando suprime a atividade rotineira. A pressão para o constante aperfeiçoamento faz com que trabalhadores compitam entre si para ocupar as poucas vagas remanescentes; sem organização coletiva, cada qual tenta cuidar do que restou de um frágil horizonte, sujeitando-se com frequência a trabalhos de prazos cada vez mais curtos, quando não totalmente precários e temporários.

Bauman destaca que, na modernidade líquida, “no mundo labiríntico, os trabalhos humanos se dividem em episódios [...]” (BAUMAN, 2001, p. 174), considerando a imprevisibilidade e a incerteza que passam a incidir sobre eles, bem como seu tempo cada vez mais curto, notando que “cada obstáculo deve ser negociado quando chegar a sua vez [...]” (BAUMAN, 2001, p. 175), e que “[...] o trabalho [...] é [...] mais o resultado de agarrar a oportunidade que o produto de planejamento e projeto” (BAUMAN, 2001, p. 175).

O fio condutor explorado por Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida, conectado às contribuições dos autores selecionados para esta fundamentação teórica, fornece um quadro de vulnerabilidade enfrentado por qualquer indivíduo, em qualquer lugar do globo terrestre. O fato de a economia haver se tornado verdadeiramente global, ressaltando-se que ocorre de formas extremamente desiguais em função da renda disponível, gera efeitos políticos e econômicos que incidem sobre cada família e cada indivíduo. Os autores observam que essas forças supra e transnacionais promovem riscos de muitas naturezas, ambientais, financeiros, políticos, individuais, apenas para dar alguns exemplos. As movimentações de capitais, sempre em busca de maiores retornos aos acionistas, alteram dramaticamente as condições e locais de produção e de emprego, o que afeta as formas de subsistência de muitas famílias, não se restringindo a reduções em uma cesta básica de consumo, no caso de famílias ou indivíduos de renda inferior, mas arrojando as condições de vida da classe média, que atualmente sofre uma diminuição de importância relativa em várias economias ao redor do globo.

O ambiente de investimentos instáveis, combinado à flexibilização das formas de produção, em novos arranjos produtivos, gerenciados de maneiras diferentes, e ainda intensificado pelo desenvolvimento e implementação de tecnologias sofisticadas, em ritmo

mais e mais acelerado, terminam por provocar exigências extremas sobre os trabalhadores, que devem ser capazes de exercer um leque diferente e nem sempre correlato de atividades, de aprender sobre novos equipamentos, processos, e habilidades pessoais para o trabalho em grupo, devem estar dispostos a horários e locais flexíveis, devem sugerir alterações, melhorias e inovações que gerem aumentos de produtividade e lucratividade, devem bater metas a cada dia mais ambiciosas, enfim, devem ser flexíveis, plásticos, resilientes e incansáveis.

À vulnerabilidade, aos riscos, às exigências de flexibilidade e produtividade sempre crescentes precisam ainda, para que se trace um quadro mais fiel dos desafios atuais, serem somados processos de aceleração tanto externa quanto interna. Aceleração externa que se reflete na obsolescência e aparecimento de novas tecnologias e produtos, nas notícias instantâneas, novos modismos, trânsito intenso de mercadorias e fluxos migratórios mais intensos. A aceleração externa converte-se em aceleração interna, essa necessidade de estar sempre em movimento, sempre conectado, sempre transformado por novos acontecimentos, contatos ou informações, além da necessidade de se fazer visível, de promover-se a si mesmo, sob o risco de cair no obscurantismo.

Nos últimos vinte anos, o desenvolvimento tecnológico intensificou-se, seu ritmo de alteração e de melhoria sofreu uma aceleração, a produção robotizada é uma realidade em muitas operações produtivas e também na prestação de serviços. Áreas que costumavam empregar indivíduos extensivamente, como as linhas produtivas de montadoras de automóveis, centrais de atendimento telefônico a clientes, depósitos logísticos para armazenamento e movimentação de mercadorias e mais recentemente motoristas de transportes comerciais estão sendo rapidamente substituídos por robôs ou programas computadorizados. A inteligência artificial ganha terreno, o *big data*, a análise e o tratamento estatístico de um número gigantesco de dados ameaça as atividades feitas rotineiramente por profissionais das áreas de diagnósticos médicos, pareceres jurídicos, contabilidade, auditoria, marketing, determinação de perfis pessoais em recursos humanos, dentre outras funções profissionais conhecidas do paradigma taylorista-fordista.

Embora esteja claro que atualmente coexistam formas de trabalho anteriormente existentes com as novas atividades da revolução digital, a tendência rumo à sofisticação de análises e inteligência computacionais parece um caminho sem volta. O contingente de pessoas removido das empresas, segundo as estatísticas da OIT (2015), migra para atividades temporárias, precárias, sem vínculo empregatício, de natureza autônoma ou em pequenos empreendimentos, quando não engrossa o índice de desemprego. Mesmo em países desenvolvidos, com baixo desemprego, jovens que se formam em cursos superiores, para os

quais desembolsaram quantias consideráveis, num endividamento comprometedor de muitos anos de trabalho vindouro, encontram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, em razão de sua especialização. Em casos mais graves, como na França ou na Espanha, os jovens simplesmente não conseguem se inserir em emprego algum.

Diante dessa realidade brutal, torna-se evidente que a qualidade da formação e da preparação de qualquer pessoa para o enfrentamento de condições agudas deva ser a melhor possível. Em verdade, sob quaisquer circunstâncias, sempre deveu e deverá ser a melhor possível, independentemente das condições existentes ou inexistentes. Deter um ferramental e instrumental, além de mapas de navegação, a capacidade de ler as variáveis, enfim, deter o arcabouço necessário à análise das condições, à inferência das mudanças possíveis, à análise dos recursos disponíveis e à criação de dispositivos capazes de suprir necessidades, o estudo de rotas e trajetórias alternativas, a consideração e ponderação de riscos e a constante releitura e ajuste de todas essas variáveis combinadas, podem auxiliar a superar o que Sennett (2015) colocou como capacidade exclusiva de análise de acontecimentos já ocorridos, quando em verdade, o exercício de futurologia e de antecipação vem a se tornar um requisito essencial à sobrevivência na modernidade líquida. Sobre essa falta de recursos de análise do futuro possível diz Sennett que “[...] esses homens [...] não encontraram meios de ir em frente. No presente flexível e fragmentado, talvez pareça possível criar narrativas apenas sobre o que foi, e não mais narrativas previsivas sobre o que será” (SENNETT, 2015, p. 161).

Nesse ambiente de incerteza, a educação como ferramenta que leva ao exercício profissional, precisa, segundo Bauman, ser de natureza generalista, uma vez que “a vida líquida é uma sucessão de reinícios [...]” (BAUMAN, 2009, p. 8).

3 A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Zygmunt Bauman, em artigo de 2003, intitulado *Educational Challenges of the Liquid Modern Era*, explora a questão das mudanças externas sobre o aprendizado. Ao apresentar os experimentos laboratoriais com animais conduzidos por Pavlov, resultante na teoria dos reflexos condicionados, e por psicólogos americanos, a exemplo de Skinner, culminante na teoria do reforço, Bauman destaca que, em ambos os experimentos, as condições externas aos animais eram mantidas constantes. No experimento de Pavlov, um sino era tocado antes de os cães serem alimentados. Os cães, antes de receberem a ração, começavam a salivar, o que passou a acontecer de forma antecipada, a cada vez que ouviam o sino, mesmo que não houvessem tido contato visual ou olfativo com a ração. Já no experimento comportamental de Skinner, ratos colocados em um labirinto, expostos a um processo de tentativas e erros sucessivos, aprendiam que caminho tomar, a fim de alcançar o alimento depositado em uma das câmaras existentes. O sociólogo polonês destaca que, nos dois processos de aprendizado produzidos em laboratório, partia-se do “[...] axioma do mundo como quadro referencial imutável para o aprendizado [...]” (BAUMAN, 2003, p. 17, tradução minha); um mundo imóvel, regrado, e previsível, que deveria ser descoberto e mapeado. Diz o sociólogo que:

O mundo e suas regras pareciam duráveis, a um ritmo mais duradouro do que o de nossa própria vida mortal e limitada, o que nos fazia acreditar que o que quer que aprendêssemos sobre o mundo teria uma boa chance de nos servir para o resto da vida. Esperávamos que nunca chegaria o momento em que o aprendizado pareceria, em retrospecto, uma perda de tempo, uma receita para o fracasso em responder adequadamente aos desafios da vida. (BAUMAN, 2003, p. 18, tradução minha).

Em consonância com a crença de que, uma vez que o funcionamento e a organização do mundo tivessem sido compreendidos, haveria um arcabouço de conhecimentos úteis a serem aplicados pela humanidade, no caso de haver problemas que retirassem o cotidiano desse comportamento previsível, à semelhança de modelos estatísticos que traduzem comportamentos médios e de desvio em relação à média, Bauman (2003) observa o papel da educação na modernidade sólida: “a educação [...] deveria ser uma atividade, cujo objetivo era o de entregar um produto que, como todos os demais bens, poderia e deveria ser possuído para sempre” (BAUMAN, 2003, p. 19, tradução minha). Assim, o valor da durabilidade, tão prezado na modernidade sólida, fosse o dos bens, da linhagem familiar, dos negócios, aplicava-se

também ao conhecimento. O bom conhecimento, a boa educação deveria durar, resistir ao tempo, apresentar regras, leis explicativas e imutáveis de fenômenos, de conduta e de vida.

O sociólogo também observa que a educação, concebida como produto, apresentava a vantagem de que, uma vez que a ciência houvesse avançado o suficiente para cobrir o maior espectro possível de fenômenos e de leis, uma vez que esse conjunto de conhecimentos houvesse sido conquistado, bastaria então, para promover o desenvolvimento global, transmitir todo esse arcabouço ao restante da população mundial, por meio da educação. Bauman (2003) então prossegue elucidando que, quanto maior o avanço da ciência, maior também a sensação de ignorância e de lacunas de entendimento; o plano de racionalizar todos os cantos obscuros do universo desfaz-se a cada nova descoberta e o próprio conjunto de dados e de explicações não para de aumentar, de forma que os indivíduos se tornam, paradoxalmente, cada vez mais ignorantes.

Acrescente-se à ignorância crescente, o fracasso global em promover a igualdade e a prosperidade, e se tem a receita para o descrédito do acúmulo de conhecimentos. A educação, tanto quanto qualquer outro produto passível de consumo, torna-se descartável, válida somente enquanto não houver nova mudança. O que se esfacela, na modernidade líquida, é a crença de que o tempo dedicado, o acúmulo de conhecimentos, enfim, o investimento realizado no estudo, por meio da educação, retornará ao indivíduo na forma de qualidade de vida melhor ou de maior bem-estar. Inseridos em um mundo midiático, onde são valorizadas as experiências, as sensações, os estímulos, mais do que a posse de bens, a concentração e a dedicação temporal da educação do século XX contrastam com a efemeridade das experiências do século XXI³. O conhecido discurso paternal, como destacado por Bauman (2003) de que “[...] o que você aprendeu, nunca ninguém retirará de você [...]” (BAUMAN, 2003, p. 20, tradução minha) envelhece e se decompõe na contemporaneidade; a educação deixa de ser atrativa, ao menos no que tange à motivação antiga de que, uma vez educado, o indivíduo passaria a acessar as condições de uma vida melhor do que aquelas vividas anteriormente.

De fato, a lógica do investimento/retorno, do custo/benefício também se desmonta em um ambiente global, de imprevisibilidade e de riscos crescentes. Conforme os indivíduos estão expostos a variáveis cada vez mais distantes de sua existência local, em outras palavras, são afetados por políticas localizadas em países distantes, guerras e fluxos migratórios a milhares de quilômetros, por informações e movimentos produzidos do outro lado do planeta, tanto mais os modelos explicativos de uma relação direta entre investimento e retorno, ou de uma relação

³ Christophe Türcke aborda a crescente necessidade social de excitação e de renovação de sensações e de experiências em *Sociedade Excitada: filosofia da sensação* (2010).

inversa entre custo e benefício, tornam-se inócuos. A capacidade de gerar cenários, de considerar variáveis, vai se tornando campo de estudo de *experts*, de inteligência artificial. Para um grande número de pessoas, mirar o universo de informações disponíveis na *web*, com vistas a incrementar seu arcabouço de conhecimentos, torna-se uma experiência confusa e frustrante, tanto quanto olhar para fora de si, observar a intensa concentração de recursos financeiros e as barreiras à entrada, em inúmeros campos de atuação profissional e, apesar de tudo isso, almejar a melhoria de suas condições de vida⁴⁵. A educação moldada no século XX, cujo lastro se encontrava na perspectiva de uma vida melhor, perde brilho e atratividade, em tempos de trabalho temporário, parcial, precário e de desemprego avassalador.

Confrontados com grandes restrições, tanto de compreender, como de absorver um grande volume de informações e de conhecimentos, e impotentes diante de alterações globais que lhes trazem impactos locais, alguns indivíduos tomam a iniciativa de ingressar em grupos de interesse comuns, alavancados pelos encontros virtuais possibilitados pela internet. Pipocam as notícias sobre grupos de escambo, de aproveitamento de mercadorias usadas, de economia solidária, de *crowd-funding*, de fóruns de discussão, de espaços compartilhados. Para Michel Maffesoli, sociólogo francês e contemporâneo de Zygmunt Bauman, autor da obra *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade* (2016), surge uma contracultura, a do pensamento pluriforme, “[...] o questionamento adogmático, o do conhecimento comum, que sabe aliar a reflexão e a experiência, o bom senso, por essência plural, e a razão aberta” (MAFFESOLI, 2016, p. 51). Para o sociólogo, a ligação visceral do pensamento à realidade deixa de pensar sobre o mundo como deveria ser, sobre o mundo propalado pelo ideal de progresso, para entender o mundo como ele é. Na visão desse sociólogo, o conhecimento assim, necessita desmontar, questionar os conceitos, os modelos, tudo aquilo que a ciência sedimentou, congelou, imobilizou:

⁴ Joseph E. Stiglitz em *Globalização: como dar certo* (2007) observa: “A comissão (Comissão Mundial sobre as Dimensões Sociais da Globalização) examinou 73 países em todo o mundo. Suas conclusões foram chocantes. Em todas as regiões do mundo, com exceção da Ásia Meridional, dos Estados Unidos e da União Européia (U.E.) as taxas de desemprego aumentaram entre 1990 e 2002. Quando o relatório foi publicado, o desemprego global havia alcançado um novo recorde de 185,9 milhões de pessoas. A comissão também concluiu que 59% da população mundial vivia em países com desigualdade crescente, com apenas 5% em países com desigualdade em declínio” (STIGLITZ, 2007, p. 68).

⁵ Guy Standing em *O Precariado: a nova classe perigosa* (2015) diz que o precariado “consiste em pessoas que têm relações de confiança mínima com o capital e o Estado [...]” (STANDING, 2015, p. 25) e complementa afirmando que “na Itália, o termo *precariato* tem sido empregado para significar mais do que apenas pessoas cumprindo tarefas casuais e com baixas rendas, indicando a existência precária como um estado de vida normal [...]. Na Alemanha, o termo tem sido usado para descrever não apenas trabalhadores temporários, mas também desempregados que não têm esperança de integração social. [...] No Japão, o termo tem sido usado como sinônimo de ‘trabalhador pobre’[...]” (STANDING, 2015, p. 26-27).

É porque, *de facto*, existe uma tal dialogia entre o um e o múltiplo, é porque está em ação um policulturismo galopante, é porque o multilateralismo, em todos os domínios, renasce em formas serenas ou exacerbadas, é porque o mosaico pós-moderno se torna a expressão de um *Real* que salta aos olhos e coerente, ao mesmo tempo, é em função de tudo isso que é necessário colocar em jogo, além de nossas disciplinas acadêmicas algo estagnadas e infecundas, uma nova episteme de acordo com a nova atmosfera mental no momento (MAFFESOLI, 2016, p. 55-56).

Michel Maffesoli critica as escolhas fechadas, o finalismo único, questionando até mesmo o “[...] projeto político, econômico, educativo e outras bobagens da mesma espécie que consideram que não há *sentido senão se há sentido*” (MAFFESOLI, 2016, p. 59, grifos do autor). O sociólogo descreve a sociedade atual como aquela das tribos, que busca o que é lúdico, mítico, prazeroso, que contém uma “[...] atitude de espírito feita de ironia e de independência [...]”, e que “[...] relativiza o saber absoluto e algo abstrato, em proveito de um conhecimento que privilegia as singularidades concretas” (MAFFESOLI, 2016, p. 57). Para o autor, as relações entre as tribos e os territórios passam a ser orgânicas, multilaterais, “as redes sociais, os *sites* comunitários favorecem essa interação e suscitam uma contaminação de que se começa, apenas, a medir os efeitos”, promovendo “[...] um verdadeiro *enraizamento dinâmico*” (MAFFESOLI, 2016, p. 78). Em sua visão, essa leveza, transitoriedade e instabilidade da vida líquida são contrapostas às iniciativas de ligação em rede, de enraizamento dinâmico, de tribalismo nômade. Maffesoli ainda afirma, sobre tais mudanças, que “as jovens gerações não entendem mais ‘perder a vida para ganha-la’. [...] Os fóruns de discussão filosófica e outros *sites* comunitários mostram que a autonomia da vida do espírito é uma realidade incontornável” (MAFFESOLI, 2016, p. 119). O sociólogo francês afirma:

Em tal mudança de paradigma, o saber não pode mais impor-se *a priori*, mas participa de um processo de acompanhamento *a posteriori*. Na *noosfera wiki*, a esfera de um espírito coletivo, o saber não é mais tarefa individual, mas, sim, coisa coletiva. Além disso, ele não é eterno, e não pode ser dogmático. Por isso, ele se transforma em questionamento, surpresa (MAFFESOLI, 2016, p. 197, grifos do autor).

A percepção acerca de consensos e dúvidas debatidos coletivamente também é central na obra de Pierre Lévy, *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço* (2015). Definindo o saber para além das fronteiras do conhecimento científico, diz o filósofo que “cada vez que o ser humano organiza e reorganiza sua relação consigo mesmo, com as coisas, com os signos, com o cosmo, ele se envolve em uma atividade de conhecimento, de aprendizado” (LÉVY, 2015, p. 123). O aprendizado e seus pacientes, antes massificados, pouco expressivos, no sentido de ser sua opinião pouco considerada, anteriormente imobilizados na palavra escrita,

destacam-se hoje no *ciberespaço* como agentes, promotores expressivos de mudanças, difusores de linguagens e de signos múltiplos, construtores de uma inteligência coletiva. Lévy (2015), adicionalmente, argumenta que essa organização “promove uma engenharia social que faça trabalhar o conjunto, que faça as criatividades, a capacidade de iniciativa, a diversidade de competências e as qualidades individuais entrar em sinergia, sem encerrá-las ou limitá-las [...]” (LEVY, 2015, p. 59).

Contudo, Bauman não se mostra tão otimista quanto à propensão individual a se engajar e a se envolver. No mundo líquido-moderno, em que mais importa a sedução temporária do consumo e do descarte, do que a estabilidade monótona da durabilidade, o sociólogo distingue turistas de vagabundos, em sua obra *Globalização: as consequências humanas* (1999). Turistas são aqueles consumidores com capacidade de consumir bens, serviços, emoções e experiências, são os que viajam frequentemente a negócios ou a passeio, estão sempre ocupados, que se deleitam com os prazeres da viagem e que usufruem de uma vida cosmopolita e global, voluntária ou involuntariamente, “se estão se movendo é porque ‘ficar em casa’ num mundo feito sob medida para o turista parece humilhante e enfadonho [...]” (BAUMAN, 1999, p. 100-101); os vagabundos são as pessoas que desejam, mas não podem consumir, “[...] são esmagadas pela carga de uma abundância de tempo redundante e inútil [...]” (BAUMAN, 1999, p. 96), alguns vagabundos simplesmente desistem de se tornar turistas, mas “[...] há uma grande parcela [...] que não está bem certa de onde se encontra no momento [...]” (BAUMAN, 1999, p.105). O sociólogo alerta que a linha que os separa é tênue, e que do dia para a noite pode-se estar de um lado ou outro.

Abraçar o projeto educacional do século XX, progressivo e disciplinar, numa sociedade na qual o indivíduo se alterna como turista ou vagabundo, num horizonte inalcançável de informações disponíveis, parece desanimador. Como diz o sociólogo “em algum ponto [...] se perdeu a promessa de equiparar as oportunidades por meio de uma educação universal, capaz de promover uma vida feliz [...]” (BAUMAN, 2013, p. 38), e destaca que “em nenhum outro ponto inflexivo da história humana os educadores se defrontaram com desafios comparáveis aos contemporâneos. Nós simplesmente nunca estivemos em uma situação semelhante” (BAUMAN, 2003, p. 25). A educação passa a ser uma obrigação, um passivo, muito mais do que um ativo a ser levado para a vida. O sociólogo apresenta um dos maiores desafios postos à educação em tempos de modernidade líquida, proveniente da “[...] natureza essencialmente imprevisível e errática da mudança contemporânea [...]” (BAUMAN, 2003, p. 20), que questiona incessantemente o modelo de conhecimento como explicação da realidade e que constantemente surpreende os “[...] mais bem informados [...]” (BAUMAN, 2003, p. 20).

Os anos de educação, que proporcionavam o entendimento de níveis de complexidade crescentes, e que forneciam um arcabouço cada vez maior de informações, são desafiados pela cultura da fragmentação, do imediatismo, da simplificação, da superficialidade. A educação fragmentada, se por um lado proporciona uma satisfação temporária ao consumidor educacional, por outro lado apresenta uma capacidade explicativa limitada; o conhecimento que capacita e instrumentaliza deve, muitas vezes, ser aprofundado, refletido, questionado, ampliado; ampliação que está progressivamente delegada à responsabilidade individual.

Viver em um período em que não há tempo suficiente para interpretar os sinais emitidos pelo exterior, além do fato de que há sinais emitidos por uma infinidade de fontes, torna-se desafiador. O uso de um leque de instrumentos interpretativos da realidade se faz necessário. Há evoluções lineares ou em saltos de conhecimento e de tecnologia em muitas áreas do saber. Há alterações na importância dos atores responsáveis pela elaboração de políticas em nível nacional e internacional, bem como no estabelecimento de prioridades dessas agendas. Há movimentos imprevistos, também nacional ou internacionalmente, a exemplo de catástrofes naturais, ataques terroristas, desastres energéticos, que são capazes de afetar milhares de pessoas. Evidentemente, embora haja tentativas de se estabelecer relações entre essas variáveis para a inferência de cenários vindouros, a capacidade de antecipação de eventos, e portanto, de um adequado posicionamento individual ou coletivo em face de mudanças vindouras, encontra-se limitado por inúmeros fatores, tais como assimetria de informações, disponibilidade de arcabouço intelectual e técnico de compreensão dos fatos, capacidade de ponderar relativamente a importância das variáveis, para estabelecer a possível extensão de seu impacto, por interferências de formadores de opinião, entre outros. Sobre isso Bauman (2009) comenta: “[...] a maioria das variáveis das equações (se não todas) é desconhecida, e nenhuma estimativa de suas tendências pode ser considerada [...] confiável” (BAUMAN, 2009, p. 8).

Na obra *Sobre Educação e Juventude* (2013), Zygmunt Bauman compara a estratégia de enfrentamento da realidade mutável à estratégia utilizada por mísseis balísticos inteligentes para atingirem seu alvo. Uma vez que muitas informações e dados são processados por mísseis balísticos inteligentes, Bauman destaca que a capacidade de coletar, interpretar e decidir sobre essas informações, *quando estão em pleno voo*, permite a tais mísseis avaliar quais seriam os alvos preferíveis a serem atingidos, dadas as informações constantemente atualizadas e dadas suas próprias características técnicas. Assim “[...] os alvos são selecionados enquanto o míssil avança, e são os meios disponíveis que decidem qual ‘fim’ será escolhido” (BAUMAN, 2013, p. 20). Para Bauman, a flexibilidade de processar informações novas, conforme são recolhidas, combinadas às capacidades desses mísseis, possibilita alterações de percurso em curtos espaços

de tempo, promovendo a velocidade de adaptações; o sociólogo polonês prossegue dizendo que a “[...] ‘inteligência’ do míssil e sua eficácia se beneficiarão se seu equipamento for de natureza ‘generalista’ ou ‘indeterminada’, sem foco numa categoria específica de objetivo [...]” (BAUMAN, 2013, p. 20).

Como o sociólogo (2013) descreve, aquele ou aquilo que tiver mais recursos a sua disposição, for dotado de conhecimentos abrangentes, tanto quanto da capacidade de se aprofundar em determinadas rotas, quando necessário, mantendo constantemente a avaliação e análise das condições do ambiente, quando se trata de variáveis que venham possivelmente a alterar seu destino, provavelmente realizará uma trajetória satisfatória no atingimento de seus objetivos móveis, sem maiores danos em sua estrutura. Quando o que é real, também é volátil; quando os sólidos se liquefazem, é preciso “mudar de ideia’ ou revogar ‘decisões’ anteriores sem remorsos nem reconsiderações” (BAUMAN, 2013, p. 21). Para esse autor, “incerteza significa risco, companheiro inseparável de toda a ação e espectro sinistro a assombrar os compulsivos tomadores de decisão e escolhedores que nos tornamos” (BAUMAN, 2013, p. 23).

À vista de mudanças ininterruptas, seja em circunstâncias em que é agente de mudança, muda de atividade remunerada, de local, de teor ou de ferramentas de trabalho, ou paciente das alterações, quando, mesmo em trajetória minimamente planejada, sofre ataques externos a sua situação de equilíbrio momentâneo, o indivíduo necessita fazer revisões constantes de seu entorno. Tal exigência se assemelha à experiência de um viajante ou de um imigrante, que precisa se inteirar da organização cultural distinta do local que visita. Antes relativamente homogênea e previsível, a variedade de circunstâncias atuais a que o indivíduo é exposto é enorme, fazendo dele um estrangeiro a cada nova mudança, seja de ambiente de trabalho, de residência, de grupo de interação social. Para tornar concreta sua condição objetiva de subsistência, num mundo em que a maioria está desprovida de meios de garantir as condições básicas de alimentação, para dizer o mínimo, exige-se do indivíduo que seja como um camaleão, capaz de observar, perceber e acima de tudo, *aprender* os valores, as normas, as relações de poder, as técnicas, os tempos, as sutilezas do novo ambiente, isto é, das circunstâncias inéditas em que se insere. Conforme explicitado por Bauman (2013), cada mudança rompe parcialmente ou totalmente, dependendo de sua profundidade e de sua intensidade, um arcabouço temporariamente constituído de conhecimentos e de interpretação da realidade. Para a nova experiência, leva-se na memória e no aprendizado o que foi compreendido e sedimentado da experiência anterior; ocasionalmente a maior parte do repertório necessário à adaptação precisa ser construído do zero, exigindo esforço, resiliência, paciência e humildade.

Richard Sennett, em seu livro *El extranjero: dos ensayos sobre el exilio* (2014), retrata as impressões de Aleksandr Herzen, um jovem exilado russo, que perambula por capitais da Europa ocidental, terminando seus dias em Londres, nos anos seguintes a 1800. O autor extrai, dos comentários de Herzen, várias reflexões acerca dos processos internos, conflituosos, pelos quais um estrangeiro passa; ressaltando, por exemplo, que a necessidade de assimilação em uma nova cultura pode vir a ser um processo de grande exigência interior; diz Sennett: “Herzen era demasiadamente civilizado para considerar que esses estrangeiros que procuravam assimilar-se haviam sido moralmente corrompidos por necessidade. Melhor, via-os como pessoas que haviam embarcado em uma espécie de amnésia voluntária [...]” (SENNETT, 2014, p. 105, tradução minha). A condição de estrangeiro, assim, exige uma tensão entre esquecimento e lembrança, entre abrir mão do que se é, ou da imagem que se faz de si mesmo, em prol da assunção de formas novas de viver, de se comportar, de novos valores. Ao mesmo tempo desconfortável e instigante, a experiência de observar o mundo a partir de outros ângulos, acrescenta ao indivíduo, que pode vir a sentir-se pessoa de parte alguma; já não se reconhece no espelho, como muito bem descrito por Sennett a respeito da pintura *El bar del Folies-Bergère* de Édouard Manet, de 1882 (SENNETT, 2014, p. 69-75).

Os desafios inerentes à adaptação às terras estrangeiras podem ser transpostos àqueles enfrentados pelos indivíduos da modernidade líquida. Convocados constantemente a entrar em contato e a compreender contextos, assuntos e grupos diferentes, o indivíduo é chamado a ler, interpretar, interagir e desenvolver sobre bases às quais estava completamente alheio. Esse desafio exige abertura ao novo, mas também exige repertório, arcabouço e assim, sucessivamente exposto, forma-se um ser humano que é uma colagem de fragmentos, alguns harmoniosos, outros nem tanto. A resistência e a inflexibilidade, em terras estrangeiras, certamente levam à exclusão; sobre isso Sennett (2014) comenta que “nesse espelho de deslocamento, espelho deformante, o ritual, a crença, o hábito, os signos de linguagem se mostrariam completamente diferentes daqueles do país de origem [...]” (SENNETT, 2014, p. 93), complementando mais a frente que “o feito de fazer-se estrangeiro implica um deslocamento a respeito das próprias raízes” (SENNETT, 2014, p. 97). Embora possa haver circunstâncias nas quais os exilados devam escolher entre os valores e normas de suas raízes e aqueles dos horizontes novos, sua relutância em fazer-se maleável pode tornar-se extremamente custosa; cabe então, a cada indivíduo certificar-se de conhecer seus próprios valores éticos fundamentais.

Em um artigo intitulado *Education in the World of Diasporas* (2010), Bauman também discute como contingentes crescentes de pessoas deixam seu país de origem; observa que os

fluxos migratórios globais há tempos não seguem mais as direções colônia-colonizador e vice-versa, fazendo dos destinos apenas localidades temporárias de permanência. Esse fenômeno transforma as cidades em aglomerados multiculturais, nos quais não é mais possível pensar em processos de “[...] evolução cultural” (BAUMAN, 2010, p. 399, tradução minha). Para Bauman (2010) “as formas de vida flutuam, encontram-se, confrontam-se, colidem, agarram-se, fundem-se e agrupam-se com gravidades iguais” (BAUMAN, 2010, p. 399, tradução minha). Para o autor, não cabe mais pensar em retirar do estrangeiro o que lhe faz estrangeiro, em praticar políticas de assimilação cultural, ou mesmo de adotar uma postura de resistência à fusão ou à interação cultural. A mudança paradigmática é a de que, na modernidade líquida, não “[...] há ‘pessoas’ a ‘cultivar’” (BAUMAN, 2010, p. 400, tradução minha). Essa lógica, então, proporciona espaços para que os indivíduos vivam períodos de continuidade, aleatoriamente enlaçados a períodos de descontinuidade; esses indivíduos lançam suas âncoras e permanecem flutuando local e temporariamente. Completamente diferente da organização populacional em Estados-nação, de características culturais singulares e de trânsito limitado, Bauman descreve diásporas, populações inteiras residentes de locais distintos de sua origem, que não necessariamente abandonam seus traços culturais únicos, mas que, por outro lado, adaptam-se a um ambiente completamente diferente. Tal qual Sennett, o sociólogo polonês não condena essa inserção estrangeira, ao contrário, traduz-na como *insight* para uma organização coletiva possível. A lógica do respeito, da tolerância e do conhecimento mútuo é extensiva à educação; uma lógica que não impõe uma cultura dominante, ao contrário, em que a cultura é permeável e mutável.

Em sintonia com o profundo estrangeirismo em que o indivíduo se encontra em relação aos demais e em relação ao conhecimento, Pierre Lévy enfatiza a necessidade de se praticar a escuta:

A escuta consiste em fazer emergir, em tornar visível ou audível, a miríade de ideias, argumentos, fatos, avaliações, invenções, relações que constituem o social real, a massa do social, em sua mais profunda obscuridade: projetos, competências específicas, modos originais de relação ou de contratualização, experimentos organizacionais, etc. Em situação de mobilidade, as línguas oficiais ou as grades fixas só alcançam confusão, ocultação e desorientação (LÉVY, 2015, p. 71).

Almeida, Gomes e Bracht escrevem, em sua obra *Bauman e a Educação* (2016), a respeito da escolarização na modernidade sólida, que “a tese de Bauman [...] é a de que o ‘mundo do lado de fora’ das escolas cresceu diferente do tipo de mundo para o qual as escolas estavam preparadas a educar nossos alunos” (ALMEIDA, GOMES e BRACHT, 2016, p. 65),

afirmando também que, para o sociólogo polonês, “a formação é impensável de qualquer outra forma que não seja uma re formação permanente e eternamente inconclusa [...]” (ALMEIDA, GOMES e BRACHT, 2016, p. 66). Os autores enfatizam o fato de que a educação, praticada nos termos de precariedade do conhecimento, e sempre sujeita a revisões, inevitavelmente provoca angústia e desconforto; conseguem sintetizar uma nova forma de compreender a educação, proposta por Bauman: “[...] um tipo de aprendizado capaz de romper com a regularidade, flexível o bastante a ponto de permitir liberar-se de ‘velhos’ hábitos e com uma enorme capacidade de reorganizar experiências episódicas e fragmentárias em pautas anteriormente pouco familiares” (ALMEIDA, GOMES e BRACHT, 2016, p. 71).

Os mesmos autores observam também que, a partir das constatações de Bauman sobre o perfil consumista e imediatista da sociedade atual, todo aquele conhecimento que não apresenta utilidade, isto é, cuja aplicação não é passível de tradução em recursos financeiros, é visto com desconfiança (ALMEIDA, GOMES e BRACHT, 2016). O fato é que a lógica de investimento e consumo vigente no modelo de educação de médio e longo prazo da modernidade sólida, pelo qual os anos de educação primária, secundária e terciária eram convertidos em carreiras sólidas, em empresas ou profissões liberais estáveis, simplesmente não existe mais. Daí infere-se que a realidade concreta contemporânea insiste em contrariar as expectativas da mentalidade ainda remanescente do século XX.

Em ambiente volátil, onde o vento sopra erraticamente em direções diferentes, a intensidades variadas, quanto mais abrangente, ou melhor, quanto menos específica, tanto mais utilizável é a educação. A cada nova exigência, num mar de informações, dados e possibilidades, a responsabilidade pelo aprofundamento cabe ao indivíduo, do qual se exige a maturidade para tal. Preocupado com os déficits crescentes na formação de grandes massas humanas, o sociólogo polonês ressalta as deficiências existentes em sistemas educacionais:

Agora é a hora do pânico diante da perspectiva de crescer o número de pessoas pouco instruídas (pelos padrões mundiais cada vez mais estritos), inadequadas para laboratórios de pesquisa, oficinas de design, salas de conferências, estúdios de arte ou redes de informação, em consequência de redução dos recursos das universidades e do número decrescente de formandos das instituições de alto nível (BAUMAN, 2013, p. 48).

O mero controle sobre determinada extensão de conhecimentos há muito não é suficiente como explicação da realidade; diante de um mundo interconectado, que produz informações incessantemente, Manuel Castells afirma:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 2016, p. 88).

Extrapolando-se a afirmação de Manuel Castells para outras esferas, além do campo tecnológico, a complexidade originada pela produção intensiva de informações e pela rede de relações entre conhecimentos e variáveis, exige do indivíduo uma capacidade de processamento, isto é, de interpretação e de reflexão, se houver tempo para tanto, semelhante à de processadores digitais, que minimamente lhe proporcionem insumos para tomadas de decisão e de ação mais adequadas. Como se depreende também da afirmação acima, a retroalimentação é parte intrínseca desse processo de análise ininterrupta da realidade, cujo tempo de execução torna-se cada vez menor, aproximando-se da instantaneidade.

A lógica da gestão da informação em rede pode ser entendida por uma afirmação de Pierre Lévy (2011) sobre a mobilidade: “[...] em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte” (LÉVY, 2011, p. 23). Esse autor usa a imagem do caleidoscópio para ilustrar como o processamento de textos, antes realizado de forma linear, em buscas de páginas, volumes, e bibliotecas virtuais passa a ser feito em frentes de conexão, facetas diferentes, em velocidade e simultaneidade crescentes. Em suas palavras “inventa-se hoje uma nova arte da edição e da documentação que tenta explorar ao máximo uma nova velocidade de navegação em meio a massas de informação que são condensadas em volumes a cada dia menores” (LÉVY, 2011, p. 45). À semelhança dos desafios envolvidos na edição de textos digitalizada, os indivíduos também precisam, na modernidade líquida, fazer a leitura de informações, sinais, tendências e correlação entre variáveis num processo de análise e organização de cenários, mais e mais globais, de forma semelhante à produção de imagens no caleidoscópio. A organização e a interpretação do conhecimento tornam-se assim um desafio impressionante, no sentido real de exercer pressão para sua realização, sob o risco de implosão ou de exclusão da vida individual no ambiente social. Essa capacidade analítica dos seres humanos vê-se muito atrás da revolução informacional, promovida pela inteligência artificial, na corrida pela apreensão das defesas necessárias às situações de risco informadas por Beck (2011). Para Bauman (2013):

Os “recursos escassos” básicos de que é feito o capital e cuja posse e gerenciamento fornecem a principal fonte de riqueza e poder são hoje, na era pós-industrial, o conhecimento, a inventividade, a imaginação, a capacidade de pensar e a coragem de pensar diferente [...] (BAUMAN, 2013, p. 48).

O debate se a inteligência humana será em breve suplantada pela inteligência artificial faz parte de um campo que extrapola as discussões desta dissertação⁶. Ainda assim, caso fosse possível imaginar uma evolução tecnológica tal que milhares de computadores interligados passassem a aperfeiçoar algoritmos cada vez mais sofisticados, em aprendizado contínuo, a fim de obter um grande número de dados e resultados ou cenários prováveis, poder-se-ia imaginar que os seres humanos ainda seriam necessários à operação e ao desenvolvimento desses equipamentos e *softwares*. Nesse cenário, de dependência crescente em relação às tecnologias, aqueles que estiverem mais bem preparados para as produzir, entender, alterar, estarão em posição mais vantajosa em relação aos demais, possivelmente, para o acesso a bens materiais, e a condições de vida mais desejáveis.

Por outro lado, ainda que a tecnologia produza meios objetivos para servir à humanidade, serão ainda meramente meios e não necessariamente o conteúdo, a essência, a experiência ou o valor do que, e como se vive, isto é, mesmo que a tecnologia extrapole sua função ferramental e passe a ganhar espaço na mediação com a experiência, ainda não constituirá a experiência, a vivência, o sentido, campo que estará eternamente sujeito às intrincadas correlações entre percepções, análises, julgamentos, sentimentos, sobre os quais a educação atua diretamente, informando, fornecendo, refletindo, questionando.

Depreende-se de Bauman, Sennett, Maffesoli e Lévy que grandes transformações em curso desafiam as formas de educação conhecidas do século XX. Se, inserido em ambiente instável e caótico, o indivíduo está sujeito a constantes riscos, por outro lado, conta com canais de comunicação antes inexistentes, isto é, a internet, o ciberespaço. Ao mesmo tempo em que vive um sentimento de desterro e de isolamento, é possível conectar-se com tribos de interesse comum, surfar por assuntos desconhecidos, ou aprofundar-se em pesquisas antes restritas a poucos centros altamente intelectualizados. A educação como verdade universal, os conceitos e modelos explicativos da realidade, o conjunto de valores moralmente vigentes cai por terra; o conhecimento, a própria vida e o indivíduo transformam-se em fragmentos, apenas temporariamente arranjados como uma colcha de retalhos, para logo adiante, se expandir, modificar-se em seu desenho e contorno. O indivíduo, eternamente estrangeiro em seu próprio habitat, tem agora que se abrir ao novo, ouvir o diferente, exercer a empatia, colocar seu saber em suspenso, pois tudo é efêmero e nada é duradouro.

⁶ O documentário *Erica: man made*, do The Guardian, mostra os esforços recentes do Dr. Hiroshi Ishiguro para produzir robôs à imagem de seres humanos. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/ng-interactive/2017/apr/07/meet-erica-the-worlds-most-autonomous-android-video>

Percebe-se, portanto, que o protagonismo, a autonomia, a responsabilidade, a participação, a revisão constante no processo educativo, seja institucionalmente intermediado ou realizado autonomamente, como por meio de um autodidatismo tão privilegiado pela oferta abundante de informações atual, são centrais para a formação na modernidade líquida. Como bem observado por Viviane Mosé em *A Escola e os Desafios Contemporâneos* (2015), agora que o conhecimento enciclopédico está armazenado no *HD* ou na *nuvem*, é preciso “estimular a curiosidade, valorizar a dúvida, promover o acesso aos conteúdos, oferecer métodos de filtragem de dados, incentivar a pesquisa, a criação e a síntese [...]” (MOSE, 2015, p. 64). A autora manifesta a necessidade de “[...] estimular o gosto por aprender, [...] a fome de saber [...]” e destaca a teleologia da educação atual: “formar pesquisadores, pensadores, autônomos e responsáveis, esse é o alvo da educação contemporânea e sua urgência” (MOSE, 2015, p. 65).

Linhart (2007) também observa que, uma vez que o trabalho da modernidade, organizado em uma carreira, ou em um planejamento que servisse de guia, numa evolução linear, perde a centralidade na atualidade, educar exclusivamente para o exercício profissional deixa de ser suficiente:

A fim de não faltar a esse encontro, de evitar que a sociedade se esfalesse diante do aumento da exclusão e de descobrir, enfim, outros acessos ao desenvolvimento, à realização pessoal, de todos os indivíduos que a constituem, convém preparar a sociedade para essa guinada: é preciso “reencantar” outros valores, outras dimensões da socialização e do vínculo social, reconstruir longe da racionalidade econômica [...] (LINHART, 2007, p. 50).

A abordagem, tanto dos valores vigentes na modernidade sólida, quanto daqueles surgidos e debatidos na modernidade líquida, faz-se necessária. A realidade leve e liquefeita da contemporaneidade deve ser trazida para o interior da escola, sob pena de haver duas linguagens que absolutamente não se comunicam. Para Bauman (2010), as novas gerações, profundamente envolvidas com a vida *on-line*, percebem e compreendem as relações, os compromissos, a comunicação e o planejamento de forma distinta das gerações anteriores.

O autor enfatiza que “o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013, p. 25). Antagonizando o aprendizado sólido, cumulativo e durável de outrora à percepção e digestão de signos e informações velozes e fugazes de hoje, Bauman reflete que “a arte de surfar tomou a posição, na hierarquia das habilidades úteis e desejáveis, antes ocupada pela arte de aprofundar-se” (BAUMAN, 2013, p. 38).

3.1 A Educação Profissional na Modernidade Líquida

A educação profissional superior é atualmente concebida como uma oferta de formação de natureza mais especializada, cujo objetivo vincula-se ao encaminhamento de seus egressos a determinados nichos do mercado de trabalho. A formação, mais especializada, é também mais breve e, frequentemente, encontra-se um forte laço entre as instituições formadoras e as organizações industriais. Nas palavras de Peterossi (2014), a educação profissional e tecnológica “não constrói o conhecimento enquanto tal, uma vez que essa é a função das áreas de pesquisa, acadêmicas e empresariais, mas potencializa o desenvolvimento de competências” (PETEROSSO, 2014, p. 5).

Esse estreito vínculo entre as escolas profissionais e a indústria pressupõe que a formação profissional e as certificações que dela decorrem devam, ainda que potencialmente, relacionar-se com postos de trabalho existentes nos setores secundário ou terciário da economia. Em outras palavras, pressupõe-se um vínculo, uma ligação, uma trilha que estabelece um caminho entre a formação obtida e o possível exercício profissional futuro. Tanto aqueles que são responsáveis pela elaboração de políticas públicas de formação profissional, quanto muitos dos estudantes que frequentam os cursos, detêm expectativas sobre o retorno produtivo a ser obtido após seu ingresso no mercado de trabalho. *Policy makers* objetivam promover o desenvolvimento e incrementar o produto interno nacional, possibilitando a inserção de mais pessoas no mercado de trabalho; egressos pretendem melhorar suas possibilidades futuras, sua condição de vida e sua renda.

O documento *Learning for Jobs: OCDE reviews of vocational education and training* (OCDE, 2009), da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), apresenta a necessidade de se adequar a educação profissional, internacionalmente conhecida como *vocational education*, às demandas do mercado de trabalho, dizendo que “os sistemas de educação e de treinamento profissionais precisam de mecanismos que assegurem que o número de pessoas treinadas em ocupações diferentes se iguale às necessidades do mercado de trabalho” (OCDE, 2009, p. 13, tradução minha). A OCDE também recomenda que haja o envolvimento efetivo de empregadores e de sindicatos com essa educação, para garantir o ensino daquelas qualificações exigidas pelo setor industrial:

O seu envolvimento (dos empregadores e dos sindicatos) ajuda a assegurar

que o conteúdo da educação e do treinamento profissionais – o que é ensinado em suas escolas e no local de trabalho e como as avaliações são elaboradas – seja relevante para o mercado de trabalho (OCDE, 2009, p. 15, tradução minha).

A definição de educação e treinamento vocacionais, da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico é bem restrita, dizendo que “incluiu programas de educação e de treinamento planejados, e tipicamente orientados, a um emprego ou tipo de emprego particular” (OCDE, 2009, p. 18, tradução minha).

Outro documento, este da Organização Internacional do Trabalho (OIT), intitulado *Antecipación de las Competências Profesionales – transferencia del Modelo SENAI de Prospectiva* (OIT, 2013) apresenta a organização e os métodos utilizados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial em seu “Modelo SENAI de Prospecção”. O documento elenca as etapas seguidas por essa iniciativa com vistas à antecipação de “[...] mudanças possíveis em perfis ocupacionais e educativos [...]”, objetivando “[...] prever a necessidade futura de mão de obra qualificada na indústria [...]” (OIT, 2013, p. 11): a prospecção tecnológica e organizacional, a análise de ocupações emergentes, a investigação dos impactos e tendências ocupacionais e a análise de lacunas educativas. O próprio *site* institucional do SENAI apresenta a vinculação entre a formação profissional e o mercado de trabalho, informando que “o Modelo SENAI de Prospecção foi desenvolvido com o objetivo de analisar os setores industriais de forma ampla e fornecer diretrizes para uma melhor atuação das instituições de educação profissional” (SENAI, 2017)⁷.

No Brasil, Peterossi (2014) destaca que o ensino técnico e o tecnológico foram usados como componentes de um programa desenvolvimentista, especialmente durante o período ditatorial compreendido entre 1964 e 1985. Nessas décadas, a educação profissional esteve voltada às “[...] demandas do mercado de trabalho e à competitividade do setor produtivo” (PETEROSSO, 2014, p. 7).

Depreende-se, portanto, dos documentos acima, que a educação profissional, como é entendida por essas instituições, deve atender a uma relação estabelecida entre o investimento em educação e o retorno obtido na forma de produção e renda. Tal relação, objeto da teoria do capital humano, foi amplamente discutida na década de 1960, sendo seus expoentes Theodore William Schultz e Gary Stanley Becker. Blaug (1999) escreve que o *hard core*, em outras palavras, o fundamento da teoria do capital humano é o de que os indivíduos “[...] gastam de diversas maneiras [...] também com vistas a rendimentos pecuniários ou não-pecuniários

⁷ Em: <http://prospectase.senai.br/portal/main.jsp?lumChannelId=8A9015481083FF4B01109733A3354CE3>

futuros” (BLAUG, 1999, p. 286). Esse raciocínio tem como consequência o fato de que algumas das despesas pessoais, como aquelas relacionadas à educação ou à saúde, por exemplo, deixam de ser entendidas como gastos, para serem racionalizadas individualmente como investimento. Tal abordagem constituiu um marco disruptivo à sua época, já que, a partir de então, o indivíduo passa a ser objeto passivo e ativo de melhorias constantes, visando aumento de produtividade e de eficiência, o que, aos olhos do mercado de trabalho, torna-se passível de retornos pecuniários ou não-pecuniários maiores ou mais vantajosos. Blaug (1999, p. 287) nota que:

No campo da educação, a implicação teórica principal do programa de pesquisa do capital humano é que a demanda por educação pós-compulsória é resultante tanto de variações dos custos diretos e indiretos de escolaridade quanto de variações dos diferenciais de ganho associados aos anos adicionais de escolaridade.

A teoria do capital humano, dessa forma, estabelece uma relação direta entre os anos de escolaridade e a renda obtida, sob o ponto de vista individual; de forma análoga, seria possível estabelecer uma análise agregada do investimento público realizado em educação e a “[...] taxa ‘social’ marginal de retorno do investimento educacional [...]” (BLAUG, 1999, p. 289).

Nos alicerces da teoria do capital humano está o papel desempenhado pelas *expectativas*. O investimento em educação, seja do ponto de vista individual ou social, é realizado *quando se espera, quando se acredita* que gerará retornos futuros. Mark Blaug ressalta que “[...] o tomador de decisões, seja lá quem for, olha ansiosamente para o futuro para justificar ações presentes” (BLAUG, 1999, p. 287). Considerando-se o momento de surgimento da teoria do capital humano e de seu desenvolvimento subsequente, nota-se que está concentrado entre 1960 e 1990, período marcado pelos traços da produção taylorista-fordista e pelas características vigentes da modernidade sólida, como descritas por Zygmunt Bauman (2001). Na modernidade sólida, imperavam as multinacionais detentoras de linhas de produção em massa, divisão do trabalho intensa e, por consequência, postos de trabalho bem definidos, de atribuições, responsabilidades e de atividades bem delimitadas. A jornada profissional vinculava-se a toda uma vida laboral; o crescimento profissional traduzia-se em carreiras; os anos sequenciais e ininterruptos de trabalho, em postos sucessivos, gradualmente se traduziam em responsabilidade e remuneração crescentes. Nas palavras de Bauman (2001, p. 183), “quem, como jovem aprendiz, tivesse seu primeiro emprego na Ford, poderia ter certeza de terminar sua vida profissional no mesmo lugar”.

Os horizontes temporais da modernidade sólida e pesada eram de longo prazo. Tanto os traços de durabilidade, permanência e previsibilidade, quanto os prazos distendidos de trabalho

em décadas, permitiam aos indivíduos e às empresas planejar as condições de uma vida futura, em elos conectados e sucessivos, de investimentos em educação, aumentos de produtividade e de eficiência, promoções para postos de trabalho mais altos na hierarquia, e retornos salariais mais expressivos. O emprego não estava constantemente ameaçado e os trabalhadores podiam finalmente repousar ao final de mais um dia de trabalho na fábrica. O sociólogo polonês destaca que:

Para os trabalhadores, os horizontes eram desenhados pela perspectiva de emprego por toda a vida dentro de uma empresa que poderia ou não ser imortal, mas cuja vida seria, de qualquer maneira, muito mais longa que a deles mesmos (BAUMAN, 2001, p. 184).

O cenário de industrialização da modernidade sólida possibilitou a adoção do planejamento em educação profissional como forma de promover a qualificação e a inserção de jovens no mercado de trabalho, para os quais se esperava, e ainda se espera, o início de um vínculo laboral e a perspectiva de crescimento profissional, como é contemplada nos documentos mencionados acima, da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Contudo, segundo autores como Zygmunt Bauman (2001) e Ulrich Beck (2011), as condições contemporâneas, que afetam tanto a esfera privada quanto pública, são de instabilidade, incertezas e riscos. Para Beck, essa configuração inédita mina a capacidade explicativa e preditiva das ciências, e se fosse especificamente aplicada à teoria do capital humano, reduziria a constatação de relações estatísticas significantes entre investimento em educação e retornos produtivos incrementais ou aumentos de renda. Conforme escreve Beck (2011, p. 35, destaques do autor):

A pretensão de racionalidade das ciências de determinar *objetivamente* o teor de risco refuta-se a si mesma permanentemente: ela baseia-se, por um lado, num *castelo de cartas de conjecturas especulativas* e move-se unicamente no quadro de *asserções de probabilidade*, cujos prognósticos de segurança não podem, a bem da verdade, ser refutados sequer por acidentes *reais*.

O reflexo de riscos crescentes, de intenso tráfego de capitais, de mudanças frequentes nas decisões de investimentos, de sistemas de produção flexíveis e informatizados, de alterações nas políticas nacionais trabalhistas, monetárias e fiscais, tende a reduzir a capacidade de elaborar os traços distintivos de cenários futuros, e de acertar nessas previsões. A dificuldade de antecipar os rumos da economia e do mercado de trabalho doméstico e internacional

prejudica as decisões de políticas públicas em diversas áreas, dentre elas a da oferta de educação profissional pública ou privada. Para Bauman (2001, p. 190) “no planejamento das viagens e na preparação dos deslocamentos do capital, a presença de força de trabalho é apenas uma consideração secundária”.

Helena Peterossi (2014) destaca as incertezas incidentes sobre a organização da educação profissional e os desafios a ela colocados:

A intensificação do tempo de trabalho e as novas tecnologias de comunicação e informação, que implicam novas formas de produção e de gestão de processos, serviços e pessoas, compõe um contexto com desafios e constantes mudanças para a formação de profissionais. Se o contexto é complexo, também as condições para que a Educação Profissional e Tecnológica se realize não estão claramente delineadas no sistema escolar (PETEROSI, 2014, p. 8).

Torna-se, contemporaneamente, muito difícil estabelecer e manter uma relação entre a formação educacional obtida e um determinado exercício profissional. A própria delimitação de atividades e de responsabilidades, antes contidas em um posto de trabalho, agora deforma-se e expande-se para regiões imprevistas, dificultando a percepção dos indivíduos sobre as expectativas acerca do trabalho a ser desempenhado, bem como sobre os retornos salariais esperados. Como observa Bauman (2001, p. 186, grifo do autor), “a incerteza do presente é uma poderosa força *individualizadora*”. Constata-se uma tendência para acordos transitórios sobre o escopo do trabalho e sobre a remuneração, que necessitam ser revistos a intervalos de tempo curtos; as atribuições e o salário passam a ser acertados em bases individuais, caso a caso. Para aqueles que se encontram em busca de trabalho, o “investimento” em educação adicional não oferece garantias de retorno.

Beck (2011) também observa o crescimento do desemprego estrutural e do contingente de graduados em nível superior fora do mercado de trabalho. O autor alerta para o fato de que a alteração estrutural das contratações, que paulatinamente se torna mais fluida e flexível, assumindo as formas de trabalho temporário, parcial ou precário “[...] não ocorrerá sem *efeitos sobre a renda*” (BECK, 2011, p. 208, destaque do autor). Isto é, além da crescente dificuldade de prever as condições e os cenários futuros, é preciso acrescentar, como questionamento aos modelos econométricos da teoria do capital humano, o achatamento da renda, decorrente do desemprego estrutural. Beck (2011, p. 208, destaques do autor) nota que “a política de reajuste da jornada de trabalho é portanto também uma *política redistributiva* e gera novas incertezas e desigualdades sociais”.

Beck ressalta as pressões exercidas sobre o trabalhador atual para que assuma um leque de atividades, dizendo que “o princípio da divisão ou pulverização do trabalho é substituído pelo contraprincípio da *fusão de tarefas parciais num nível superior de qualificação e desenvoltura técnicas*” (BECK, 2011, p. 214, destaques do autor). A ausência de um escopo de responsabilidades bem delimitado põe em xeque a relação direta entre investimento em educação profissional e o emprego em postos de trabalho, no formato existente no século XX. Helena Peterossi (2014) escreve, sobre isso, que “[...] se verifica um descompasso entre os modelos educacionais existentes com as qualificações que propiciam e as qualificações requeridas pelo mundo do trabalho” (PETEROSSO, 2014, p. 18).

O impacto resultante sobre a educação profissional, técnica, tecnológica e universitária é a crescente sensação de falta de sentido, uma vez que, anteriormente, essa formação educacional associava-se com a perspectiva de exercício profissional. Beck (2011) ressalta que as escolas, em face de um desemprego estrutural importante, assumem o caráter de “[...] ‘salas de espera’ [...]” (BECK, 2011, p. 219), nas quais os estudantes com frequência procrastinam sua tentativa de entrada no mercado de trabalho, e muitas vezes recorrem a cursos suplementares; Beck afirma que “um desemprego estrutural duradouro acaba tornando *contraditória* a situação no sistema educacional profissionalizante” (BECK, 2011, p. 219, destaque do autor). A falta de perspectivas, para esse intelectual, justificaria muitos dos comportamentos de desinteresse, revolta e até violência manifestados pelos estudantes.

O sociólogo alemão destaca, assim, que há um crescente descolamento entre a organização da educação profissional e o seu sentido:

Se diferenciarmos “ *organização da educação*” do “ *sentido da educação*” e assumirmos que a organização se refere à moldura institucional, aos regulamentos, à certificação, aos currículos e aos conteúdos, e que o sentido da educação diz respeito ao significado que os indivíduos conferem à própria formação, então podemos dizer que: *organização e significado da educação dissociaram-se e emanciparam-se uma do outro*. A educação perdeu seu “futuro inerente”, sua capacidade de oferecer indicações que pudessem apontar o caminho profissional. (BECK, 2011, p. 223, destaques do autor).

Beck (2011) aponta então, que o caminho para preencher a lacuna da falta de sentido da educação seria o de resgatar “[...] *o valor da educação em si mesma*” (BECK, 2011, p. 223, destaques do autor).

4 O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO EMPRESARIAL (PROCESSOS GERENCIAIS) DAS FATECS DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

Tendo o debate teórico discutido os desdobramentos das condições da modernidade líquida sobre o trabalho e sobre sua organização, no contexto da atual produção flexível, e também sobre a educação, deseja-se investigar se o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial (Processos Gerenciais), do eixo tecnológico de Gestão e Negócios do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (CNCST), do Ministério da Educação/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (MEC/SETEC) de 2016 (BRASIL, 2016), oferecido no Estado de São Paulo, por meio das Faculdades de Tecnologia (Fatecs) do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, tem considerado e debatido essas alterações recentes e relevantes, referentes à vida profissional atual e futura, da qual serão partícipes de seus alunos egressos.

4.1 Apresentação do curso e dos procedimentos metodológicos

Segundo o *website* do Centro Paula Souza, o CST em Gestão Empresarial, além de dirigir-se ao público em geral, organiza-se tendo em mente os gestores das micro e pequenas empresas do Estado de São Paulo, formados em nível médio, em sua maioria, informando também que os egressos têm como mercado de trabalho as empresas privadas e públicas, ou negócios próprios. Ali é possível encontrar uma descrição do que será estudado pelos alunos:

Contabilidade, economia e administração são as bases de Gestão Empresarial. Direito tributário, logística, empreendedorismo, gestão ambiental, comportamento organizacional (postura do profissional no ambiente de trabalho) e utilização de ferramentas de marketing para motivar e orientar os funcionários também fazem parte da formação. O aluno também aprende a elaborar o planejamento estratégico, que define os objetivos de uma empresa e traça as estratégias para alcançá-los usando os recursos disponíveis de maneira eficiente (CEETEPS, 2017).

Observa-se o amplo espectro de disciplinas relacionadas ao campo da administração de empresas, tais como contabilidade, *marketing*, gestão de recursos humanos, conhecimentos de economia, logística; destacando-se nitidamente a ambição do curso de formar alunos capazes de realizar o planejamento estratégico, que necessariamente envolve a análise de variáveis

múltiplas e a avaliação de cenários prospectivos e alternativos.

O Projeto Pedagógico do CST em Gestão Empresarial apresenta seus objetivos gerais da seguinte forma:

Propiciar a graduação de profissionais de Gestão Empresarial que possam contribuir para a inovação e melhoria de processos nas organizações, se antecipar aos problemas, resolvendo-os e assim poder minimizar custos e maximizar benefícios da atividade econômica empresarial, dentro da perspectiva ética e sustentável dos negócios (CEETEPS, 2009, p. 8).

As competências e habilidades profissionais esperadas do graduando são elencadas no exercício de capacidades técnicas de gestão, de análise de variáveis e de cenários, de articulação multidisciplinar dos conhecimentos obtidos, de compreensão do meio “[...] social, político, econômico e cultural onde está inserido [...]”, que o habilite a “[...] tomar decisões em um mundo diversificado e independente” (CEETEPS, 2009, p. 8), além da prática de atitudes éticas e socialmente responsáveis.

Deve-se ressaltar que o Centro Paula Souza, atualmente vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo, oferece em suas Faculdades de Tecnologia cursos superiores de tecnologia de uma vasta gama de especialidades, muitos dos quais relacionados às áreas industrial e de tecnologia da informação. Seu momento histórico de criação e de desenvolvimento coincide com o cenário industrial mais aproximado do paradigma taylorista-fordista de produção; o CEETEPS foi instituído pelo decreto-lei de 06 de outubro de 1969, com a missão de formar indivíduos que pudessem ser alocados no setor produtivo:

O ideal de Paula Souza foi resgatado nos anos 1960, com o crescimento do parque industrial no Estado de São Paulo. A integração da educação com a indústria era essencial para prover os setores produtivos. Nesse cenário, o Governo de São Paulo criou por decreto-lei, em 6 de outubro de 1969, uma instituição de ensino profissional público e gratuito para oferecer cursos superiores de tecnologia. (Centro Paula Souza 45 anos, 45 motivos de sucesso, 2015, p. 11).

Estariam as características instáveis, fluidas e imprevisíveis da modernidade líquida sendo consideradas no interior do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial, oferecido pelas Fatecs? Seriam tais condições pensadas e debatidas entre docentes e discentes ou permaneceriam como um tabu no interior de estruturas pertencentes à modernidade sólida? Seriam esses temas abordados explicitamente do interior das disciplinas ou surgiriam em sala de aula, manifestos nas interações entre alunos e professores? A pesquisa pretende, portanto,

responder à questão: *as temáticas relativas à modernidade líquida e seus impactos sobre a vida profissional são debatidos no interior do CST em Gestão Empresarial? Qual o teor desse debate?*

Espera-se obter dos docentes sua opinião, sua abordagem do assunto, se o fazem, e como; também se espera colher suas impressões acerca das temáticas tratadas em sala de aula e sobre as eventuais preocupações manifestas pelos alunos sobre a futura vida laboral. Esse levantamento objetiva, após análise do conteúdo das respostas ao questionário proposto, contribuir para o entendimento acerca das percepções, juízos e práticas em sala de aula, concernentes aos desafios postos aos indivíduos, quando confrontados às condições de uma vida líquida.

Uma vez que as informações a serem obtidas são de natureza subjetiva, além de constituírem opiniões, juízos e considerações, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, a que Corbin e Strauss (2015) descrevem como uma:

[...] pesquisa na qual o pesquisador ou os co-pesquisadores levantam e interpretam dados, tornando-se parte integrante do processo de pesquisa, tanto quanto os participantes e as informações por eles fornecidas (CORBIN e STRAUSS, 2015, p. 4, tradução minha).

Os autores afirmam ainda que a pesquisa qualitativa se presta a investigar experiências, significados e pontos de vista, sendo caracterizada por formas mais abertas, fluidas, comumente organizadas em torno de desenhos menos estruturados (CORBIN e STRAUSS, 2015). Alertam também para a centralidade da prática ética em pesquisas nas quais o contato entre o pesquisador e o participante, sempre voluntário, é próximo. Aconselham o pesquisador a “[...] obter o consentimento, manter a confidencialidade e proporcionar uma atmosfera de confiança mútua [...]”, tendo sempre em mente que “[...] os pesquisadores estão ali para recolher informações e não para fazer julgamentos [...]” (CORBIN e STRAUSS, 2015, p. 13).

A investigação, sobre a presença ou a ausência desse debate, bem como de sua natureza, poderia ser realizada em diferentes recortes, questionando-se a direção das escolas, avaliando-se o projeto pedagógico e os conteúdos a serem ministrados em Gestão Empresarial, interrogando docentes e discentes. Esta pesquisa parte, contudo, das considerações realizadas por Medeiros e Delgado (2016), em seu artigo intitulado *Uma Análise do Projeto Pedagógico do Curso de Gestão Empresarial das Fatecs à Luz das Categorias de Análise de Bauman*, apresentado por ocasião do XI Workshop de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Paula Souza,

em 2016⁸, para determinar, no interior do CST em Gestão Empresarial, as disciplinas que indicam a existência de algum debate que contemple as temáticas da modernidade líquida. Utilizando por base de investigação o projeto pedagógico do curso selecionado, os autores determinam *a priori*, a partir da fundamentação teórica, categorias e códigos, utilizados em uma busca temática no conteúdo do documento, procedendo então à análise da frequência das ocorrências, bem como à análise do contexto de inserção dessa codificação no texto. Dentre as várias considerações destacadas ao final do artigo, Medeiros e Delgado (2016) observam que:

Das disciplinas oferecidas pelo curso, *Comportamento Organizacional, Sociologia das Organizações e Sociedade, Tecnologia e Inovação* são as que trazem algumas das questões tratadas, como mudança, liberdade e trabalho. (MEDEIROS e DELGADO, 2016, p. 508).

Dispondo dessa informação, isto é, da constatação de que existe algum debate sobre os temas da modernidade líquida nos componentes curriculares *Comportamento Organizacional, Sociologia das Organizações e Sociedade, Tecnologia e Inovação*, a pesquisa concentra seus esforços junto aos docentes dessas disciplinas, para investigar a qualidade dessas discussões. As três disciplinas são ministradas no primeiro ano do curso superior, como se observa em sua matriz curricular:

Quadro 1 - Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial (Processos Gerenciais) - Matriz Curricular

1º. Sem.	2º. Sem.	3º. Sem.	4º. Sem.	5º. Sem.	6º. Sem.
Informática aplicada à Gestão	Economia	Sistemas de Informação	Planejamento de Marketing	Gestão de Projetos Empresariais	Sistemas Integrados de Gestão
Contabilidade	Gestão Ambiental	Organização, Sistemas e Métodos	Gestão Financeira	Análise de Investimentos	Planejamento e Gestão Estratégica
Matemática	Estatística aplicada à Gestão	Matemática Financeira	Logística	Fundamentos da Gestão da Qualidade	Negócios Internacionais
Administração Geral	Comportamento Organizacional	Gestão de Marketing		Gestão da Produção	Desenvolvimento de Negócios
Sociedade,	Sociologia das	Gestão de	Direito	Projeto de	

⁸ Em: http://www.portal.cps.sp.gov.br/pos-graduacao/workshop-de-pos-graduacao-e-pesquisa/011-workshop-2016/workshop/trabalhos/educacao/POLITICA_EDUCACIONAL/Um_estudo_projeto_bauman.pdf

Tecnologia e Inovação	Organizações	Pessoas	Empresarial	Trabalho de Graduação	
Comunicação e Expressão	Métodos para a Produção do Conhecimento		Comunicação Empresarial Geral	Espanhol I	Espanhol II
Atividades Acadêmico-Científico-culturais					
Inglês I	Inglês II	Inglês III	Inglês IV	Inglês V	Inglês VI

Fonte: CEETEPS, 2009, p. 9.

O recorte da pesquisa ao curso superior em questão, ao mesmo tempo em que facilita a coleta e o tratamento das informações, limita a extrapolação de resultados para outros CST, que não sejam de natureza sinérgica. A escolha do CST em Gestão Empresarial se dá em razão da hipótese de existência de consequências profundas da modernidade líquida sobre essa área profissional, uma vez que as transformações contemporâneas estudadas recaem significativamente sobre a organização produtiva e sobre o universo empresarial, que deixam o paradigma taylorista-fordista anterior e se inserem em um sistema de produção e de acumulação de capital flexível na atualidade; tais alterações podem tornar os egressos desse CST mais vulneráveis e suscetíveis a dificuldades ao longo da vida laboral.

Assim, a partir de um exame cuidadoso da fundamentação teórica, construída sobre a base dos trabalhos produzidos por Zygmunt Bauman, Richard Sennett, Ulrich Beck, Michel Maffesoli, Manuel Castells, Pierre Lévy, Ricardo Antunes e Danièle Linhart, são extraídas temáticas contemporâneas, que desafiam as formas anteriores de vida em sociedade e de trabalho. Nas palavras de Bardin (2016) “[...] o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto [...]”, ao que complementa afirmando que “[...] fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação [...]” (BARDIN, 2016, p. 135). Após elencar as temáticas relevantes, elaboram-se as perguntas do questionário, buscando averiguar os debates, as dúvidas, as preocupações, as abordagens no trato dos temas da modernidade líquida no interior das disciplinas, sob a ótica dos docentes; tal estratégia está amparada pela exposição de Bardin (2016) quando diz que “o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências [...]” (BARDIN, 2016, p. 135).

Como técnica de coleta das informações, opta-se pela aplicação de um questionário

composto por questões abertas, que além de buscar por opiniões, julgamentos e informações, também abre espaço para a ampliação e para o aprofundamento da expressão docente. Resumidamente, a busca pela resposta à questão desta pesquisa, dá-se por investigação qualitativa, cujo instrumento de coleta de informações é um questionário, aplicado aos docentes das disciplinas *Sociedade, Tecnologia e Inovação*, *Sociologia das Organizações e Comportamento Organizacional*, do CST em Gestão Empresarial, das Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, observando-se que o teor das questões é aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa dessa instituição, antes de sua aplicação⁹. A análise dos resultados passa pelo crivo da análise de conteúdo, explorada mais à frente.

É importante considerar que o conjunto de respostas a um questionário não constitui um campo neutro de coleta de informações. Inúmeras variáveis devem ser consideradas pelos pesquisadores, como as condições ambientais, a influência nas respostas, causada pela mediação da tecnologia, as próprias condições pessoais do respondente, sua disposição para responder, bem como sua compreensão das questões e dos assuntos tratados, a extensão do questionário, a natureza das questões, dentre tantos outros fatores, conforme discute Foddy (2015). Este autor destaca que os “pesquisadores qualitativos não podem realizar perguntas diretas a fim de confirmar a validade de suas inferências, sem que se exponham a críticas (por exemplo de que sugeriram respostas aos respondentes) [...]” (FODDY, 2015, p. 16, tradução minha), o que torna a elaboração de questionários e a análise de conteúdo, tarefas delicadas e minuciosas. O autor sugere que, diferentemente do procedimento em uma enquete, os respondentes devem ter a liberdade de definir os conceitos-chave e os explorar livremente.

A elaboração das questões também deve ter, como pano de fundo, a dúvida permanente do pesquisador: por que quero saber disso, qual a relevância dessa informação para a pesquisa? Outros procedimentos recomendáveis são escrever, na etapa de rascunho do questionário, qual é o propósito daquelas questões, bem como realizar um “teste” antecipado, que permita vislumbrar algumas possibilidades de respostas e as possíveis relações delas derivadas (FODDY, 2015). O ritmo de questionamento deve ser lento, preferencialmente, a fim de dar tempo ao respondente para pensar e elaborar sua resposta; apressar o conteúdo pode dar a impressão de que a velocidade é o mais importante; as questões precisam ser simples, sem rebuscamentos, a fim de facilitar a compreensão e não exigir uma capacidade de concentração excessiva do respondente (FODDY, 2015).

⁹ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no formato determinado pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, para a concessão e uso de entrevistas, está descrito no Anexo A desta dissertação.

Com a finalidade de criar um panorama mais geral, sobre os desafios da modernidade líquida, capaz de subsidiar a elaboração do questionário, produz-se o Quadro 2, que sintetiza algumas das principais categorias, discutidas pelos autores desta fundamentação teórica, tais como a sociedade, o trabalho, o capital e a produção, a tecnologia, o indivíduo, a educação. As categorias de análise, combinadas à sua caracterização, servem como orientação à escolha das temáticas a serem abrangidas pelas perguntas do questionário, sem nenhuma pretensão de resumir ou de estreitar os debates realizados por esses pensadores. As questões, portanto, tentam captar se os temas da modernidade líquida são abordados, em aulas das disciplinas especificadas anteriormente, e como o são, partindo do pressuposto de que essas informações transitam no interior do processo comunicacional existente entre docentes e discentes, isto é, em sua interação durante o processo educativo em sala de aula. Embora seja preciso considerar que, nessa interação, ocorra uma decodificação de conceitos e nova codificação individual, a partir dos referenciais pessoais dos agentes em sala, por uma questão de simplificação desta investigação, far-se-á o questionamento apenas aos docentes envolvidos.

Quadro 2 – Categorias de análise relativas à fundamentação teórica e suas características

	Modernidade Líquida	Modernidade Sólida
Características transcendentais	fluidez/leveza/aceleração/velocidade/instantaneidade/mobilidade/ciberespaço	rigidez/concretude/imobilidade/durabilidade/territorialidade
Ambiente	mudanças disruptivas/instabilidade/transitoriedade/imprevisibilidade/incertezas/riscos/desordem/fragmentação/insegurança	mudanças graduais/estabilidade/permanência/previsibilidade/planejamento/ordem/progresso/segurança
Produção	capitalismo leve/formas flexíveis de produção/produção terceirizada horizontalizada e integrada/produção e comercialização globais/customização	capitalismo pesado/fordismo e taylorismo/produção verticalizada em massa/comercialização local
Trabalho	exigência intelectual/ausência de separação entre elaboração e execução/mudanças frequentes de emprego/trabalho em redes e células/desemprego estrutural/trabalho precário/episódico/trabalhador empresário de si mesmo/sindicatos fracos/ênfase em resultados	dependência entre capital e trabalho/blue e white collars/carreiras/pleno emprego/trabalho formal e hierarquizado/linhas de montagem/ênfase em processos/sindicatos fortes

Capital	altamente concentrado/financeirização	concentração menos aguda
Tecnologia	informatização e digitalização intensivas/informação em tempo real/BIG DATA/inteligência artificial/compartilhamento	desenvolvimentos marginais
Sociedade	consumidores/experiências e sensações/policulturismo/multilateralismo/tribos	produtores/acumulação de bens/identidade nacional-cultural
Indivíduo	Capacidade de adaptação/autonomia/produtividade/criatividade/inação/presença virtual/pensamento estratégico	planejamento e execução/conformação e obediência/presença física/pensamento rotineiro
Estado	crise de legitimidade/poder regionalizado	Estado de Bem-Estar Social/poder polarizado
Prazos	imediato/curtíssimo prazo	médio e longo prazos
Mobilidade	fluxos migratórios intensos/tráfego intenso de mercadorias e pessoas/hubs e conexões	baixa mobilidade/fronteiras fechadas/logística limitada
Educação	obsolescência dos conhecimentos/educação informal em espaços compartilhados e fóruns de discussão/construção coletiva do conhecimento/aluno-agente/novas linguagens e signos/pensamento pluriforme/rompimento da lógica de investimento-retorno da educação/condições variáveis para o aprendizado/educação como passivo/saber acompanhado <i>a posteriori</i>	conhecimento durável/aluno-paciente/linguagem escrita/pensamento linear/vigência da lógica investimento-retorno da educação/condições fixas para o aprendizado/educação como ativo/saber transferido <i>a priori</i>

Fonte: Elaboração própria a partir da literatura consultada.

O questionário, desenvolvido considerando-se as categorias do Quadro 2, segue descrito abaixo:

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Prezado Professor/Professora

Meu nome é Silvia Medeiros e estou fazendo uma pesquisa para entender como as condições de vida e de trabalho na atualidade surgem nas disciplinas *Sociedade, Tecnologia e*

Inovação; Sociologia das Organizações e Comportamento Organizacional, do CST em Gestão Empresarial de algumas FATECs selecionadas.

Vou fazer-lhe algumas perguntas. Por favor, fique à vontade para complementar e expandir suas respostas e perguntar-me, se tiver dúvidas ou se precisar de esclarecimentos.

1. O Sr./Sra. é docente do CST em Gestão Empresarial da FATEC (localidade)? De qual ou quais disciplinas?
2. Saberia dizer o número aproximado de alunos que frequenta suas aulas e em que trabalham? Seriam, em sua maioria, pequenos empreendedores, funcionários de médias e grandes empresas ou autônomos?
3. Quais são suas impressões sobre a vida em sociedade na atualidade, quando comparada à vida pós II Guerra? Houve mudanças? Em caso positivo, poderia mencioná-las?
4. Essas mudanças são debatidas em sua disciplina? Em quais aspectos? Como o Sr./Sra. costuma abordar essas mudanças em sala de aula?
5. Como o Sr./Sra. vê o mundo do trabalho na atualidade?
6. Acha que ele mudou em relação às décadas anteriores? Em que aspectos?
7. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho são objeto de discussão em sala de aula?
8. Quais questões sobre o trabalho são abordadas em sua disciplina?
9. Isso se dá de forma planejada ou informal?
10. O Sr./Sra. acha importante expandir esse debate em sua disciplina? Por quê? Tem alguma ideia sobre como gostaria de fazê-lo?
11. Seus alunos comentam sobre os problemas e desafios que enfrentam no trabalho? Que tipos de comentários?
12. Tendo seus alunos em mente, o Sr./Sra. acha que as variações de investimentos consideradas pelas empresas afetam negativamente a capacidade de os alunos exercerem um trabalho?
13. Como o Sr./Sra. vê a relação entre empregadores e funcionários na atualidade? Esses temas são debatidos em sala de aula?
14. O Sr./Sra. considera que há riscos grandes, médios ou insignificantes de seus alunos perderem o emprego e não retornarem ao mercado formal de trabalho? Pode elencar os principais motivos que justificam sua resposta?
15. O Sr./Sra. considera que o ingresso e a disseminação da tecnologia afetaram

negativamente o emprego de seus alunos?

16. Como o Sr./Sra. acha que o uso da Internet e das redes mudou a forma de se trabalhar?
17. Qual impacto que o Sr./Sra. acredita que a evolução tecnológica deva ocasionar sobre o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial?
18. Quais seriam, a seu ver, os traços de personalidade e de conduta que mais se prestariam para auxiliar seus alunos na atividade de trabalho? Essas características individuais e de interação social são abordadas e debatidas em sua disciplina?
19. O Sr./Sra. acredita que o conteúdo e a forma de ministrar sua disciplina são coerentes com as condições de vida e de trabalho na atualidade? Gostaria de alterar alguma coisa? Como o faria?

Por favor, antes de encerrarmos, o Sr./Sra. gostaria de acrescentar algo?

Muito obrigada por sua contribuição valiosa e por seu tempo. Tão logo finalizemos esta pesquisa, iremos lhe informar de seus resultados e de suas reflexões.

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial é oferecido pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza em apenas algumas das Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo; dentre as sessenta e oito Fatecs existentes, distribuídas em sessenta e dois municípios paulistas, o CST em Gestão Empresarial está disponível em Americana, Araraquara, São Paulo (Fatecs Zona Leste e Zona Sul), Catanduva, Cotia, Cruzeiro, Garça, Guaratinguetá, Jales, Indaiatuba, Mococa, Piracicaba, Praia Grande, Presidente Prudente, Santos, São Carlos, São Sebastião, Sertãozinho e Tatuí, além de ser ofertado em formato de educação a distância (EaD), segundo as informações do *website* do Centro Paula Souza.

Sabendo-se que a coleta de informações, objetivando responder à questão de pesquisa, ocorre por meio de um questionário, aplicado aos docentes das disciplinas selecionadas, do CST em Gestão Empresarial, em todas as cidades em que é oferecido, e que estão mencionadas anteriormente, procede-se à sua análise com instrumentos pertencentes ao campo da análise de conteúdo.

Para Severino (2007), a análise de conteúdo “é uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em

diferentes linguagens [...]. Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens” (SEVERINO, 2007, p. 121). Corbin e Strauss (2015) destacam que “analisar envolve interpretar [...]”, o que por sua vez “[...] significa dar significado aos dados brutos sob a forma de conceitos” (CORBIN e STRAUSS, 2015, p. 66, tradução minha).

Bardin (2016), em sua obra *Análise de Conteúdo*, observa que dois objetivos são priorizados por meio dessa análise: a “superação da incerteza” e o “enriquecimento da leitura” (BARDIN, 2016, p. 35), com vistas a aprofundar o entendimento obtido inicialmente, compreender significados, determinar relações e estruturas, investigar a presença de outros conteúdos. Segundo sua explanação, o trabalho de análise se dá numa alternância contínua entre tratar as informações, construindo instrumentos e técnicas de análise, e voltar à fundamentação teórica para refinar a interpretação:

[...] há muitas vezes uma passagem incessante do corpo teórico (hipóteses, resultados), que se enriquece ou se transforma progressivamente, para as técnicas que se aperfeiçoam pouco a pouco (lista de categorias, quadros, matrizes, modelos). (BARDIN, 2016, p. 36)

Bardin (2016) também alerta para o fato de que a análise descritiva dos conteúdos existentes em dada comunicação, que pode ser obtida por procedimentos de categorização, por exemplo, não deve se encerrar em si mesma, mas servir como complemento analítico para se obter o entendimento sobre o que tais conteúdos podem ensinar ao pesquisador e aos seus leitores:

Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o processo intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. (BARDIN, 2016, p. 45)

A este ponto, cabe destacar a distinção entre a análise do discurso e a análise de conteúdo, frequentemente confundidas, explorada por Caregnato e Mutti (2006). As autoras observam que “a análise do discurso trabalha com o sentido e não com o conteúdo de um texto [...] o corpus da análise do discurso é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem” (CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 680). Suas afirmações sobre a análise do discurso esclarecem que a linguagem é construída em bases históricas e que os sujeitos, atores da comunicação, amparam-se em sentidos histórica e ideologicamente construídos, isto é, expressam em seu discurso visões, opiniões, ideologias preexistentes ou transformadas; “o sentido não está ‘colado’ na palavra, é um elemento simbólico, não é fechado nem exato,

portanto sempre incompleto; por isso o sentido pode escapar”, complementando que “[...] o sujeito não é individual, é assujeitado ao coletivo, ou seja, esse assujeitamento ocorre no nível inconsciente, quando o sujeito se filia ou interioriza o conhecimento da construção coletiva [...]” (CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 681). Observa-se que o trabalho de pesquisa e de interpretação de um texto que contempla, portanto, a análise do discurso, contém em si suas pré-condições de produção, isto é, os referenciais históricos e ideológicos a partir de onde a pesquisadora interpreta, fala e constrói significados. Nas palavras de Caregnato e Mutti (2016, p. 682):

Na interpretação, é importante lembrar que o analista é um intérprete, que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido.

As autoras notam que a análise de conteúdo, por sua vez, “[...] trabalha [...] com a materialidade linguística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação”, ressaltando que a análise de conteúdo “[...] costuma ser feita através do método de dedução frequencial ou análise por categorias temáticas” (CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 684).

Para auxiliar no trabalho de tratamento objetivo do conteúdo de um discurso, há na atualidade um número grande de *softwares* à disposição. Dentre os mais conhecidos estão NVivo¹⁰, ATLAS.ti¹¹, Alceste¹², QDA MINER¹³, mas há vários outros, cada qual com aplicações e estatísticas específicas. A escolha dos *softwares* de auxílio exige que sejam consideradas variáveis como tamanho dos textos, estatísticas desejadas para a análise, facilidade de utilização, disponibilidade de suporte para sanar dúvidas e custos de aquisição. A tomada de decisão, sobre qual aplicativo utilizar, também precisa ser feita mediante a realização prévia de testes de uso, disponíveis muitas vezes gratuitamente nas plataformas de acesso a esses produtos, e localizados temporalmente no período antecedente à aplicação dos questionários. No caso desta pesquisa, em razão de um número reduzido de respondentes que retornaram os questionários, e de um número baixo no total de palavras utilizadas nos discursos, resultante em um *corpus* reduzido, opta-se por não utilizar *softwares* como assistentes à realização das análises.

¹⁰ <http://www.qsrinternational.com/product>

¹¹ <http://atlasti.com/>

¹² <http://www.alcestesoftware.com.br/>

¹³ <https://provalisresearch.com/products/qualitative-data-analysis-software/>

4.2 Apresentação e análise dos dados

Considerando-se a revisão teórica de algumas das obras de Zygmunt Bauman, as contribuições de alguns de seus contemporâneos, como Richard Sennett, Ulrich Beck e Michel Maffesoli, e também de Ricardo Antunes, Danièle Linhart, Manuel Castells e Pierre Lévy, esta pesquisa descreve o cenário líquido-moderno em suas nuances relativas ao trabalho e à tecnologia, e se propõe a responder à questão: *as temáticas relativas à modernidade líquida, e seus impactos sobre a vida profissional, são debatidos no interior do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial? Qual o teor desse debate?*

Para tanto, realizou-se o contato com cada uma das unidades ofertantes do curso - Americana, Araraquara, São Paulo (Fatecs Zona Leste e Zona Sul), Catanduva, Cotia, Cruzeiro, Garça, Guaratinguetá, Jales, Indaiatuba, Mococa, Piracicaba, Praia Grande, Presidente Prudente, Santos, São Carlos, São Sebastião, Sertãozinho e Tatuí, e CST em Gestão Empresarial (EaD) - por *email* encaminhado à Diretoria Acadêmica ou à Secretaria de cada Faculdade de Tecnologia (Fatec), solicitando o encaminhamento dos questionários aos docentes das disciplinas *Sociedade, Tecnologia e Inovação, Sociologia das Organizações e Comportamento Organizacional*.

É importante ressaltar que esta pesquisa parte do pressuposto de que há um docente responsável por cada uma das três disciplinas selecionadas, para cada Faculdade de Tecnologia contatada; isto é, desconhecendo a alocação de disciplinas por professor, em cada uma das unidades, e sendo as unidades, fontes de informação, em número de 21, partir-se-ia de um universo de docentes respondentes de 63. Contudo, conforme os docentes respondem ao questionário, observa-se que há uma coincidência de disciplinas ministradas por um mesmo professor, de onde se deduz que o universo de respondentes seja menor. Em virtude de o fato de que várias Faculdades de Tecnologia se abstiveram de informar quem são e quantos são os professores dessas disciplinas em sua unidade, esta pesquisa não tem como afirmar com precisão qual é o universo total de respondentes. Sabe-se apenas que, de um cenário de 63 respondentes ao máximo, nove questionários foram obtidos como retorno. Deve-se mencionar também que os contatos com as Fatecs foram realizados em mais de uma ocasião, a fim de aumentar a adesão à participação nesta pesquisa.

Tendo formado um conjunto de nove questionários respondidos, e tendo em mente a colocação de Bardin (2016), que observa em relação aos inquéritos, que “o seu objetivo final é

poder inferir algo, por meio dessas palavras, a propósito de uma realidade [...] representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social” (BARDIN, 2016, p. 94), procede-se à agregação das respostas individuais, por questão elaborada e aplicada, de forma a, primeiro, obter-se um *corpus* e, segundo, obter um panorama total das respostas relativas à determinada questão, e por consequência àquela temática em particular¹⁴.

É importante notar que Bardin (2016) destaca que o processo analítico do conteúdo envolve as etapas de descrição, inferência e interpretação, como já apresentado anteriormente. Essa autora também observa que, embora a análise busque a apreensão de uma realidade ou fenômeno de caráter social, existe o paradoxo de que a pesquisa se defronta com discursos individuais, lidando, portanto, com “[...] *pessoas* em sua unicidade [...]” (BARDIN, 2016, p. 94, grifo da autora). Por esse motivo, opta-se pelo fracionamento desta análise de conteúdo em duas etapas: primeiramente, o tratamento e análise das respostas agregadas, com o objetivo de obter informações relevantes sobre o conjunto de conteúdo de todos os respondentes para, ao final desse estudo, realizar-se uma análise das respostas individuais, isto é, uma análise por respondente, das respostas ao questionário em sua integralidade.

Uma vez que as respostas estão agregadas por questão, a pesquisadora opta por proceder ao seguinte tratamento inicial do conteúdo:

- a) Partição das respostas, e sua organização em tabelas, uma vez que há mais de uma pergunta no interior das questões do questionário;
- b) Separação entre o desenvolvimento do argumento e a elaboração da conclusão, conforme aplicáveis em cada questão;
- c) Contagem do número de palavras por resposta;
- d) Realização do destaque da Unidade de Contexto¹⁵ – parcela essencial à compreensão do conteúdo principal, conforme julgamento da pesquisadora;
- e) Classificação das respostas de tipo binário, sim ou não, conforme aplicáveis em cada questão;

¹⁴ O *corpus* e as respostas agregadas por questão encontram-se respectivamente nos Apêndices A e B desta pesquisa.

¹⁵ “[...] A unidade de contexto [...] corresponde ao segmento de mensagem, cujas dimensões [...] são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (BARDIN, 2016, p. 137); sendo a unidade de registro, a “[...] unidade de significação codificada e correspondente ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 2016, p. 134).

- f) Manutenção das respostas, ainda que partidas ou destacadas, tal como foram redigidas, isto é, algumas das quais contendo erros de digitação, de concordância ou de pontuação.

O procedimento inicial, descrito acima, deriva de uma leitura inicial e flutuante das respostas, que observa a diversidade de discursos entre os respondentes, apresentando respostas curtas, médias ou longas. As falas diferentes, algumas das quais trazendo citações, requerem uma filtragem em direção às Unidades de Contexto, a fim de facilitar a análise. A leitura flutuante também observa a profusão de uso de adjetivos e de advérbios, que acompanham e qualificam a manifestação das opiniões dos respondentes.

Franco (2012) destaca que a análise de conteúdo tenta responder às questões: “[...] o que se fala? O que se escreve? Com que intensidade? Com que frequência? Que tipos de símbolos figurativos são utilizados para expressar ideias? E os silêncios? E as entrelinhas? [...]” (FRANCO, 2012, p. 26). Tanto Bardin (2016) quanto Franco (2012) notam que a natureza da análise de conteúdo é a de um processo aberto, sujeito a revisões e “vai e vens” da literatura e fundamentação teórica à análise e de volta à teoria.

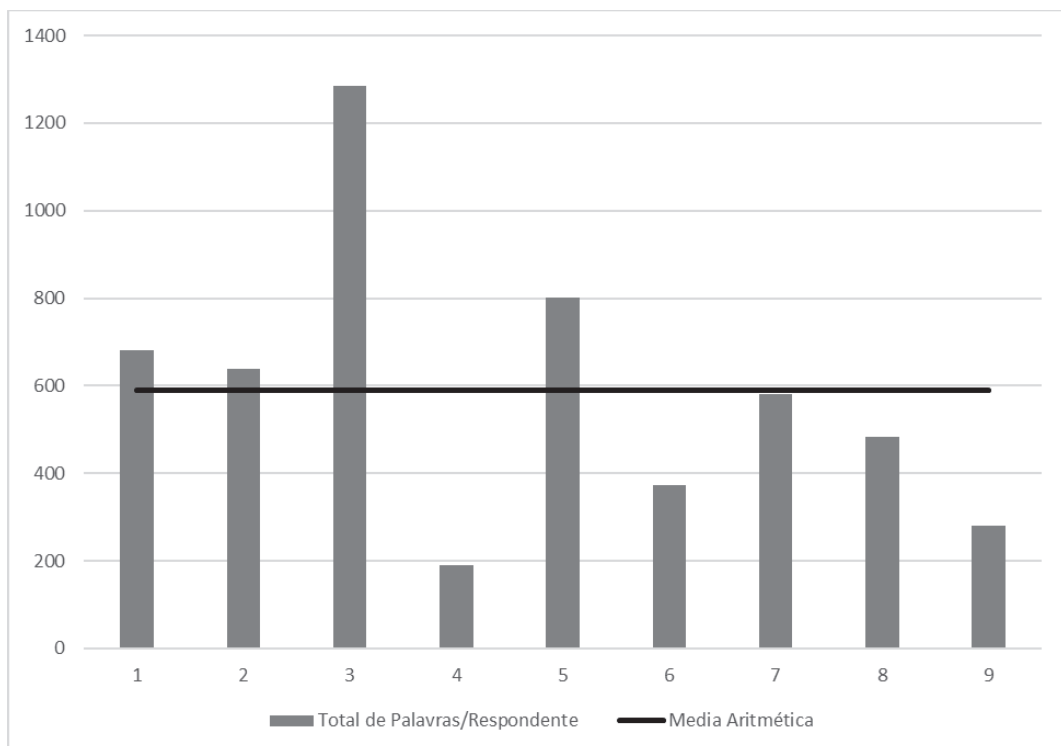
Primeiramente, faz-se necessário apresentar os respondentes. Todos os docentes das Fatecs, destino do questionário desta pesquisa, manifestaram lecionar várias outras disciplinas, além daquelas inicialmente selecionadas para a pesquisa: *Sociedade, Tecnologia e Inovação, Sociologia das Organizações e Comportamento Organizacional*. Os docentes também lecionam ou já lecionaram: *Métodos para Produção de Texto, Metodologia da Pesquisa, Gestão de Sistema de Informação, Gestão da Qualidade e Certificações, Gestão de Marketing, Projeto de Trabalho de Graduação, Desenvolvimento de Negócios, Projeto Interdisciplinar II, Negócios Internacionais, Planejamento e Gestão Estratégica, Fundamentos da Gestão da Qualidade e Gestão de Pessoas*.

Das 21 Faculdades de Tecnologia contatadas, docentes de nove diferentes Fatecs responderam ao questionário. Esses professores apresentam formações acadêmicas variadas, frequentemente combinando graduação e pós-graduação *stricto-sensu* em áreas distintas do conhecimento, a exemplo de educação, história, ciências sociais, psicologia, administração de empresas, comércio exterior. Sua identidade é mantida no anonimato para os propósitos desta pesquisa, sendo possível unicamente dizer que dois deles detêm o doutorado em educação, um deles, o doutorado em ciências sociais, dois são mestres em educação, três são mestres em administração de empresas, e um docente é especialista em administração de empresas. As

informações, acerca dessa formação, foram obtidas pela pesquisadora junto às páginas *web* das Faculdades de Tecnologia contatadas e páginas *web* do Currículo Lattes¹⁶.

Os respondentes apresentam diferentes perfis de resposta, sendo alguns indivíduos mais propensos a respostas mais completas, outros a respostas sintéticas. O gráfico abaixo ilustra a quantidade de palavras totais, excluindo as citações, utilizadas pelos docentes em cada questionário (exclui-se da contagem a questão 1, de natureza meramente informativa do local de trabalho):

Gráfico 1: Número total de palavras utilizadas, em respostas ao questionário proposto, por respondente



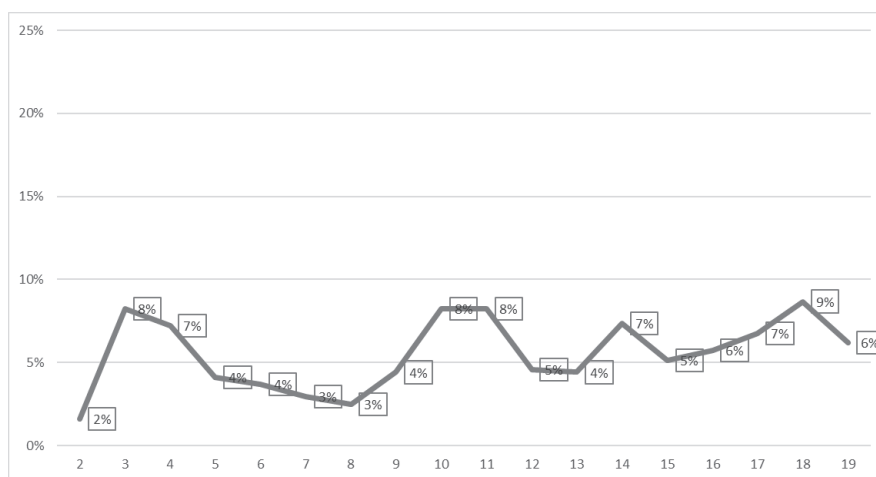
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Também é possível observar como os respondentes elaboram o discurso a cada resposta, obtendo-se a participação relativa de palavras por resposta, em relação ao total de palavras utilizadas em cada discurso. Excetuando-se as questões de respostas de tipo binário, tais como sim ou não, ou planejada ou informal, a participação relativa de uma determinada resposta, em

¹⁶ Disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/>.

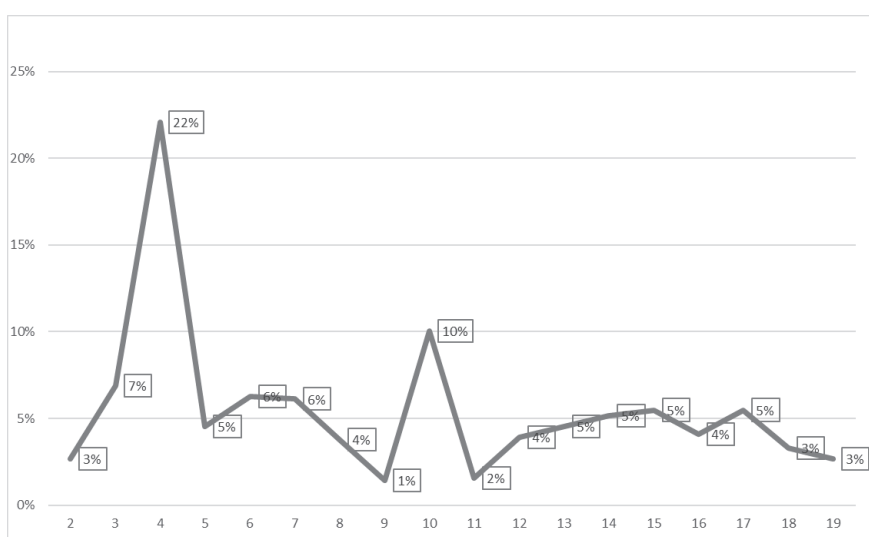
relação ao total de palavras e comparativamente às demais respostas, pode ser indicativa da importância daquele assunto para o docente. As participações relativas das questões, no discurso total, por respondente, estão descritas nos gráficos abaixo:

Gráfico 2: Respondente 1 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



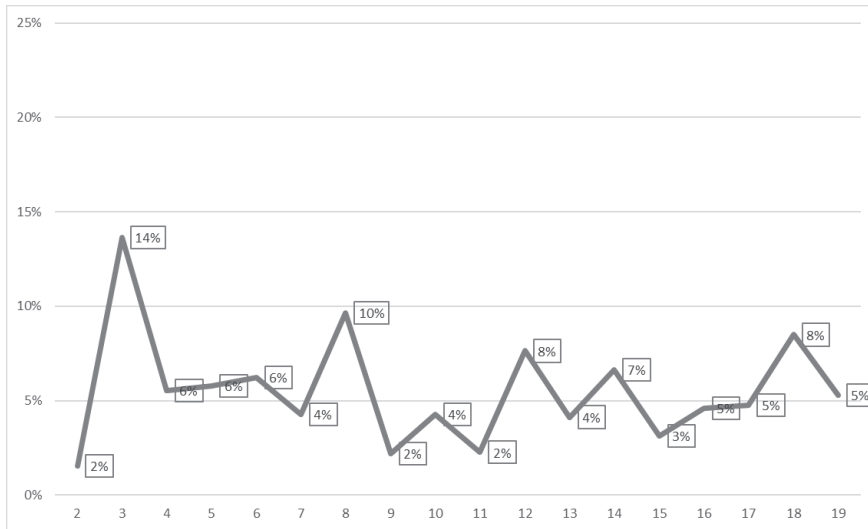
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 3: Respondente 2 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



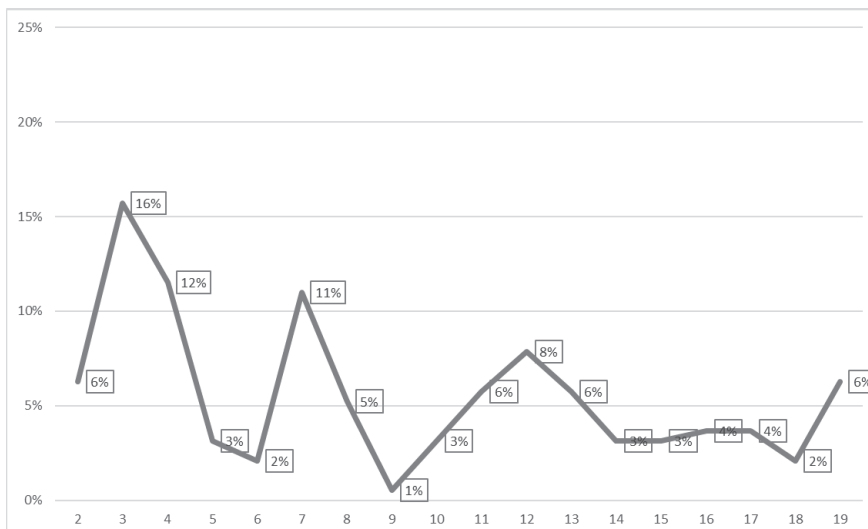
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 4: Respondente 3 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



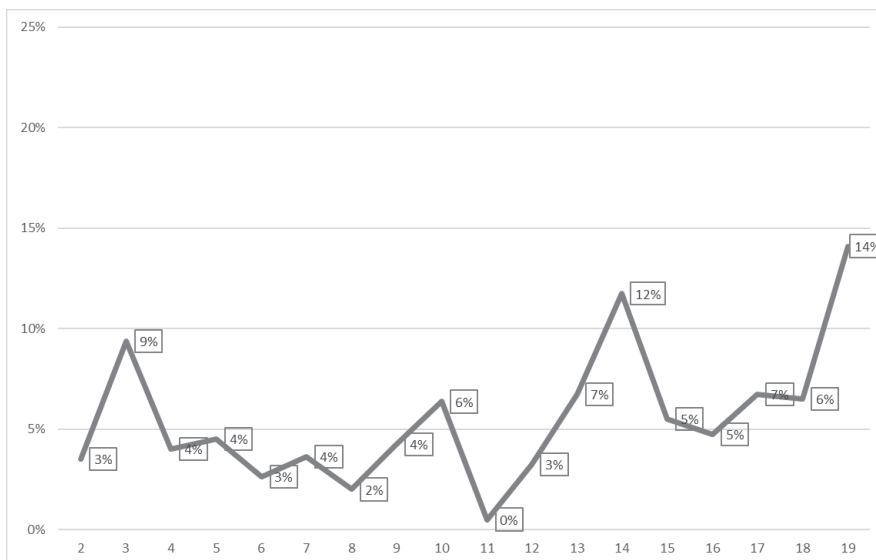
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 5: Respondente 4 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



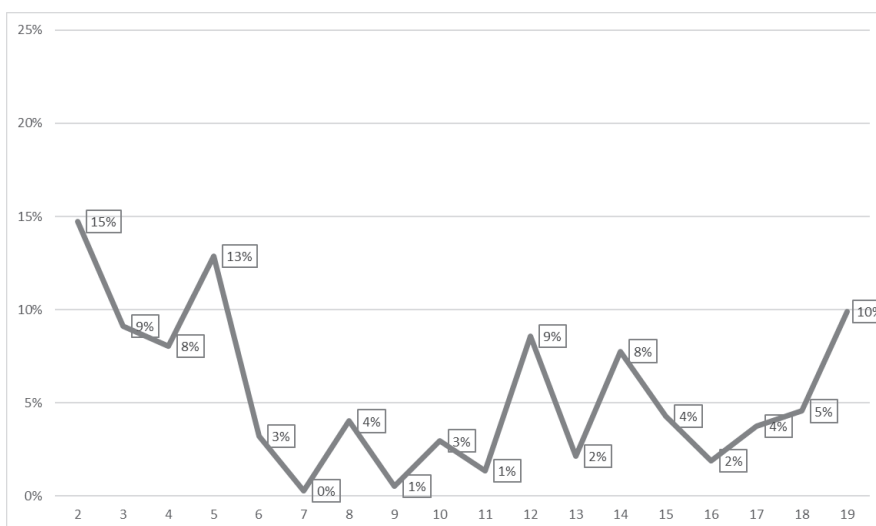
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 6: Respondente 5 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



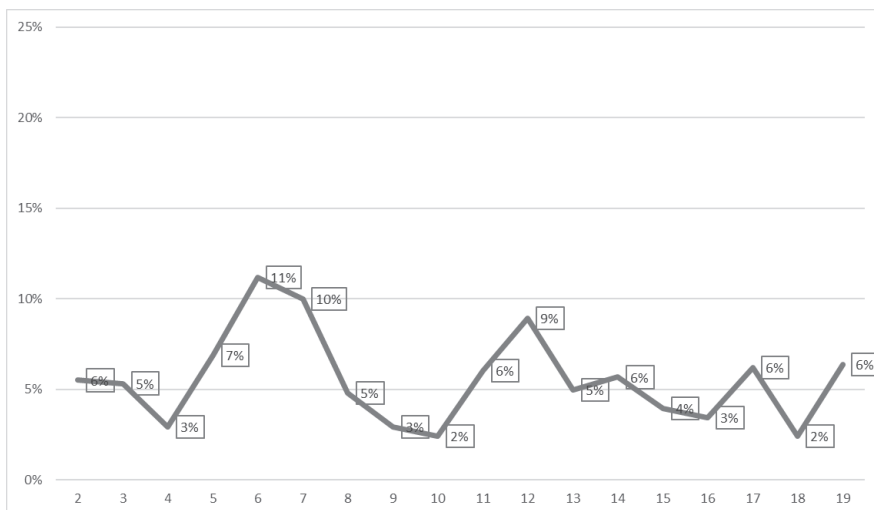
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 7: Respondente 6 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



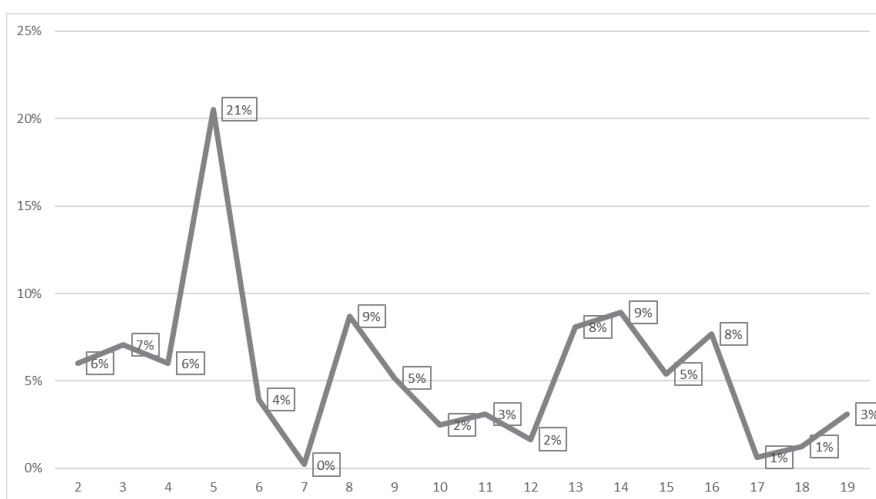
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 8: Respondente 7 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



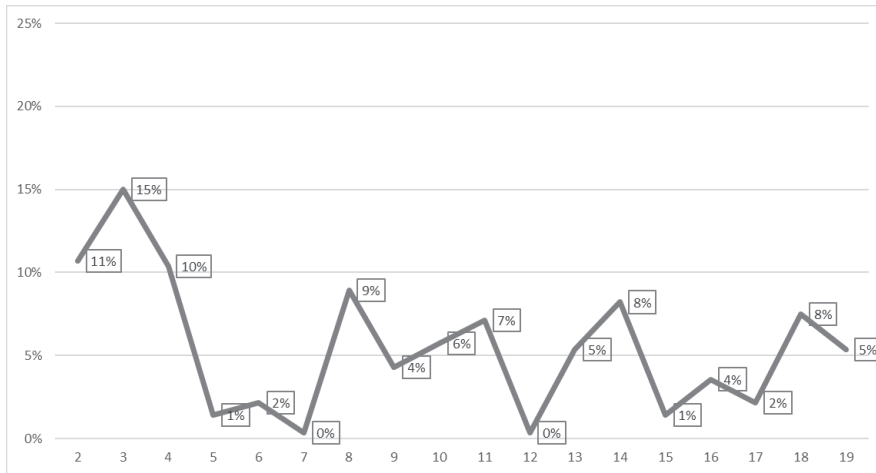
Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 9: Respondente 8 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos com as respostas ao questionário de pesquisa

Gráfico 10: Respondente 9 - Participação relativa, do número de palavras utilizadas por questão respondida, em relação ao total utilizado em seu discurso



A questão 2 do questionário busca obter informações sobre o público daquele professor, indagando sobre o número de seus alunos e seu perfil laboral. A maioria dos docentes conta com uma faixa de 30 a 60 alunos, sendo que a maioria dos professores aponta para turmas formadas majoritariamente por funcionários de pequenas e médias empresas, muitos dos quais atuando no comércio local, por uma fração de estudantes jovens que, ou ainda não trabalha, ou realiza estágio, e finalmente por uma parcela pequena de empreendedores ou de indivíduos que desejam empreender. É importante ter esse segmento de público em mente ao considerar que as aulas, e, portanto, o contexto em que ocorrem, bem como a relação comunicacional que nelas se estabelece, referem-se a esses indivíduos. As respostas encontram-se abaixo:

Saberia dizer o número aproximado de alunos que frequenta suas aulas?	Em que trabalham? Seriam, em sua maioria, pequenos empreendedores, funcionários de médias e grandes empresas ou autônomos?
Aproximadamente 58	Maioria de funcionários de pequenas e médias empresas
Não informou	Grande maioria trabalha (80%) /Profissões variadas
Não informou	Maioria trabalha / Maioria de funcionários

	de pequenas e médias empresas
Aproximadamente 64	Principalmente funcionários no comércio
De 25 a 40 alunos	Maioria de funcionários de pequenas e médias empresas (comércio) / microempreendedores
Aproximadamente 33 alunos	Sem experiência/Com experiência/ Empreendedores
Aproximadamente 40 alunos	Funcionários de pequenas empresas/Estagiários / Empreendedores (pouquíssimos)
Em torno de 60 alunos	Maioria não trabalha (60%) / Estagiários e ou efetivados em pequenas e médias empresas/ Empreendedores
160 alunos	Funcionários de administrativo e produção/ empresas pequeno e médio porte

A questão 3 do questionário pede aos docentes sua opinião no tocante às mudanças na vida em sociedade na atualidade, em relação à vida logo após a II Guerra Mundial. Uma segunda parte da questão lhes solicita que apresentem exemplos de mudanças, caso tenham ocorrido. A questão indaga sobre uma das categorias centrais de análise, tratada por Bauman (2001): a grande mudança ocorrida na passagem da modernidade sólida à modernidade líquida. Esse questionamento torna-se central ao início do questionário, pois trata do pano de fundo do trabalho docente, trata-se de obter sua visão sobre a sociedade atual.

Há uma unanimidade nas respostas, todos concordam que houve mudanças, e as caracterizam como “muitas”, “tantas”, “profundas”. Utilizando o próprio discurso proferido, destacam-se algumas opiniões: “As mudanças foram muitas [...]”, “Muitas mudanças [...]”, “Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança”, “São tantas mudanças que acredito que vivemos em um mundo muito diferente”, “[...] a sociedade passa por profundas mudanças [...]”, “Sim, claro”, “Certamente que sim, houve mudanças”, “Totalmente”, “Muitas mudanças [...]”.

Dos nove respondentes, ao menos seis citam a tecnologia e as alterações na comunicação e na informação como preponderantes: “[...] muitas no campo da comunicação [...]”, “[...] era da informação que ultrapassou todas as expectativas [...]”, “[...] utilização intensa de

tecnologias de informação e comunicação [...]”, “A Tecnologia vem avançando rapidamente [...]”, “[...] a tecnologia [...] de vital importância [...]”, “[...] mais tecnologia e facilidades no dia-a-dia [...]”. Alguns dos professores mencionam o impacto da tecnologia sobre as alterações produtivas: “[...] mudanças [...] no campo da [...] produção industrial [...]”, “[...] era da informação [...] controla [...] adultos nos seus postos de trabalho [...]”, “[...] seja nos meios de produção [...]”.

Vários outros campos de mudança também são mencionados, como a economia globalizada, a abundância de consumo, alterações nas formas de transporte e energia, facilidades decorrentes do uso da tecnologia. Os docentes mencionam também alterações gerais, que afetam seu público discente, informando que “Há um empobrecimento das relações humanas [...]”, “[...] os jovens são muito imediatistas [...]”, “[...] pessoas mais ansiosas, muitos transtornos emocionais [...]”, “[...] grande mudança na estrutura familiar”. Além de citar as alterações de natureza individual e familiar, ao menos três docentes se manifestam acerca de suas preocupações de como conduzir a educação nesta sociedade nova: “Este cenário desafiador, muito diferente de boa parte do século XX, que nos desafia a construir um modelo de educação condizente com a sociedade atual”, “[...] as IES precisam buscar mecanismos diferenciados para que o processo de ensino/aprendizagem possa ter sucesso”, “[...] exigência mais estudo, exigência de mais habilidades para manter-se no mercado de trabalho [...]”.

As respostas agregadas encontram-se abaixo:

Quais são suas impressões sobre a vida em sociedade na atualidade, quando comparada à vida pós II Guerra? Houve mudanças?	Em caso positivo, poderia mencioná-las?
As mudanças foram muitas	no campo da comunicação, da educação, de produção industrial e nas relações trabalhistas. Há um empobrecimento das relações humanas em decorrência da facilidade e abundância de recursos no mundo virtual. Não parecemos mais Homens, mas máquinas se relacionando com

	<p>outras máquinas. Chegamos ao cúmulo de dentro de casa nos comunicar pelo Zap.</p>
<p>Muitas mudanças</p>	<p>a mais significativa refere-se à era da informação que ultrapassou todas as expectativas e hoje controla, praticamente, a vida em sociedade. De modo geral, seja dos adultos nos seus postos de trabalhos ou dos jovens e crianças em seus horários de lazer.</p>
<p>Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança.</p>	<p>Como nos lembra Bauman (2011, p.7) [...] vivemos num mundo líquido porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança. Para Morin (2000, p. 79) Ainda não incorporamos a mensagem de Eurípedes, que é a de estarmos prontos para o inesperado. O fim do século XX foi propício, entretanto, para compreender a incerteza irremediável da história humana.</p> <p>Diferentemente do imediato pós II Guerra, onde o mundo estava dividido em dois blocos: capitalista e socialista, hoje vivemos num mundo globalizado que traz como uma de suas marcas a mudança contínua, ou um mundo movediço (Paul Virílio).</p> <p>Este mundo líquido, movediço e carente de certezas é muito diferente de outros momentos da história.</p>

	<p>Sobre o nosso papel em relação ao mundo atual, adverte Bauman (2011, p. 125): “...a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida.”</p> <p>Este cenário desafiador, muito diferente de boa parte do século XX, que nos desafia a construir um modelo de educação condizente com a sociedade atual.</p>
<p>São tantas mudanças que acredito que vivemos em um mundo muito diferente.</p>	<p>Maior abundância de consumo, menor divisão clara as intenções e ideologias políticas e grande mudança na estrutura familiar.</p>
<p>De maneira geral, a sociedade passa por profundas mudanças</p>	<p>De maneira breve, entendo que vivemos uma era em que os jovens são muito imediatistas, com utilização intensa de tecnologias de informação e comunicação, onde as IES precisam buscar mecanismos diferenciados para que o processo de ensino/aprendizagem possa ter sucesso. De maneira geral, a sociedade passa por profundas mudanças, onde a tecnologia faz parte</p>

	de nossas vidas e dependemos fortemente de todos os seus benefícios, seja nos meios de produção, na comunicação, nas negociações etc.
Sim, claro	A Tecnologia vem avançando rapidamente em todos os setores atendendo melhor as necessidades humanas: saúde; telecomunicações; transporte; energia; educação; alimentos; vestuário; a própria tecnologia da informação (Sociedade em Rede); entre outros avanços.
Certamente que sim, houve mudanças.	Mas infelizmente não alcançou a população mundial e ficou restrito aos que já eram 1º mundo, por conta do capitalismo econômico, formações culturais, sociológicas e religiosas.
Totalmente.	A 2ª guerra foi um grande marco de mudança na sociedade civil e empresarial. Diversas situações/necessidades de guerra e reconstrução, bem como a tecnologia foram de vital importância na mudança total da sociedade.
Muitas mudanças	Baixa Qualidade de Vida, pessoas mais ansiosas, muitos transtornos emocionais. Muitas mudanças => exigência mais estudo, exigência de mais habilidades para manter-se no mercado de trabalho; mais tecnologia e facilidades para dia-a-dia; tecnologia da informação facilitando comunicação e

	disponibilidade de informações.
--	---------------------------------

Deve-se observar que alguns dos docentes trazem juízos acerca das mudanças, sendo alguns mais otimistas, e ao menos três deles, pessimistas, utilizando-se de expressões como “Não parecemos mais Homens, mas máquinas se relacionando com outras máquinas”, “Mas infelizmente não alcançou a população mundial e ficou restrito aos que já eram 1º mundo[...]”, “Baixa Qualidade de Vida [...]”.

De forma geral, observa-se que os docentes têm uma percepção de que a sociedade mudou bastante, do período pós II Guerra Mundial à atualidade. Para enfatizar seu discurso e a intensidade da mudança, utilizam as palavras “muitas”, “sempre”, “tantas”, “intensa”, “profundas”, “rapidamente”, “totalmente”, indicando que as mudanças são de natureza intensiva e veloz, como descritas por Bauman (2001) e Beck (2011). Os professores as ilustram, enfatizando a presença e a interferência da tecnologia na vida cotidiana e laboral, notando também as mudanças ocorridas na produção, no consumo, nas esferas do transporte e da energia. São enfáticos ao relatar um mundo muito diferente e observam mais exigências no que diz respeito à educação. Relatam suas percepções acerca das mudanças no perfil individual, citando o imediatismo, o consumismo, a superficialidade (ao comparar humanos às máquinas) e os estados ansiosos. Pode-se afirmar, de posse de suas respostas, que os docentes percebem a sociedade atual de uma forma bem próxima às construções teóricas de Bauman (2001).

A questão 4 pergunta aos docentes se as mudanças são debatidas e em que aspectos, em suas aulas, indagando-lhes também como essa abordagem acontece. Os professores são unânimes ao dizer que as mudanças são sim debatidas. Como mote das conversas e discussões, os professores mencionam “[...] a discussão sobre o nosso tempo”, “[...] atualidade [...]”, e também “[...] o que já conquistamos e o que devemos conquistar [...]”, “[...] uma sociedade justa”. De forma mais específica, os professores tratam do uso feito da tecnologia, e sua influência na sociedade, das questões da qualidade e estratégia empresarial e das questões cotidianas dos alunos.

Embora a questão indague se as temáticas são debatidas, e todos os professores respondam positivamente, a pergunta subsequente os questiona sobre como esse debate acontece. Dos nove professores indagados, seis afirmam que “dialogamos”, “falamos”, “utilizamos dos fatos”, sem realmente detalhar como os debates ocorrem, isto é, os docentes não explicitam seus instrumentos ou método de trabalho em aula. Apenas três docentes detalham como realizam o debate; um deles informando que se utiliza de trabalho em grupo

para a produção de aplicativos; outro docente, que faz uso de autores e textos previstos na disciplina, para então os relacionar ao cotidiano dos alunos e um terceiro docente, que diz pretender se utilizar de metodologias ativas de aprendizagem para a condução das aulas.

Especialmente quando tomadas em sua integralidade, e de forma agregada, observa-se a ausência de discurso, ou a pouca expressão docente, refletida no número baixo de palavras utilizadas ao responder à questão de número 4, acerca de sua forma de trabalho. Essa informação é bastante relevante. A alta representatividade de docentes que não explicita ou detalha sua forma de trabalho, de seis em nove, pode ser indicativa de uma ausência de sistematização de abordagem dos assuntos em aula. Há um paradoxo no interior das respostas, já que, embora os professores manifestem debater as questões em aula, não discorrem sobre como o fazem de forma concreta. O teor dos debates também varia bastante entre professores, alguns deles voltando-se para as questões da atualidade, outros para o conteúdo próprio da disciplina.

A análise dessas respostas traz outra informação interessante que é de natureza institucional. Uma vez que todos os docentes integram as Faculdades de Tecnologia do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, nota-se a ausência de um debate no interior da instituição acerca dos desafios da atualidade, bem como a ausência de uma diretiva ou orientação metodológica sobre como tratar dessas questões no interior do CST em Gestão Empresarial (Processos Gerenciais). Essa inferência pode ser realizada com base na ausência de um denominador comum, seja temático, seja de forma de trabalho, nas respostas dos professores.

Vêm-se abaixo as respostas à questão 4, agregadas:

As mudanças são debatidas?	Em quais aspectos?	Como ?
S-	a tecnologia tem aproximado e afastado povos e culturas (pelo tipo de uso)/ interesse do Capital em tornar a tecnologia indispensável para a vida	Dialogamos

	e trabalho	
S-	a partir das vivências dos alunos ou das necessidades do dia a dia; a partir das demandas de pequenos empreendedores aos estudantes	grupos foram organizados de acordo com um projeto que foi planejado e implantado em pequenas empresas da cidade [...] em parceria com a prefeitura e associação de pequenos empreendedores
S- Frequentemente debatidas	dinamismo da contemporaneidade / cotidiano dos alunos/	Frequentemente debatidas à luz de diversos autores/ Os textos escritos se relacionam com os textos vividos diariamente/ o cotidiano dos alunos é tomado como parâmetro para fomentar a discussão sobre o nosso tempo
S-	A atualidade e como ela foi construída	Falamos
S- intenção de debater	A utilização intensa de tecnologias de informação e comunicação/ Influências da tecnologia x sociedade	Utilizando-se de metodologias ativas para o debate
S-	desenvolvimento	Utilizamos dos fatos para

	tecnológico, desafios econômicos, culturais e sociais/ fatos cotidianos	evidenciar o que já conquistamos e o que devemos conquistar
S-	Ética Profissional, Ética Moral, Respeito e Responsabilidade, valores adjacentes de uma sociedade justa	
S-	Principalmente na questão da qualidade (padronização de processos), na questão estratégica da logística militar transferida para a logística empresarial. Na evolução do próprio conceito de estratégia e de planejamento.	
S-	mudança de comportamento e de que forma o gestor deve estar preparado para compreender e saber lidar com sua equipe, seja como gestor ou líder ou mesmo trabalhador	

A questão 5 do questionário pergunta aos professores como veem o mundo do trabalho na atualidade. Bauman (2001), Beck (2011) e Antunes (2009) apontam para a ausência ou fraca dependência entre capital e trabalho na atualidade, para a existência de sindicatos fracos, para maior exigência intelectual dos trabalhadores, sem clara distinção entre funções de elaboração e funções de execução, para a natureza precária e episódica do trabalho, para o trabalho em

redes e em células e para a ênfase em resultados, dentre outros aspectos do trabalho na atualidade.

Cinco, dos nove docentes respondentes qualificam o mundo do trabalho na atualidade como competitivo e complexo, “facetado com novas profissões”, “dinâmico”, “desafiador”. Embora a questão não os tenha perguntado nada em adição, quase todos os docentes manifestam suas preocupações sobre como os indivíduos necessitam estar preparados para enfrentar esse mundo do trabalho novo e atual: “[...] requer de cada trabalhador mais saberes e maior apropriação das informações para se manter atualizado”, “[...] alunos precisam construir uma formação que lhes possibilite a empregabilidade [...]. O desenvolvimento de uma formação multiespecialista é algo essencial [...]”, “[...] cabe aos estudantes reflexões sobre o futuro em todas as áreas, afinal, formamos alunos para cargos que ainda não existem”, “[...] precisamos desenvolver as competências técnicas e humanas do jovens para que eles possam participar do desafio profissional”, “Requerendo diferencial [...]. Este diferencial dependerá da postura de cada um perante os desafios”. Dos nove docentes, apenas três mencionam a necessidade de se ampliar os saberes, de aprender a aprender, de se formar para profissões que sequer existem.

Os docentes manifestam assim o que desejam e o que acreditam que seja necessário ser feito para colocar seus alunos em posição de enfrentar o ambiente competitivo e desafiador que os espera. Ao utilizar expressões como “requer de cada trabalhador”, “os alunos precisam construir”, “é algo essencial”, “cabe aos estudantes”, “precisamos desenvolver”, “requerendo diferencial”, os docentes manifestam conhecer tanto as exigências impostas por esse mundo novo do trabalho, como a parcela de responsabilidade atribuída aos estudantes e aos educadores no atingimento dessa formação educacional. Importante ressaltar que essa questão, em relação ao que precisa ser feito, não foi inquirida diretamente, tendo sido comentada espontaneamente pela maior parte dos professores. Tanto pela manifestação espontânea, quanto pela extensão do discurso, nota-se o quanto esse assunto – o encaminhamento de uma educação que auxilie o indivíduo a se inserir de forma favorável no mundo do trabalho – é caro e angustiante aos professores.

É possível ver as respostas agregadas abaixo:

Características do mundo do trabalho	Valoração / Exigências do novo mundo do trabalho
Dividido entre padrões e trabalhadores	Uma desgraça para a classe

	trabalhadora / Seus direitos foram surrupiados/ pseudo modernidade nas relações do trabalho só beneficiaram os patrões, tanto os bons como os inescrupulosos
facetado com novas profissões necessidade de atualização processo de competição	requer de cada trabalhador mais saberes e maior apropriação das informações para se manter atualizado
Muito desafiador/ a era de certezas já se foi/ mundo complexo e altamente competitivo	alunos precisam construir uma formação que lhes possibilite a empregabilidade/ aprender a aprender é algo fundamental para o exercício de uma formação contínua/ desenvolvimento de uma formação multiespecialista
individualista e consumista	
altamente complexo, dinâmico surgem novas formas de trabalho	cabe aos estudantes reflexões sobre o futuro em todas as áreas, afinal, formamos alunos para cargos que ainda não existem.
Apesar da crise econômica que enfrentamos, o Brasil é um país com grande potencial de desenvolvimento	precisamos desenvolver as competências técnicas e humanas do jovens para que eles possam participar do desafio profissional
Em desenvolvimento, para o equilíbrio da riqueza e da renda mundial (Cita: Piketty)	
O mercado está mais competitivo e mais exigentes das habilidades e competências empresariais.	Requerendo diferencial. Ter um 3o grau não é mais diferencial e sim requisito mínimo para se disputar um

	<p>oportunidade de trabalho. [...] Este diferencial dependerá da postura de cada um perante os desafios. Como digo aos meus alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A gente se destaca não só pela nossa inteligência, mas pela ignorância dos outros.... • A gente se destaca não só pela nossa competência, mas também pela incompetência dos outros. • Se destacamos não só pela nossa luz e nosso brilho, mas pela falta de luz e de brilho dos outros....
bastante competitivo e exigente	

A questão 6, que é um desdobramento da questão 5 do questionário, pergunta aos docentes sua opinião sobre como o mundo do trabalho mudou, solicitando a exemplificação dos aspectos relativos às mudanças. Agora, em vez de um panorama mais geral sobre o mundo do trabalho, pede-se aos professores uma observação mais atenta e detalhada, cujo objetivo é a verificação de sua percepção sobre a categoria trabalho, e a investigação que relaciona sua opinião à fundamentação teórica apresentada anteriormente nesta pesquisa.

Os docentes concordam unanimemente que o mundo do trabalho mudou. Dos nove professores, cinco deles manifestam como aspectos de mudança o desenvolvimento de novas tecnologias e a dependência em relação a elas, assim como ressaltam a importância do conhecimento nesse ambiente novo: “em função das mudanças ocorridas no sistema produtivo, nas inovações tecnológicas [...]”, “é necessário formar pessoas para [...] a capacidade de acumulação de conhecimento e informação e a capacidade de apropriação e aplicação desse conhecimento”, “novos conhecimentos mais especializados são exigidos das novas gerações”, “Maior dependência das TICs”, “a introdução da Tecnologia da Informação nas sociedades mundiais”. Contudo, à exceção de um professor que cita as alterações nos processos produtivos,

os docentes não mencionam exatamente onde a tecnologia interfere no mundo do trabalho; infere-se, a partir de seu discurso, que tratam da utilização de aplicativos e *softwares* ligados à execução do trabalho.

Deve-se ressaltar que ao menos dois professores, dos nove respondentes, falam de seu desapontamento e desagrado em relação ao mundo do trabalho na atualidade. Comentam sobre a exclusão de parcelas de indivíduos, em virtude de uma competição acirrada vigente, da exploração do homem pelo capital, na prática de condutas de tipo “vale tudo”, desonestas.

Os docentes manifestam também que, não só o mundo do trabalho mudou “muito”, “bastante”, como se encontra ainda em alteração: “as mudanças são constantes”, “as formas de trabalho estão em plena modificação”.

Os resultados agregados podem ser observados abaixo:

Houve mudança no mundo do trabalho?	Em que aspectos?
S - Sem dúvida e ao que me parece mudou para pior...	O homem deixou de ser o fim e sim meio para o acúmulo inescrupuloso do Capital.
S - A competição	ficou excludente para alguns sujeitos e muito exacerbado para outros/ arena do vale tudo / perdas irreparáveis de ética, delicadeza, honestidade e de boas condutas
S - O mundo do trabalho [...] mudou muito.	em função das mudanças ocorridas no sistema produtivo, nas inovações tecnológicas e, enfim, no próprio sistema capitalista, efetivamente globalizado Nossos alunos precisam ser preparados para este novo cenário é necessário formar pessoas para a autonomia, para o desenvolvimento da

	sensibilidade, para a capacidade de acumulação de conhecimento e informação e a capacidade de apropriação e aplicação desse conhecimento (Cita: Cortella)
S - Sim, as mudanças são constantes.	
S- sim, como mencionado anteriormente, as formas de trabalho estão em plena modificação	Maior dependência das TICs
S - Sim, muito.	novos conhecimentos mais especializados são exigidos das novas gerações
S - Mudou sim, e bastante	a Valoração Social da Renda e da Riqueza tiveram mais respeito e responsabilidades/ a introdução da Tecnologia da Informação nas sociedades mundiais
S - A mudança é radical e muito dinâmica.	O principal aspecto, para mim, é a tecnologia. Hoje somos indivíduos conectados....
S – sim	Mais tecnologia, informação e conhecimento.

Observa-se que, embora os professores tratem de questões sobre a mediação da tecnologia no trabalho e três deles mencionem as demandas existentes em relação ao conhecimento, seus comentários sobre as mudanças no mundo do trabalho são superficiais. Os respondentes não mencionam, por exemplo, o ambiente de mudanças frequentes de emprego, de atividade ou mesmo de profissão, tratadas por Sennett (2015), ou a crescente natureza transitória e precária do trabalho, tais como entendidas por Bauman (2001). Em relação à dependência ou autonomia do capital em relação ao trabalho, apenas um deles a menciona, destacando a natureza dessa relação, como debatida por Bauman (2001) em sua descrição do cenário da modernidade sólida. Finalmente, apenas um dos professores traz o aspecto de

necessidade de maior autonomia, característica bastante enfatizada por esse sociólogo ao destacar a mobilidade individual, como uma das principais estratégias de sobrevivência nesse novo mundo do trabalho.

Depreende-se, portanto, das falas agregadas dos docentes, a ausência de estudos mais profundos e focalizados sobre o mundo do trabalho, que lhes sirvam de subsídios ao desenvolvimento de seu discurso e à elaboração de uma ilustração, isto é, de uma caracterização mais apurada sobre o mundo do trabalho.

Quando se tomam as respostas à questão 5 do questionário, na qual os professores espontaneamente comentam acerca de suas reflexões, desejos e angústias de como preparar seus alunos para seu ingresso e manutenção no mundo do trabalho, e se contrastam essas respostas ao agregado de respostas, sobre como o mundo do trabalho mudou, relativas à questão 6, nota-se um hiato entre ambas. Os docentes não verbalizam conhecer esse ambiente de trabalho atual em profundidade; parece lhes faltar os subsídios de análise, o estudo de suas características e de seus impactos sobre os estudantes. O discurso sucinto e sintético é ilustrativo de uma visão genérica que carece de aprofundamento. Esse ponto é de vital importância, especialmente em um curso superior de tecnologia, que se volta para o aproveitamento mais imediato de seus egressos no mercado de trabalho. Tal hiato de conhecimento, evidentemente indesejado pelos docentes, uma vez se manifestam extremamente preocupados, e ocupados, de formar da melhor maneira possível seus alunos, não pode ser negligenciado.

As questões 7 e 8 do questionário perguntam aos professores se as mudanças no mundo do trabalho são debatidas em sala de aula, e quais temas relativos ao trabalho são objeto de debate. Como se observa das respostas agregadas a essas questões, todos os docentes afirmam debater as mudanças no mundo do trabalho em sala de aula:

As mudanças no mundo do trabalho são discutidas em sala de aula?	Comentários
S - Sempre	alguns alunos são embebedos pela falácia da mídia massiva e alienante, defendendo essas mudanças
S- discutimos cenários e possibilidades de trabalhos para os alunos que freqüentam EPT;	existe um espaço “reservado” para alguns desses alunos e outros que apenas usam essa formação como

	passagem para outros postos de trabalho que ainda pretendem alcançar
S-	Sempre procuro mostrar a importância de formar tecnólogos com uma visão mais ampla. Procuro seguir o lema da instituição: tecnologia e humanismo. Nossos tecnólogos não devem sair da instituição com uma visão tecnicista do mundo, mas com uma visão larga, profunda e integral da vida e da realidade.
S-	desde a não existência de leis trabalhistas, mas, o foco não são as leis,mas sim as consequências delas na prática
S-	refletindo sobre as mudanças da sociedade e as tecnologias que estão sendo implementadas em busca de inovação, assim teríamos: sociedade x tecnologia = inovação
S- Sempre	
S- Certamente que sim	Trabalho para que criem uma visão global de qualidade e responsabilidade, fazendo-os ver pelo prisma de si próprio, pela Ética, pois o Bem que produzir bem ao consumidor, certamente deverá gerar ganho de capital para a organização, seja ela de que tamanho for, e então deverá gerar maior produção, maiores mercados, mais renda e consumo
S- Muito.	
S – sim.	

Apesar de os docentes comentarem algumas das temáticas tratadas sobre o trabalho em suas respostas à questão 7, as respostas à questão 8 “Quais questões sobre o trabalho são abordadas em sua disciplina?” apresentam uma abrangência e variedade enorme de assuntos: ambiente de trabalho, relação com a questão ambiental, jornada de trabalho, salários miseráveis, qualificação em serviço, ocupações, formação integral *versus* formação tecnicista, educação para o lucro *versus* educação para a liberdade, empreendedorismo, empreendedorismo social, Revolução Industrial, cultura e as organizações, o poder nas e das organizações, terceiro setor, trabalho *versus* emprego, desemprego, leis trabalhistas, relações sociais no trabalho, tecnologia e trabalho, tecnologia e ética, evolução tecnológica e mercado, mão de obra e mercado, a administração e seus pressupostos ideológicos, a cultura organizacional no Brasil, sociedade, tecnologia e inovação, qualidade global, responsabilidade social, meio ambiente, sociedade, organização empresarial, profissões (novas *versus* antigas), uso da tecnologia, vantagem competitiva pela tecnologia, vida e morte de empresas, comportamento das pessoas, motivação, percepções, emoções e transtornos emocionais no trabalho, liderança e poder, grupo e equipe, conflito e negociação.

Diante da variedade de respostas, opta-se por inserir a íntegra da fala dos respondentes a esta altura do texto:

R.1: Ambiente de trabalho, relação com a questão ambiental, jornada de trabalho, salários miseráveis, qualificação em serviço, etc.

R.2: Ocupações, normalmente, o alunos tem dúvidas do que acessar depois dessa formação, ou já está empregado e pretende alcançar melhores posições no mesmo emprego.

R.3: Em Sociedade, tecnologia e Inovação, no 1º GEMP, essa discussão sobre formação integral X formação tecnicista é muito discutida. A filósofa norte-americana Martha Nussbaum tem um texto que gosto de refletir com os alunos: Educação para o lucro X Educação para a liberdade. O Projeto Interdisciplinar da turma, inclusive, contempla uma discussão mais ampla sobre empreendedorismo e empreendedorismo social. Em Sociologia das Organizações, no 2º GEMP, a discussão sobre o mundo do trabalho começa com uma abordagem histórica, que tem como ponto de partida a revolução industrial. Também discutimos dentro dos temas Cultura e as Organizações, O poder nas e das Organizações, o Terceiro Setor e outros tópicos, as questões relacionadas ao mundo do trabalho. Essa discussão sempre contextualizada pelo mundo globalizado que vivemos.

R.4: Trabalho X Emprego; Desemprego; Leis trabalhistas; relações sociais no trabalho.

R.5: Tecnologia x Trabalho; Tecnologia x Ética; Evolução Tecnológica x Mercado; Mão de Obra x mercado etc.

R.6: A Administração e seus pressupostos ideológicos; A Cultura Organizacional no Brasil; Sociedade, Tecnologia e Inovação.

R.7: Questões que enfatizam a qualidade global e claro, vinculada à responsabilidade social, o que certamente abrange o meio ambiente e toda a sociedade que acerca a organização empresarial.

R.8: Faço um comparativo de profissões que não mais existem e outras novas que surgem. O uso da tecnologia na questão estratégica de competitividade e de vantagem perante o mercado (cliente e concorrente). Empresas que antigamente eram líderes e hoje não mais existem.

R.9: Compreensão das diferença e modificação do comportamento das pessoas; percepção, motivação, emoções e transtorno emocionais do trabalho; liderança e poder; grupo, equipe; conflito e negociação.

A integralidade das respostas à questão 8, em sua reprodução, ilustra a variedade de abordagens sobre a categoria trabalho. Os docentes abordam desde temáticas mais imediatas para a vida dos estudantes, como ocupações, profissões, qualificação em serviço, até as discussões tocantes à modernidade líquida de Bauman (2001), e às condições abordadas por Beck (2011), tais como trabalho *versus* emprego, o desemprego, os desdobramentos da tecnologia sobre o trabalho, a formação integral *versus* a formação tecnicista. Há uma atenção especial dos professores às questões de sustentabilidade, ao mencionarem a responsabilidade social, o terceiro setor, as questões ambientais, inclusive de ambiente de trabalho e de saúde mental.

É importante observar que, embora haja uma pluralidade de assuntos relacionados ao trabalho, fato que por si mesmo não constitui nenhuma fonte de prejuízo, ao contrário, demonstra um grau elevado de liberdade na abordagem da temática do trabalho, quando se tomam as falas uma a uma, nota-se a ausência de um norte reflexivo, ou de marcos fundamentais, que constituam um elenco mínimo orientador das discussões e que possibilitem o estudo da categoria trabalho no interior das disciplinas. Tal ausência de reflexões e debates, sistematicamente realizados, já se manifesta na análise das respostas à questão 4 do questionário, incidente sobre a temática das mudanças na vida em sociedade na atualidade, em relação às décadas anteriores.

As respostas à questão 9 do questionário demonstram que os docentes preferem amplamente tratar as questões relativas ao trabalho de forma planejada, balizando-se pela ementa, conteúdo e leituras integrantes das disciplinas. Dos nove respondentes, oito afirmam trabalhar com o planejamento, numa demonstração clara de fidelidade às diretrizes curriculares fornecidas pela instituição de ensino superior. Vários deles, entretanto, manifestam adotar certa flexibilidade para tratar de temáticas particulares, conforme os alunos apresentem essa demanda, como se observa nas respostas agregadas abaixo:

As questões sobre o trabalho são discutidas de forma planejada ou informal?	Comentários
De acordo com as temáticas da disciplina planejadas no início do ano	De acordo com as temáticas da disciplina planejadas no início do ano, mas atualizadas pela vergonhosa atuação do Congresso Golpista e atuação das Redes de Comunicação coniventes com essas mudanças
As duas coisas	depende do assunto a ser abordado
Se dá de forma planejada, mas a discussão pode se dar também de maneira informal.	de acordo com as necessidades dos alunos, do momento histórico, das circunstâncias objetivas
Planejada	
as aulas estão sendo planejadas de maneira que atenda aos objetivos e ementa da disciplina, porém, sempre que possível, serão feitos ajustes	sempre que possível, serão feitos ajustes buscando trabalhar de maneira totalmente atualizada com as informações disponíveis no mercado
planejada	
Planejada	Penso minhas falas de acordo com o programa da disciplina e este me remete às atualidades
Na maioria se dá informalmente, não planejado	tudo em virtude da discussão dos temas em sala de aula ou de exemplos para

	ilustrar determinado conceito
ambos	Sigo ementa e conforme necessidade da turma posso focar assuntos relacionados.

Essas respostas agregadas afirmam a importância que a diretriz curricular, fornecida pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, assume na dinâmica que se estabelece em sala de aula. Esse ponto constitui um achado de grande importância, uma vez que aponta para uma janela de oportunidade no aperfeiçoamento ementário e curricular no interior desse CST em Gestão Empresarial, com vistas a um tratamento mais aprofundado e refinado das temáticas sobre o trabalho.

Indagados se acham importante expandir o debate sobre o trabalho em sua disciplina, pela questão 10 do questionário, os respondentes unanimemente se posicionam a favor. Contudo, diante da pergunta hipotética de como gostariam de fazê-lo, ao menos cinco, dos nove docentes, adotam uma postura defensiva, utilizando-se de verbos no presente do indicativo, afirmando já realizar as discussões: “[...] nas duas disciplinas o debate é muito fácil e pertinente [...]”, “Essa discussão permeia os debates[...]”, “[...] já faço isso há 8 anos”, “Trago a realidade para a sala de aula”, “Eu constantemente faço tal debate...”, “tento complementar [...]”. Essa reação emitida pelos professores é digna de comentários, tanto pelo fato de ser surpreendente, como pela frequência no interior das respostas agregadas. Mesmo considerando que a pergunta “Como gostaria de expandir o debate?” apenas aventa uma possibilidade, somente dois respondentes se manifestam a respeito de possibilidades futuras: “vários são as questões a serem debatidas [...]”, “Fortaleceria as Técnicas de Negociações [...]”. Essa postura defensiva poderia ser explicada por um temor relacionado a um eventual questionamento da qualidade do trabalho docente ou por uma crença de que sua prática já é boa o suficiente, não havendo motivo para mudanças.

Outro resultado da análise das respostas à questão 10 é o fato de que, dos nove docentes, apenas dois expõem seu método de ensino/aprendizagem, ao serem perguntados sobre como gostariam de expandir o debate sobre a temática do trabalho: “[...] procuro recheiar as discussões de uma visão interdisciplinar”, “[...] sendo realizados estudos de projetos específicos [...], debates em sala de aula, estudos de caso [...]”. Observa-se uma dificuldade grande de os respondentes falarem sobre como realizam suas aulas, ou de quais abordagens e instrumentos de trabalho poderiam se valer na prática docente. Esse discurso evasivo, tanto em manifestação

escrita, como em detalhamento da prática docente, já havia sido observado na análise das respostas agregadas à questão 4. A carência de um arcabouço metodológico robusto, constantemente praticado, debatido e expandido, por parte dos professores do CST em Gestão Empresarial, constitui-se em novo achado desta pesquisa. As respostas agregadas encontram-se no quadro abaixo:

Seria importante expandir esse debate?	Como gostaria de fazê-lo?
Lamentavelmente nossa instituição (CEETEPS) e muitos professores concordam com tudo isso, fazendo com os alunos fiquem inseguros em quem acreditar: naqueles que engolem o empreendedorismo vulgar como remédio para todos os males ou em quem busca nos clássicos e na Teoria crítica suporte e argumentos para demonstrar o desmonte da CLT e a ruína dos trabalhadores.	
Sim/nas duas disciplinas o debate é muito fácil e pertinente	a pesquisa requer dos alunos uma inquietação com a sua atuação no seu posto de trabalho ou com outros vãos que pretende alcançar em outro trabalho
Essa discussão permeia os debates nos mais variados assuntos que compõem as duas disciplinas. As abordagens histórica, sociológica, geográfica, antropológica e filosófica perpassam as discussões.	Como sou graduado em História, pós-graduado em Antropologia Social e mestre em Filosofia da educação, procuro recheiar as discussões de uma visão interdisciplinar.
Sim.	já faço isso há 8 anos.

Sim. Vários são as questões a serem debatidas, como: Tecnologia x Trabalho; Tecnologia x Ética; Evolução Tecnológica x Mercado; Mão de Obra x mercado etc	sendo realizados estudos de projetos específicos que retratem tal realidade, debates em sala, estudos de caso com debate em sala etc
Já faço isso.	Trago a realidade para a sala de aula.
Sim, importante	Fortaleceria as Técnicas de Negociações por abordagens psicológicas, econômicas e de gestão.
Eu constantemente faço tal debate.... não de forma estruturada....mas é feito	
a Carga horária da disciplina se torna pouca	tento complementar com curso extensão quando é possível.

As questões 11 e 12 do questionário procuram aproximar-se da realidade de trabalho vivida pelos estudantes, manifestada por meio dos depoimentos dos respondentes. Assim, a questão 11 pergunta aos docentes se seus alunos comentam sobre seus problemas e desafios, enfrentados no trabalho. Três respondentes apontam para a realização de comentários relacionados ao cotidiano: “[...] na maioria das vezes pela postura gerencial antiga, arcaica [...]”, “Conflitos, lideranças, relacionamento interpessoal [...]”, “Compartilham interesses, sonhos, expectativas”. Dois respondentes mencionam a questão de classes como mote de comentários feitos pelos alunos: “[...] debatem os porquês de tantas mudanças e sempre contra a classe trabalhadora”, “Geralmente relacionados à Fraqueza da Ética e ainda a Força do Capital”. Curiosamente, um professor afirma a vigência de uma censura em sala de aula, observando que os comentários de seus estudantes são pouquíssimos, pois a “[...] cidade é muito pequena e vários se conhecem”. Apenas um respondente afirma ser “a permanência no emprego”, o maior desafio.

Depreende-se da análise das respostas à questão 11 uma pulverização de comentários dos estudantes, tanto em relação às questões cotidianas de trabalho, envolvendo a gestão de conflitos e o emprego dependente do capital, como em relação ao futuro, na forma de manifestação sobre seus sonhos e expectativas. As respostas agregadas podem ser vistas abaixo:

Seus alunos comentam sobre os problemas e desafios que enfrentam no trabalho?	Que tipos de comentários?
Sim.	Comentam e debatem os porquês de tantas mudanças e sempre contra a classe trabalhadora/ São jovens recém saídos do Ensino Médio, [...] que não trazem grande entendimentos das questões sociais
Sim.	Neste momento, a permanência no emprego é o maior desafio
Sim.	Costumam relacionar situações do cotidiano do trabalho com os temas discutidos em sala de aula
Pouquíssimas vezes. Nossa cidade é muito pequena e vários se conhecem.	
Iniciando agora o semestre	
Sim.	Compartilham interesses, sonhos, expectativas
Sim.	Geralmente relacionados à Fraqueza da Ética e ainda a Força do Capital. É uma questão cultural, costumo enfatizar, mas que no decorrer do tempo deverá ser vista com maior clareza e então se transformar
Comentam....	na maioria das vezes pela postura gerencial antiga, arcaica e equivocada de seus gestores/administradores.
Sim.	Conflitos, lideranças, relacionamento interpessoal, processo seletivo. Dificuldades e melhor esclarecimento em como podem agir ou melhor

	compreender determinadas situações.
--	-------------------------------------

Quando indagados pela questão 12 se acreditam que seus alunos podem ser afetados negativamente por variações de investimentos consideradas pelas empresas, três docentes afirmam não haver entendido a pergunta. Quatro professores afirmam que sim, seus alunos podem ser afetados negativamente por variações de investimentos empresariais, enquanto dois deles afirmam que não. Ao menos três professores relacionam a redução de investimentos ao comportamento da economia, como ilustrado pelas falas seguintes: “É claro que a crise econômica afeta a capacidade dos nossos alunos exercerem um trabalho [...]”, “[...] a crise econômica que afeta o país, reduziu a oportunidade de emprego para os jovens [...]”, “[...] é a segurança de uma política econômica bem dirigida”.

Embora o Brasil realmente atravesse uma recessão significativa à época desta pesquisa, os respondentes não mencionam nenhuma outra fonte que pudesse justificar a redução de investimentos empresariais, tais como reengenharias organizacionais, busca por recursos mais baratos em outras localidades, necessidade de mão de obra mais qualificada. De forma geral, os docentes associam a oferta de emprego às condições macroeconômicas e de políticas públicas vigentes. Apenas um professor menciona o “dinamismo do mundo atual”. Parece haver, por parte dos docentes, um alheamento sobre a intensa mobilidade do capital, e sobre o desemprego estrutural, respectivamente abordados por Bauman (2001) e Beck (2011); ainda que se considere que o público de estudantes em sala de aula se compõe de funcionários de pequenas e médias empresas, muitas delas no comércio, e de poucos empreendedores, sua atividade laboral, em uma economia globalizada e interconectada, sofre os impactos diretos de alterações de investimentos empresariais, especialmente se esses negócios estiverem localizados em cidades pequenas, dependentes de poucas atividades econômicas mais expressivas. Os riscos, debatidos por Beck (2011), a que os indivíduos estão sujeitos, são objeto de investigação por meio da questão 14.

Ainda analisando as respostas à questão 12, deve-se mencionar que ao menos quatro docentes observam como seus estudantes podem reagir diante de variações de investimentos, que possam afetar negativamente sua capacidade de exercer um trabalho: “isso só demonstra que o aluno terá que estar sempre aberto a aprender novidades”, “[...] porém isso não impede que busquem inovar o seu trabalho, com os recursos disponíveis”, “o funcionário terá que seguir algumas regras impostas por esse ambiente [...]”, “[...] as empresas [...] estão atrás de profissionais cada vez mais qualificados [...] temos a preocupação de formar pessoas com um

espírito empreendedor”. Esses professores sugerem uma flexibilidade maior de seus alunos, seja para incrementar sua qualificação, para empreender e inovar ou para se sujeitar às regras vigentes no ambiente empresarial.

As respostas à questão 12 encontram-se abaixo:

As variações de investimentos consideradas pelas empresas afetam negativamente a capacidade de os alunos exercerem um trabalho?	Comentários
Não entendi a pergunta	interpreto que a variação de investimentos é decorrente da ganância de acumular mais, retirando dos trabalhadores e das políticas fiscais o máximo de ganhos possíveis
	A empresa investe em formação do seu funcionário para benefício próprio, portanto, o funcionário terá que seguir algumas regras impostas por esse ambiente de trabalho
S- É claro que a crise econômica afeta a capacidade dos nossos alunos exercerem um trabalho, pois a diminuição da oferta de emprego atrapalha a entrada e, enfim, o exercício de um ofício no mundo do trabalho. Por isso mesmo, também temos a preocupação de formar pessoas com um espírito empreendedor.	Acredito que as empresas que efetivamente fazem uma leitura mais ampla do dinamismo do mundo atual estão atrás de profissionais cada vez mais qualificados. É para isto que buscamos formar nossos alunos.
N - Não.	isso só demonstra que o aluno terá que estar sempre aberto a aprender novidades
S - certamente pode existir um impacto	porém isso não impede que busquem

negativo diante do baixo investimento das empresas	inovar o seu trabalho, com os recursos disponíveis
S- A questão não ficou clara para mim. Porém a crise econômica que afeta o país, reduziu as oportunidades de emprego para os jovens, principalmente para aqueles que não tem experiência profissional anterior	
S - Afetam sim, mas não diretamente a direção empresarial deverá ser responsabilizada, pois o tocante principal de investimentos diretos ou indiretos em uma organização empresarial é a segurança de uma política econômica bem dirigida	Aí relacionamos a Diplomacia, pois tudo em que haja diplomacia há certamente Ética Moral, Ética Profissional, Respeito e Responsabilidades.
Não entendi o quis perguntar.....favor reenviar a pergunta	
N - não	

A questão 13 pergunta aos docentes como veem a relação entre empregadores e funcionários na atualidade, e se esse tema é debatido em sala de aula. Dos nove respondentes, sete afirmam debater o tema com seus alunos; um professor diz ser o “tema pouco debatido” enquanto outro se abstém de responder. A discussão sobre a reforma trabalhista no país é mencionada por dois docentes como mote, a relação de parceria, a necessidade de autonomia, de “ser empreendedor”, também são abordadas; o debate sobre as modificações de estilo de gestão aparece como traço comum a duas falas.

Ao menos cinco docentes manifestam opiniões negativas a respeito da relação entre empregadores e funcionários: “Os empregadores com a faca, o queijo e a mesa, já os trabalhadores com as migalhas [...]”, “As relações de trabalho, atualmente, podem ser consideradas como tensas”, “Os dois lados estão passando por dificuldades”, “A relação atual é de se aproveitar da grande oferta de mão-de-obra e a grande escassez de oportunidade de emprego”, “Ainda encontramos gestores e trabalhadores com ideias bem arcaicas quanto relacionamento empregadores e funcionários”. Apenas dois docentes abordam a relação entre

empregadores e funcionários de forma positiva: “[...] a relação tende a ser cada vez mais integrada [...]”, “Ainda é forte a disputa do ‘QUINHÃO’ mas em muito já difere do passado, onde o autoritarismo e a severidade eram protagonistas nas disputas”.

Como o Sr./Sra. vê a relação entre empregadores e funcionários na atualidade?	Esses temas são debatidos em sala de aula?
Os empregadores com a faca, o queijo e a mesa, já os trabalhadores com as migalhas que caírem, se por ventura caírem, do banquete exploratório que nossa legislação golpista permite	
As relações de trabalho, atualmente, podem ser consideradas como tensas. Existe uma insegurança do empregador e do empregado que afeta o bom andamento dessas relações	Dependendo do contexto sim.
Como estamos passando por muitas transformações [...]Reforma trabalhista, reforma previdenciária, reforma do Estado e, até mesmo outras questões [...]	Como estamos passando por muitas transformações, inclusive na legislação trabalhista brasileira, este tema é objeto de discussão das minhas e de outras disciplinas. Temos feito discussões mais amplas envolvendo turmas e cursos diferentes para abordar o assunto. Reforma trabalhista, reforma previdenciária, reforma do Estado e, até mesmo outras questões, são debatidas na instituição.
Muito difícil. Os dois lados estão passando dificuldades.	Tema pouco debatido.
entendo que a relação deve ser de parceria, onde a busca da inovação e de	serão debatidos em sala

melhores índices de qualidade deve fazer parte da vida de empregados e empregadores, a relação tende a ser cada vez mais integrada, de maneira que ambas as partes se importem com o futuro da organização.	
Ambos precisam ser posicionar com mais autonomia.	Sim.
Ainda é forte a disputa do “QUINHÃO”, mas em muito já difere do passado, onde o autoritarismo e a severidade eram protagonistas nas disputas.	Debatemos sim isto em aula.
A relação atual é de se aproveitar da grande oferta de mão-de-obra e a grande escassez de oportunidade de emprego.	Os debates giram em torno do “ser empreendedor” e ou buscar ser um diferencial no trabalho (vide resposta 5)
Ainda encontramos gestores e trabalhadores com ideias bem arcaicas quanto relacionamento empregadores e funcionários.	Sim.

A questão 14 do questionário, consiste de duas perguntas: o Sr./Sra. considera que há riscos grandes, médios ou insignificantes de seus alunos perderem o emprego e não retornarem ao mercado formal de trabalho? Pode elencar os motivos que justificam sua resposta? Essa questão procura fazer uma aproximação à temática da existência e da distribuição dos riscos, como debatida por Beck (2011) em sua obra *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Beck (2011) afirma:

Que estejamos no início do processo de racionalização *anti*-industrial, em cujo decurso são abandonados os *princípios* do habitual sistema empregatício – e não meras reacomodações da estrutura de profissões e qualificações: essa possibilidade não foi até o momento levada em consideração sistematicamente em termos teóricos ou políticos (BECK, 2011, p. 205, grifos do autor).

Embora alguns docentes não respondam diretamente à questão, classificando o risco de seus alunos perderem o emprego como grandes, médios ou insignificantes, é possível inferir essa informação a partir de seu discurso, como indicado no quadro de respostas agregadas abaixo. O critério que a pesquisadora estabelece para classificar o risco, utilizando a fala docente como base é, quando o discurso aponta o risco de perda de emprego, mas é seguido por uma contradição do tipo “mas”, ou por verbos como “pode”, “depende”, ou por uma fala cujo conteúdo aponta para o arrefecimento de um risco grande, o risco é classificado como médio. Alguns docentes, entretanto, classificam explicitamente o nível de risco, como sugerido pela questão, o que facilita o processo de análise. Seguem as respostas agregadas:

O Sr./Sra. considera que há riscos grandes, médios ou insignificantes de seus alunos perderem o emprego e não retornarem ao mercado formal de trabalho?	Pode elencar os principais motivos que justificam sua resposta?
MÉDIOS - O avanço tecnológico extirpa postos de trabalho, mas cria em menor escala outros postos novos com novas exigências.	É evidente que aqueles que não se adaptarem ao novo mercado escravocrata serão extirpados do mercado trabalho, bem como aqueles que não se qualificarem com esta concepção desumanizadora e produtivista em moda
MÉDIOS - Sim, dependendo do setor da atuação do aluno muitos ficaram desempregados.	Podemos citar a construção civil e o varejo. Esses campos de trabalhos foram muito afetados pela crise estrutural que o país enfrenta.
GRANDES - Riscos de desemprego, ou entrada tardia no mundo do trabalho existem, pois vivemos num mundo de incertezas, principalmente se levarmos	[...] a atual realidade brasileira. Por isso, fortalecemos as discussões sobre empreendedorismo e sobre visão prospectiva, pois nossos alunos

em conta a atual realidade brasileira.	precisam agir para construir oportunidades. Portanto, os principais perigos em relação à empregabilidade dos alunos estão relacionados às condições objetivas do país e, porque não dizer, das próprias condições objetivas da economia mundial, uma vez que vivemos num mundo globalizado (complexo e carregado de incertezas).
ABSTENÇÃO - Não tenho dados para tal resposta	
MÉDIOS - sabemos que há um percentual que se destacará, assim como um percentual que pode perder a sua ocupação com mais facilidade	os bons profissionais sempre terão uma ocupação no mercado de trabalho, embora o propósito seja preparar todos, sabemos que há um percentual que se destacará, assim como um percentual que pode perder a sua ocupação com mais facilidade, ou mesmo ocupar cargos operacionais (que estão sendo extintos), desta maneira: - bons profissionais estarão sempre se atualizando e ocupando ótimos cargos, apesar de existir a tecnologia, é preciso dos Recursos Humanos para direcionar / elaborar as estratégias - cargos operacionais sendo extintos / readaptados, o que causa um risco médio de perda do emprego formal
INSIGNIFICANTES - O risco maior de perder o emprego já passou	Os alunos começam neste momento a se posicionar para ocupar os cargos que estão surgindo na retomada do crescimento econômico.

GRANDES - Há riscos sim. Grandes riscos em média.	Não vejo muito o que elencar, pois em suma é o despreparo do ensino básico e ensino médio, e a falta de uma política econômica equilibrada.
MÉDIOS - Os riscos existem mas espero que sejam os menores possíveis...	acredito que eles estejam aptos a desenvolverem um excelente trabalho....tanto que, incentivo a muitos deles, pensem de forma significativa e estruturada, colocar em prática excelentes planos de negócios desenvolvidos no decorrer do curso...
INSIGNIFICANTE - Risco insignificante	pois são mais esclarecidos leis, conduta e ética para se comportarem no ambiente organizacional e suas consequências no mercado de trabalho

A partir da classificação de riscos, efetuada pela pesquisadora, com base na fala dos respondentes, observa-se uma frequência de quatro classificações de riscos médios (44,44% das respostas) para a possibilidade de perda de emprego de seus alunos, duas de riscos grandes (22,22%), duas de riscos insignificantes (22,22%) e uma abstenção de declaração (11,11%).

Os docentes, que apontam para a existência de riscos médios de seus alunos perderem o emprego e de não retornarem ao mercado formal de trabalho, colocam como motivos da perda de emprego, o avanço tecnológico e a extinção de cargos operacionais, a existência de setores específicos de atividade econômica, mais vulneráveis à recessão, a (má) qualidade da formação educacional. Alguns trechos dessas respostas são: “O avanço tecnológico extirpa postos de trabalho, mas cria em menor escala outros postos novos com novas exigências”, “[...] dependendo do setor de atuação do aluno muitos ficaram desempregados. Podemos citar a construção civil e o varejo”, “[...] bons profissionais estarão sempre se atualizando e ocupando ótimos cargos [...] cargos operacionais sendo extintos [...]”, “Os riscos existem [...] espero que sejam os menores possíveis [...] acredito que eles estejam aptos a desenvolverem um excelente trabalho [...]”.

As respostas, cuja classificação resultante é a da existência de riscos grandes, mencionam como origem dos riscos as “[...] condições objetivas do país [...] das próprias

condições objetivas da economia mundial [...]” e o “[...] despreparo do ensino básico e ensino médio, e a falta de uma política econômica equilibrada”. Destaca-se, nessas falas, a motivação relacionada às condições econômicas nacionais e internacionais como fator para a perda de emprego. Dos respondentes que classificam o risco como insignificante, um deles menciona a “[...] retomada do crescimento econômico” e outro “[...] são mais esclarecidos [...] para se comportarem no ambiente organizacional [...]”.

Alguns traços comuns às respostas que abordam a temática da possibilidade de perda de emprego dos alunos são as questões econômicas, o impacto da tecnologia na extinção de cargos operacionais e a qualidade da formação educacional. Embora haja traços comuns, e vários mencionem as condições econômicas como preponderantes para a perda de emprego, não há, no interior das respostas, a presença sistemática de uma discussão sobre as alterações estruturais incidentes sobre o trabalho, como conhecido na modernidade sólida e alterado pela modernidade líquida, para um trabalho episódico, cujo trabalhador frequentemente muda de atividade e de profissão, orientado para os resultados, exercido em rede, interconectado, alienado da mobilidade do capital, como discutido por Bauman (2001). A natureza mais superficial de tais discussões em seu discurso, tanto pode ser proveniente da ausência de debates e estudos no interior da instituição Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, que lhes possibilitasse o aprofundamento de suas reflexões sobre o assunto, como pode se originar da incidência insignificante de tais alterações sobre o trabalho, no cotidiano de seus estudantes.

As respostas à questão 15 do questionário, que debate um eventual impacto negativo da inserção e da disseminação da tecnologia sobre o emprego dos estudantes, surpreendem pela posição preponderante dos docentes de que a tecnologia não necessariamente afeta ou afetou o emprego de seus alunos. Os professores afirmam que “não necessariamente”, “depende do ponto de vista”, “não penso assim não [...] Aliás, muito ao contrário”. Os docentes são bastante otimistas com relação ao fato de que a formação educacional tecnológica deve prover aos estudantes as ferramentas para enfrentar as alterações de tecnologia e seus impactos sobre o trabalho, como se depreende das falas: “[...] nossos alunos estarão aptos, o que afeta positivamente para o seu ingresso no mercado de trabalho”, “eles estão em um curso superior de tecnologia para poderem responder positivamente a este desafio”, “a formação tecnológica trouxe uma capacitação mais objetiva, eficiente [...]”, “[...] nosso aluno já vem com uma bagagem empírica do uso da tecnologia [...]”, “O melhor a se fazer é preparar os alunos para este novo cenário”. Percebe-se que os docentes depositam expectativas positivas na formação educacional ofertada, para que capacite e habilite seus alunos para o mercado de trabalho.

As respostas à questão 15 estão agregadas no quadro abaixo, tendo sido triadas pela pesquisadora, classificando-as como sim, não, não necessariamente, tanto com base nas falas explicitadas, quanto na análise do conteúdo das respostas. Observa-se uma frequência de seis respondentes, cuja posição pode ser entendida como a de que a tecnologia não necessariamente afetou negativamente o emprego de seus alunos, dois respondentes categóricos que afirmam que não e apenas um docente que afirma que sim:

O Sr./Sra. considera que o ingresso e a disseminação da tecnologia afetaram negativamente o emprego de seus alunos?	Comentários
SIM - Com certeza	pois os números dos desempregados só aumentam, ainda que tenhamos um grande numero de alunos qualificados e em sub empregos, para os quais não se exige a formação tecnológica que os mesmos possuem.
NÃO NECESSARIAMENTE - Não necessariamente [...]	podemos considerar que houve uma acomodação do mercado e dos empregos, mas podemos citar que houve a extinção de algumas funções e com isso alguns postos e seus trabalhadores excluídos do contexto empresarial.
NÃO NECESSARIAMENTE -	É claro que o desenvolvimento tecnológico mudou o mundo do trabalho, mas essa disseminação da tecnologia é um fato, portanto, não é algo inteligente lutar contra ela. O melhor a se fazer é preparar os alunos para este novo cenário
NÃO NECESSARIAMENTE -	Somente àqueles que não a

	acompanharam
NÃO NECESSARIAMENTE - depende do ponto de vista	somos adeptos a visualizar como oportunidades, ou seja, com a disseminação da tecnologia, haverá a necessidade de profissionais cada vez mais qualificados, assim nossos alunos estarão aptos, o que afeta positivamente para o seu ingresso no mercado de trabalho
NÃO - Não	Eles estão em um curso superior de tecnologia para poderem responder positivamente a este desafio.
NÃO - Não penso assim não. Aliás, muito ao contrário.	A formação tecnológica trouxe uma capacitação mais objetiva, eficiente, eficaz e de forma mais breve.
NÃO NECESSARIAMENTE - Poderá afetar.....	hoje nosso aluno já vem como uma bagagem empírica do uso da tecnologia.....eles vivem conectados e conhecem tudo quanto é tipo de aplicativo e outros
NÃO NECESSARIAMENTE - não	se estiverem preparados.

A questão 16 pergunta aos docentes se acham que o uso da Internet e das redes mudou a forma de se trabalhar. As respostas são unânimes ao afirmar que sim, houve mudanças. Dentre as alterações mencionadas pelos respondentes, algumas são os *home-offices*, atendimentos *on-line*, compras via *web*, novos controles informatizados, mudanças na organização empresarial, no sistema produtivo, nas formas de consumo e de *marketing*, vigência do conhecimento como capital, maior acesso à informação e maior agilidade no trabalho, extinção das distâncias, exercício profissional remoto, educação e treinamento a distância, maior acesso e compartilhamento de informações, maior agilidade nas decisões empresariais, maior sistematização de dados para gestão, questões éticas no acesso e uso da *web* e problemas relacionados à fidedignidade de fontes e de informações.

Os docentes apresentam um cenário bastante claro, em seu entendimento e suas percepções, sobre as alterações promovidas no interior do trabalho, pela presença da tecnologia. Esse cenário, cotidiano e palpável de alterações, constitui-se em terreno seguro para a expressão do discurso; a constatação e a digestão das mudanças no campo do trabalho são facilitadas por ser de natureza *ex-post*. Contudo, esse discurso contrasta com o cenário resultante da análise das respostas à questão 12, que indaga os docentes sobre os impactos de possíveis variações de investimentos empresariais, sobre o emprego de seus estudantes. Tanto pela dificuldade de entendimento da questão, como pela menção às questões de natureza econômica, como determinantes da oferta de emprego a seus alunos, sem considerar outras variáveis originárias de risco, é possível inferir uma dificuldade de realizar prognósticos, de desenvolver análises de cenário *ex-ante*, por parte dos docentes. A formação de cenários, o desenvolvimento e a análise de variáveis marcadoras de fenômenos, a constante revisão desses indicadores, e o restabelecimento de trajetórias de ação, são considerados por Bauman (2001) como as principais ferramentas de enfrentamento dos desafios atuais. Embora seja muito louvável a profundidade de conhecimentos, acerca dos impactos da tecnologia sobre o trabalho na atualidade, demonstrada pelos docentes, deve-se mencionar sua dificuldade prognóstica observada.

Depreende-se também da análise das respostas à questão 16 que, ao menos quatro respondentes fazem referências às temáticas atitudinais dos alunos, ao mencionarem “[...] são mais humanos e solidários essa geração?”, citando Viviane Mosé “[...] o jovem criativo, bem-formado e ousado, dotado de uma inteligência viva [...]”, “[...] há necessidade de se limitar e saber o uso correto e ético, tanto da internet quanto das redes sociais”, “[...] disciplina para focarem assuntos pertinentes ao trabalho”. Os docentes, portanto, não miram exclusivamente o impacto da tecnologia sobre os processos de trabalho, mas atentam para a natureza da relação entre os estudantes e a tecnologia¹⁷. As respostas agregadas encontram-se organizadas abaixo:

Como o Sr./Sra. acha que o uso da Internet e das redes mudou a forma	Comentários
---	--------------------

¹⁷ Dentre as competências solicitadas ao graduando do CST em Gestão Empresarial (Processos Gerenciais), no Projeto Pedagógico do CEETEPS (2009), está a “Internalização de valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional”. Dado o contexto de elaboração das respostas ao questionário, no interior do CST, e da instituição de ensino superior, além da existência de adjetivação “profissional” à palavra ética, no Projeto Pedagógico do curso, infere-se que os docentes a utilizam na acepção descrita por HOUAISS (2010): “conjunto de preceitos sobre o que é moralmente certo ou errado” (HOUAISS, 2010, P. 336).

de se trabalhar?	
<p>Aparentemente para melhor [...] mas a questão é: são mais humanos e solidários essa geração? Sem pestanejar garanto que não.</p>	<p>Aparentemente para melhor, mas uma análise mais profunda e ainda incipiente vai nos mostrar que os “monstrinhos tecnológicos” podem até arrumar bons empregos, mas a questão é: são mais humanos e solidários essa geração? Sem pestanejar garanto que não.</p>
<p>Surgem os escritórios em casa, os atendimentos <i>on line</i>, as compras via internet. Mercados e clientes em situações novas e com outros controles para esses atendimentos.</p>	
<p>Mudou profundamente a maneira das empresas se organizarem. Mudou o sistema produtivo e a maneira de instigar o consumo. (Cita Mosé)</p>	<p>Vivemos numa sociedade do conhecimento onde, por isso mesmo, o principal capital é o conhecimento. Isto precisa ser passado para os alunos. O mundo está mudando e com ele o mundo do trabalho. Na verdade, é um processo de retroalimentação.</p>
<p>Com ctz. Acesso à informação, agilidade, etc.</p>	
<p>deixou de existir distância assim a internet tem possibilitado a atuação profissional de qualquer lugar, assim como a busca de qualificação, em que os profissionais podem passar por treinamentos realizados à distância, com a mesma efetividade dos presenciais.</p>	

Tornou a informação mais acessível e compartilhada	
A agilidade no poder decisório de uma organização empresarial, certamente que aliada a uma boa sistematização de informações de gestão	
MUITO..... tanto que há necessidade de se limitar e saber o uso correto e ético, tanto da internet quanto de redes sociais. Conteúdos, checagem de fontes de notícias, restrição de uso nas organizações ou controle/bloqueio de sites.	
mais informação e disciplina para focarem assuntos pertinentes ao trabalho.	

A questão 17 pergunta-lhes qual o impacto que a evolução tecnológica deve ocasionar sobre o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial. A pergunta procura aproximar-se dos temas relacionados à obsolescência do conhecimento, de forma mais distante, do antagonismo entre uma formação mais específica e uma outra, de natureza mais geral, das alterações dos processos de educação, como abordados por Levy (2015) e Maffesoli (2009) em direção à educação informal, aos espaços compartilhados, fóruns de discussão, ao desenvolvimento do conhecimento em rede.

Esses autores chamam a atenção para a construção coletiva do conhecimento, flexível, orgânica, interativa, complementar, pluriforme. Afirmam Levy (2015):

Ora, precisamente em um período de nomadismo antropológico, quando se passa de mundo em mundo (em lugar de deslocamentos em um território geográfico), a transmissão e a integração não podem passar unicamente pela linhagem familiar ou pela instituição escolar. Quando só existem alguns saberes estáveis a transmitir, em meio a uma variação maciça e contínua de conhecimentos pertinentes, a canalização da informação – útil em outros tempos – pode se tornar um freio, ou mesmo um fatal ponto de estrangulamento (LÉVY, 2015, p. 47).

Curiosamente, a maioria dos respondentes não aborda como a evolução tecnológica deve impactar o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial, ao contrário, prefere se manifestar sobre o que precisa ser feito. Assim, a maioria das respostas aponta para diferentes tipos de necessidade, como a de tratar as disciplinas de humanidades tal como as disciplinas da área técnica e tecnológica¹⁸; necessidade de apropriação de conhecimento sobre os processos e a tecnologia gerencial, assim como de controle da tecnologia pelos estudantes; necessidade de formar para o enfrentamento dos desafios tecnológicos; necessidade de atualizar o ensino no interior da instituição de ensino superior. O traço comum às respostas é o dever de que a formação acompanhe a evolução tecnológica, mais do que isso, de que os estudantes sejam partícipes dessa evolução, em seu controle, e de que a formação alie tecnologia e humanismo.

São algumas falas ilustrativas dessas necessidades abordadas no discurso, e que se destacam pelo uso dos verbos “precisar” e “dever”: “Essa apropriação e conhecimento precisa ser dominado pelos ‘novos/atuais’ empresários ou gestores [...]”, “Portanto, formar pessoas para controlar a tecnologia e não pessoas controladas por ela [...] Aliar tecnologia e humanismo, eis o que deve ser o eixo central da formação [...]”, “o CST em Gestão deve caminhar nesta atualização [...]”, “Os alunos devem estar preparados para responder aos desafios tecnológicos [...]”, “[...] desde que os gestores estejam preparados”.

Observa-se, portanto, que não há a discussão entre uma eventual vantagem ou desvantagem de uma formação especializada, em relação a uma formação de natureza generalista. Como já observado pela análise das respostas à questão 16, os docentes se mostram bastante otimistas e confiantes, no tocante à qualidade da formação tecnológica oferecida a seus alunos, para o enfrentamento das mudanças no mercado de trabalho e das alterações do ambiente tecnológico. Fazem ressalvas, contudo, enfatizando a necessidade de se aliar o humanismo à tecnologia, de se formar para uma relação qualitativamente boa entre alunos e a tecnologia, e de se manter a formação educacional atualizada. Esse perfil de comprometimento dos docentes, com a qualidade da formação, e sua demonstração de interesse pela inserção e pelo bom desempenho dos egressos no mercado de trabalho, precisam ser ressaltados.

As respostas agregadas à questão 17 podem ser verificadas no quadro que se segue:

¹⁸ Os docentes mencionam superficialmente esse tema; infere-se que desejam que a área do conhecimento relativa às humanidades seja tão valorizada quanto a área de conhecimento técnica, no interior do CST em Gestão Empresarial.

<p>Qual impacto que o Sr./Sra. acredita que a evolução tecnológica deva ocasionar sobre o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial?</p>	
<p>Desenvolvimento</p>	<p>Conclusão</p>
<p>Este é o grande paradoxo: a tecnologia que nos possibilita uma acumulo maior e mais rápido de conhecimentos, vai nos tornar Homens melhores?</p>	<p>Poderá, desde que as disciplinas das humanidades tenham um tratamento igual às da área técnica e tecnológica. Isto está muito longe de acontecer.</p>
<p>Todo o planejamento empresarial é composto por processos, via informática/tecnologia, portanto a gestão de uma empresa está altamente determinada pelos controles tecnológicos.</p>	<p>Essa apropriação e conhecimento precisa ser dominado pelos “novos/atuais” empresários ou gestores empresariais.</p>
<p>Uma faculdade de tecnologia, evidentemente, precisa encarar o fenômeno da evolução tecnológica como algo fundamental para sua própria razão de ser.</p>	<p>Portanto, formar pessoas para controlar a tecnologia e não pessoas controladas por ela é, sem dúvida, uma das principais tarefas do CST. Aliar tecnologia e humanismo, eis o que deve ser o eixo central da formação dos alunos do CST.</p>
	<p>Isso vai depender da forma de uso.</p>
<p>embora considere que ainda temos fortes tendências tradicionais no ensino presencial, acredito que as formas de aprendizado, trabalho, relações interpessoais etc tendem a mudar</p>	<p>desta maneira, o CST em Gestão deve caminhar nesta atualização, para que o egresso tenha plenas condições de inovar e continuar o aprendizado após o curso: APRENDER A APRENDER, SEMPRE.</p>
	<p>Os alunos devem ser preparados para responder aos desafios tecnológicos</p>

	que o mercado apresenta.
Nenhum de nossos alunos sai no 6º semestre sem uma mudança radical em seus modos de ver e de viver seus dias.	Todos levam em si mais responsabilidades consigo, com seus entes e com a sociedade.
O maior possível	
pouco	desde que gestores estejam preparados

Richard Sennett, em sua obra *A corrosão do caráter* (2015), chama a atenção para as características de um empreendedor da modernidade líquida, Bill Gates: “A falta de apego a longo prazo [...] competidor brutal [...] disposição a dobrar-se [...] ausência de apego temporal [...] flexibilidade de caráter [...] tolerância com a fragmentação” (SENNETT, 2015, p. 72). A questão 18 indaga aos docentes quais seriam os traços de personalidade e de conduta que mais se prestariam para auxiliar seus alunos na atividade de trabalho, quer investigar qual sua percepção, acerca das demandas existentes sobre o perfil desse profissional da atualidade.

Seis, em nove respondentes, afirmam que a ética é um dos traços mais importantes¹⁹, dizendo essa temática ser abordada e debatida em sala de aula: “Ser ético, humano e solidário [...]”, “todas essas questões éticas e técnicas compõem nossas disciplinas [...]”, “[...] o compromisso ético [...]”, “[...] ética [...]”, “Integridade e caráter”, “[...] ética profissional”. A solidariedade, a disposição para aprender, a autonomia e a proatividade, também são mencionadas por ao menos dois docentes, para cada uma das características. Três respondentes não dizem se debatem ou não as temáticas de conduta e de personalidade com seus estudantes. As respostas agregadas podem ser vistas no quadro a seguir:

Quais seriam, a seu ver, os traços de personalidade e de conduta que mais se prestariam para auxiliar seus alunos na atividade de trabalho?	Essas características individuais e de interação social são abordadas e debatidas em sua disciplina?
Ser ético, humano e solidário não deveria ser uma virtude, mas com	Sim, mas há uma boa resistência dos defensores desta sociedade de

¹⁹ A acepção da palavra ética, como provavelmente utilizada pelos docentes, está discutida no momento da análise de conteúdo das respostas à questão 16, em nota de rodapé anterior.

<p>tantos falsos conceitos de modernidade, isto conta muito pouco.</p>	<p>exploração com o argumento único de que ou é isso ou não terão emprego, e com certa razão. [...] Eficácia, eficiência e empreendedorismos são novos valores desta sociedade.</p>
<p>questões éticas</p>	<p>Normalmente, todas essas questões éticas e técnicas compõem nossas disciplinas até porque nossos alunos serão nossa voz no mundo do trabalho</p>
<p>O fomento de alguns valores fundamentais como: a busca da excelência, o desejo de aprender a aprender, a busca da competência técnica e o compromisso ético, o gosto pelo trabalho em equipe, a valorização da alteridade, a solidariedade, o desejo de transformar a realidade.</p>	<p>Estas são algumas das características que procuro desenvolver no ambiente de sala de aula. Os objetivos das disciplinas, a diversificação metodológica, a maneira de avaliar, os textos escolhidos e os conteúdos trabalhados buscam suscitar essas características individuais e coletivas. Portanto, as aulas são construídas à luz de princípios epistemológicos, antropológicos e axiológicos que contemplam essas e outras características, sempre visando à formação integral dos alunos.</p>
<p>Não entendi a pergunta</p>	
<p>Como mencionado na questão anterior, precisamos deixar claro para os nossos alunos que nunca estaremos prontos, desta maneira, se eles assimilarem que o estado de aprendizado deve ser permanente, isso irá influenciar positivamente na atuação pessoal e profissional, sempre respeitando as características individuais, em uma</p>	

interação social contínua – vamos aprender a aprender	
Autonomia, responsabilidade, ética, colaboração.	Sim, abordamos estes temas, mesmo porque as atividades acadêmicas são executadas em equipes.
Integridade e caráter	Sim não se fala de Ética sem abordar caráter e integridade
Dinamismo, atualização, comprometimento e ética profissional	
proativo, empatia, atitude, disposição para aprender e colocar conhecimento em pratica, criatividade, bom relacionamento interpessoal, saber trabalhar em equipe, liderar, autoestima.	

Finalmente, a última questão do questionário, de número 19, deseja saber dos docentes se acreditam que a forma e o conteúdo das disciplinas por eles ministradas são coerentes com as condições de vida e de trabalho na atualidade, perguntando-lhes também se gostariam de alterar algo e como o fariam.

Ao menos três docentes falam sobre a necessidade de se ampliar a consciência crítica, quando manifestam “[...] lutar por uma Grade Curricular equilibrada com aulas de Filosofia, Sociologia, Ética e Economia que pense o HOMEM como o objetivo central de nossa Educação”, “Um dos principais desafios do ser humano em geral, e do professor em particular, é ser contemporâneo de seu tempo [...] pois assim o fazendo, poderá agir de maneira mais consciente, crítica, reflexiva [...]”, “[...] onde o aluno passa a ser o personagem principal no processo, delegando ao professor o papel de ser o facilitador”. Os professores afirmam a importância de colocar o ser humano no centro do processo de desenvolvimento, seja interior ou exterior, de forma crítica e reflexiva, a fim de que se torne agente no mundo.

Há a menção do distanciamento dos docentes em relação ao conteúdo a ser ministrado, por dois professores quando dizem: “É o pouco que a Administração Central nos permite [...]”, “Essas disciplinas apresentam atividades que, constantemente, são alteradas de acordo com as demandas e políticas empresariais vigentes”. Outros dois docentes manifestam o desejo de

aumentar a prática no interior de suas aulas, como ilustrado pelos discursos seguintes: “sempre podemos melhorar, com mais “coisas” práticas [...]”, “[...] mas com certeza necessita mais prática [...]”.

Nota-se também a preocupação dos docentes em refletir sua prática e buscar atualizá-la: “Acredito que em meu ofício busco constantemente adotar a prática de pensar a prática, como sempre preconizou o mestre Paulo Freire”, “[...] a maior parte das aulas estão sendo proferidas da mesma maneira a séculos, agora precisamos mudar”, “Evidencio também que novas práticas são necessárias com o objetivo de aproximar mais os alunos do mercado de trabalho [...]”, “Sempre que percebo a necessidade, faço alterações para manter o conteúdo e didática atualizados”.

Em relação, portanto, ao conteúdo e à prática docente, as respostas agregadas apontam tanto para o desejo de incrementar a formação crítica e reflexiva dos estudantes, como para provê-los de ferramentas de natureza prática que os auxiliem no trabalho. As respostas também demonstram que os docentes estão cientes das demandas da atualidade, por revisões metodológicas, sendo que alguns docentes manifestam pensar sua prática individualmente e apenas um professor diz ser essa questão enfrentada de forma institucional.

Retomando Bardin (2016), a pesquisa prossegue com uma aproximação às respostas ao questionário, em sua integralidade, uma a uma²⁰. Para Bardin (2016), essa etapa constitui-se em “[...] abordagem *ad-hoc*, que procura compreender a partir do interior da fala de uma pessoa [...]”. Afirmar a autora:

A leitura é ‘sintagmática’ (segue o encadeamento, único e realizado numa entrevista, de um pensamento que se manifesta por uma sucessão de palavras, frases e seqüências) e, ao mesmo tempo, “paradigmática” (tem em mente o universo dos possíveis: isto não foi dito, mas poderia tê-lo sido, ou foi efetivamente dito em outra entrevista) (BARDIN, 2016, p. 98).

Tendo sido realizadas as análises individuais dos questionários, observa-se que o respondente 1 apresenta um discurso crítico, ao manifestar o “empobrecimento das relações humanas”, a semelhança de homens às máquinas, a piora no mundo do trabalho. Sua expressão traz as questões de classe, ao dizer ser o mundo na atualidade “uma desgraça para a classe

²⁰ As respostas individuais ao questionário podem ser obtidas a partir do Apêndice B, que contém as respostas agregadas. Os questionários individuais são arquivados exclusivamente em formato impresso, pela pesquisadora, após a conclusão desta pesquisa.

trabalhadora”, e o “empreendedorismo vulgar”. Caracteriza o mercado de trabalho atual como “escravocrata” e aqueles que dominam a tecnologia como “monstrinhos tecnológicos”. Preocupa-se com o fato de que a formação tecnológica não seja suficiente para formar “Homens melhores” e defende que a educação deve pensar “o HOMEM como objetivo central”.

O respondente 2 apresenta um discurso bastante focado nas ocupações, profissões, postos de trabalho. Destaca o uso crescente da tecnologia e caracteriza o trabalho na atualidade como “facetado com novas profissões”, de natureza competitiva. Preocupa-se com a aquisição e apropriação de novos conhecimentos, capazes de atualizar seus estudantes e cita a realização de projetos, de natureza prática, como método de abordagem das temáticas em aula; o conteúdo de sua fala é indicativo de um perfil pragmático.

O respondente 3 apresenta o maior discurso total, em número absoluto de palavras, dentre todos os respondentes. Utiliza diversas citações em suas falas, e valoriza a formação humana associada à tecnológica em suas disciplinas, que proporcione “uma visão larga, profunda e integral da vida e da realidade”. Discorre sobre as temáticas relativas às mudanças contemporâneas com fluência, manifesta se utilizar de diferentes autores em suas disciplinas, inserindo mídias e fontes diversificadas de informação em aula. Pela própria formação acadêmica descrita, demonstra um perfil humanista.

O respondente 4 se expressa de forma bastante sintética, apressada. Utiliza frases curtíssimas para responder as questões, suprimindo muitas vezes sujeito e verbo de seu discurso. Não se mostra disposto a contribuir com mais detalhes e informações, abstendo-se de responder algumas questões ou sendo evasivo: “não tenho dados para tal resposta”, “isso vai depender da forma de uso”.

O respondente 5 apresenta uma fluência acima da média, expressando-se de forma mais focada sobre as temáticas acerca do trabalho e dos impactos da tecnologia. Seu discurso considera a qualidade da formação educacional como determinante para a inserção no mercado de trabalho “complexo, dinâmico”, e diz que a relação entre funcionários e empregadores “deve ser de parceria”. O respondente cita a metodologia ativa de aprendizagem como exemplo de revisão da prática docente.

O respondente 6 se expressa por respostas curtas, abordando as temáticas de maneira geral e superficial, sem trazer elementos de referência e de sustentação às opiniões emitidas. Ao manifestar-se sobre o trabalho, o docente menciona o avanço da tecnologia, a “crise econômica”, a necessidade de “novos conhecimentos mais especializados”. Sua expressão

indica que considera a oferta educacional adequada aos estudantes, para o enfrentamento das condições atuais, dizendo estar os alunos “em um curso superior de tecnologia para poderem responder positivamente a este desafio”. Ao explicitar como aborda as temáticas em aula, diz se utilizar da “realidade”, do “cotidiano” vivido pelos estudantes.

O respondente 7 apresenta um discurso médio, em relação ao total de palavras. O conteúdo proferido menciona várias vezes a ética, a qualidade e a responsabilidade como temáticas. Ao mesmo tempo em que discorre sobre “o equilíbrio da riqueza e da renda mundial”, considera que há “Grandes riscos em média” de seus alunos perderem o emprego e não retornarem ao mercado de trabalho. Afirma debater as mudanças sobre o trabalho, sob o prisma daquelas temáticas, e gostaria de inserir mais “prática” em suas aulas.

O respondente 8 apresenta um discurso sucinto, sendo que poucas questões concentram um número maior de palavras. Sua expressão é organizada, geralmente se utilizando de exemplos. Refere-se a inserção e ao desenvolvimento da tecnologia, qualificando a mudança atual como “radical e muito dinâmica”, dizendo fazer “um comparativo de profissões que não mais existem e outras novas que surgem”, e afirmando que seus alunos comentam acerca da “postura gerencial antiga, arcaica e equivocada de seus gestores”. Seu discurso não traz informações sobre seu método de trabalho.

O respondente 9 utiliza-se de um número baixo de palavras. Sua expressão é breve, frequentemente suprimindo sujeito e verbo. Concentra-se sobre as mudanças internas, de foro individual, como alterações da qualidade de vida, transtornos emocionais, mudanças de comportamento. As mudanças no trabalho são tratadas à luz dessa temática; o docente não se expressa sobre sua forma de trabalho em sala de aula, dizendo ater-se ao planejado.

Tanto pela análise do número de palavras utilizadas por respondente, como verificação da participação relativa de cada resposta, em relação ao discurso total, somadas à aproximação ao discurso individual, que parcialmente reflete uma pequena parcela do perfil do respondente, é possível constatar a heterogeneidade de expressão docente, entre aqueles que participaram desta pesquisa.

A análise das respostas agregadas, ao questionário remetido às Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo, dirigido aos docentes das disciplinas *Sociedade, Tecnologia e Inovação, Comportamento Organizacional e Sociologia das Organizações* do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial, apresenta considerações que merecem destaque.

Inicialmente o fato de que, de um universo estimado de 63 respondentes, cujo total mostra-se inferior, conforme os docentes informam que ministram mais de uma disciplina, nove respondem ao questionário, representando uma adesão de 14%, a partir dessa estimativa conservadora; em outras palavras, a participação relativa dos docentes tende a ser maior, conforme se reduz o universo de respondentes. Seu perfil educacional também necessita de observação, compondo-se de doutores, mestres e graduados nas áreas de educação, história, ciências sociais, psicologia e administração, e o fato de ministrarem ou de haverem ministrado um leque variado de disciplinas, que extrapola o número de três, propostas para a análise no interior do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial, que agrega valor à pesquisa, pois adiciona robustez, em razão da exposição e da experiência dos respondentes.

Do total de sete docentes que informam seu número de alunos, obtém-se a média aritmética simples de 64 alunos por docente²¹, público composto por funcionários de pequenas e médias empresas, muitos deles nas atividades de varejo local, e de poucos empreendedores, conforme informado pelos professores.

A análise agregada de respostas tem a intenção de apreender discursos, posições, opiniões e considerações do ponto de vista social; a natureza individual e particular do conteúdo proferido é diluída, quando as respostas são objeto de uma análise que mira o todo e o que há de comum. Em contrapartida, a análise das respostas ao questionário, realizada individualmente, permite aproximar-se da singularidade do respondente.

À vista de uma amostra de apenas nove questionários, constituinte de um *corpus* reduzido, avaliou-se que a utilização de um *software* para o auxílio à análise de conteúdo não se fazia necessária. A pesquisadora optou então, por triar as respostas agregadas, fazendo uso de várias medidas de aproximação e tratamento do conteúdo, tais como fracionamento das respostas, classificação quando são de natureza optativa, contagem de palavras, averiguação do conteúdo; sua análise norteou-se pelas etapas de descrição, inferência e interpretação, conforme sugeridas por Bardin (2016).

Inicialmente observou-se que os respondentes apresentam conteúdo, em número de palavras total, como em suas respostas uma a uma, bem diferentes uns dos outros. Quando a análise do que é dito, se debruça sobre a expressão total de respostas a um questionário,

²¹ “Número aproximado das duas salas: 64”; “depende muito da turma/curso: entre 25 e 40 alunos”; “Em torno de 33 alunos. A classe é heterogenia”: das três expressões docentes, em resposta à questão 2 do questionário, é possível inferir um número aproximado de 30 alunos por turma.

realizada individualmente, e esses resultados são observados relativamente uns aos outros, nota-se perfis de respondentes e de discursos bastante diversos.

Os docentes manifestam que houve mudanças profundas e em grande número, na vida em sociedade na atualidade, quando comparada à vida no período subsequente à II Guerra Mundial, mencionando como aspectos principais o avanço da tecnologia e as alterações nas formas de comunicação e de informação. Citam a economia globalizada, mudanças nos padrões de consumo e de produção, e impactos sobre a vida social e individual, quando observam o imediatismo, o consumismo, a superficialidade, o empobrecimento das relações humanas, os impactos sobre a estrutura familiar. Já notam, logo ao início do questionário, que há necessidade de “um modelo de educação condizente com a sociedade atual” e que é preciso “buscar mecanismos diferenciados” para os processos de ensino/aprendizagem.

Os respondentes afirmam, unanimemente, debater essas profundas alterações em suas aulas, discutindo a atualidade, o que já se conquistou e o que falta conquistar. Contudo, indagados sobre como debatem as mudanças, a maioria dos docentes não apresenta detalhes sobre sua abordagem, método ou ferramentas; afirmam que falam, dialogam sobre os assuntos, utilizando-se dos fatos como ponto de referência. Observa-se também a ausência de um denominador comum de conteúdo das discussões, sobre a vida na atualidade; esse denominador comum aqui é entendido como a menção às categorias necessárias à análise da realidade, recortes de estudo orientados para a focalização de temáticas particulares e componentes de um cenário mais abrangente, intrincado e global. A falta de temáticas comuns ao discurso docente, excetuando-se aquela relacionada à inserção da tecnologia na vida cotidiana e no trabalho, denota a ausência de debates institucionais, que explorassem essas questões de forma intensiva e extensiva, e que pudessem se constituir em subsídios, pontos de apoio às análises e às reflexões docentes, que por sua vez estariam refletidas no interior da dinâmica em sala de aula.

O mundo do trabalho é percebido pelos professores como competitivo, dinâmico, desafiador, complexo, facetado com novas profissões. Manifestam-se preocupados em que seus estudantes estejam preparados para o enfrentar, com “mais saberes e maior apropriação das informações”, com uma “formação multiespecialista”, que sejam reflexivos sobre o futuro, uma vez que ocuparão “cargos que ainda não existem”, que sejam formados em “competências técnicas e humanas”, que detenham “diferencial”, que possam “aprender a aprender”. Afirmam, unanimemente, que o mundo do trabalho mudou, destacando o desenvolvimento de novas tecnologias e a crescente dependência do trabalho em relação aos meios tecnológicos; contudo, embora os professores tracem o cenário de mudanças no mundo do trabalho de forma mais

geral, não mencionam aspectos relevantes, do ponto de vista da fundamentação teórica desta pesquisa, como seu caráter transitório e episódico na atualidade e a crescente independência e mobilidade do capital em relação à mão de obra. Quando indagados se debatem as mudanças com seus alunos, os docentes afirmam que sim; entretanto, apresentam um leque extremamente variado de temáticas, umas mais próximas, outras mais longinquamente relacionadas ao trabalho.

As respostas agregadas às questões sobre o mundo do trabalho, tal como as respostas sobre a vida em sociedade na atualidade, carecem de denominador comum, fato a partir do qual é possível inferir que a contemporaneidade e os desafios para o trabalho não são esmiuçados, explorados, debatidos à exaustão no interior da instituição de ensino superior. A ausência de debates extensivos e intensivos sobre as mudanças profundas e velozes da atualidade, e especificamente, de seus desdobramentos e consequências sobre o trabalho, que fossem realizados de maneira estruturada, sistemática, frequente, e que se utilizassem de categorias de análise, de recortes de estudo, a fim de proporcionar referências teóricas robustas, à elaboração das análises e das opiniões docentes, constitui-se em uma carência importante no seio da atividade educacional, nesse Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial do CEETEPS. É preciso ressaltar que o desenvolvimento de um conhecimento profundo sobre o mundo do trabalho atual, sua pesquisa, reflexão e revisão constantes, devem ser ocupações centrais de uma instituição que se propõe a prover uma educação de natureza profissional.

Do ponto de vista da atividade docente, a maior parte dos respondentes manifesta lecionar em consonância com a ementa disciplinar, proposta ao início do ano, realizando alterações e ajustes pontuais, conforme a demanda de seus estudantes, ou integrando aspectos circunstanciais. Os professores citam a pouca possibilidade de participação docente na construção do conteúdo a ser ministrado. Esse cenário, de um grande compromisso da prática docente ao conteúdo diretivo proposto, combinado à baixa participação na elaboração das ementas, aponta para duas oportunidades no interior da construção e da organização desse Curso Superior de Tecnologia: a expansão e o aprofundamento das discussões sobre a temática do trabalho, nas disciplinas ministradas, ainda que de forma transversal ao conteúdo, por meio de reflexões e melhorias sobre o ementário, e o incremento dos mecanismos de participação docente em sua elaboração.

Outra questão que se sobressai nas análises de conteúdo das respostas agregadas sobre a prática docente é a manifestação de um discurso sucinto, breve, sem grande detalhamento, quando se pergunta aos professores como abordam as temáticas em sala de aula. A maior parte

dos professores menciona realizar debates, conversas, muito poucos citando o uso de abordagens variadas, como trabalhos em grupo, desenvolvimento de projetos, estudos de caso. Mesmo diante de uma pergunta hipotética, acerca de como gostariam de expandir o debate sobre a temática do trabalho em sala de aula, a maioria dos professores adota uma postura defensiva, afirmando já estarem satisfeitos com sua prática, ou já realizarem os debates constantemente. A atitude defensiva, que se faz visível pela análise de conteúdo dessas respostas, suscita algumas justificativas: a falta de intenção de rever e alterar a prática docente, o receio de um questionamento de seu exercício profissional, a necessidade de ter que apresentar resultados à instituição de ensino superior. A forma, portanto, de abordagem das temáticas nas disciplinas, assume prioritariamente o formato de debate, conforme manifestam os respondentes.

A análise das respostas sobre o mundo do trabalho, relacionado diretamente aos comentários proferidos por estudantes dos respondentes, evidencia preocupações relativas ao cotidiano, tais como problemas dos alunos com modelos gerenciais ultrapassados em seu trabalho, conflitos relacionais, vulnerabilidade do trabalhador, bem como preocupações sobre o futuro profissional e a permanência no emprego. Quando indagados se variações nos investimentos empresariais poderiam afetar negativamente o emprego de seus alunos, vários docentes manifestam não compreender a pergunta, ou atribuem tais variações à conjuntura político-econômica do país. À exceção de poucas manifestações, não se encontram nas falas aspectos de risco de perda de emprego, decorrentes da mobilidade do capital, da financeirização de mercados e seu impacto sobre o trabalho, do ambiente empresarial competitivo, da busca por mão de obra mais barata ou mais qualificada, ou alguma discussão sobre a natureza do investimento realizado, por exemplo em informatização de sistemas ou robotização de processos produtivos. A relação entre funcionários e empregadores é descrita como tensa, difícil, sendo a presença da reforma trabalhista no Brasil um traço comum a algumas das respostas.

Acerca dos riscos incidentes sobre o exercício profissional, a maior parte dos docentes julga-os como médios para a perda de emprego de seus alunos, sendo as principais fontes de risco identificadas como o avanço tecnológico e a extinção de cargos operacionais, a existência de setores econômicos mais vulneráveis em cenários recessivos, a má qualidade da formação educacional. Sobre o impacto do ingresso e da disseminação da tecnologia sobre o emprego de seus estudantes, os docentes preponderantemente afirmam que não necessariamente houve impacto negativo da tecnologia sobre o emprego. Embora constatem a extinção de cargos

operacionais e as alterações nas formas de trabalho, decorrentes do desenvolvimento tecnológico, com a informatização de processos, a troca constante e imediata de informações, o armazenamento sistemático de dados, maior agilidade nas decisões, *home-offices*, atendimentos *on-line*, compras e *marketing* via *web*, dentre outros aspectos, os docentes são bastante otimistas sobre o fato de que a educação tecnológica deve prover aos estudantes as ferramentas para enfrentar os desafios desse novo mundo do trabalho. Afirmam: “[...] nossos alunos estarão aptos, o que afeta positivamente para o seu ingresso no mercado de trabalho”, “eles estão em um curso superior de tecnologia para poderem responder positivamente a este desafio”, “a formação tecnológica trouxe uma capacitação mais objetiva, eficiente [...]”, “[...] nosso aluno já vem com uma bagagem empírica do uso da tecnologia [...]”, “O melhor a se fazer é preparar os alunos para este novo cenário”. Depreende-se, das análises das respostas agregadas, um compromisso docente, tanto em relação às diretrizes curriculares, propostas pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, quanto com a intenção de formar seus alunos, de forma a que enfrentem os desafios laborais vindouros, da melhor maneira possível. Observa-se também que a formulação do discurso docente, sobre as alterações já ocorridas no mundo do trabalho, principalmente no que tange aos impactos da tecnologia, acontece de maneira fluente, assertiva, rica em detalhes, enquanto a formulação sobre os impactos de variações do investimento sobre o emprego, apresenta conteúdo mais restrito e manifestações de dúvida. Essa análise de conteúdo docente conclui que a expressão sobre cenários passados se dá muito mais facilmente do que aquela de cenários prognósticos.

Sobre os impactos da evolução tecnológica sobre o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial, a maioria dos respondentes não realiza o prognóstico, mas se expressa acerca de como a educação deve acompanhar esse movimento: de forma a que os estudantes sejam partícipes do desenvolvimento tecnológico, em seu controle, e que essa formação alie tecnologia e humanismo. Não há, no interior das respostas, questionamentos à natureza mais específica ou mais geral da educação, mas o desejo de formar o estudante, um ser humano em sua integralidade. O traço de conduta, mais mencionado pelos docentes, que se prestaria a auxiliar seus estudantes em sua atividade de trabalho é a ética.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa, realizado no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, oferecido pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Estado de São Paulo, teve como pergunta de pesquisa: *as temáticas relativas à modernidade líquida, e seus impactos sobre a vida profissional, são debatidos no interior do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial? Qual o teor desse debate?* Seu objetivo foi o de responder a essa questão, por meio de uma investigação junto aos docentes de algumas disciplinas, selecionadas desse Curso Superior de Tecnologia, também oferecido pelo CEETEPS, de forma a proporcionar as informações necessárias a essa avaliação. O instrumento de levantamento das informações foi um questionário com questões abertas, aplicado aos docentes das disciplinas *Sociedade, Tecnologia e Inovação, Comportamento Organizacional e Sociologia das Organizações*, cujas ementas apontavam para indícios da existência de discussão dos aspectos relativos à modernidade líquida, conforme investigação anterior, introdutória ao assunto, realizada pela pesquisadora e por seu professor orientador da dissertação de mestrado. Esta dissertação foi desenvolvida ao longo de 2016, 2017 e primeiro semestre de 2018, tendo sido os questionários aplicados e respondidos entre janeiro e março de 2018.

O trabalho dividiu-se em dois segmentos principais, sendo o primeiro deles a elaboração da fundamentação teórica, fundada e norteada por algumas das obras do sociólogo Zygmunt Bauman, responsável por cunhar o termo modernidade líquida, dentre elas *Modernidade Líquida* (2001), *Vida Líquida* (2009), *Sobre Educação e Juventude* (2013), *Globalização: as consequências humanas* (1999). Alguns de seus artigos, principalmente concernentes à educação, também foram utilizados, realizando a pesquisadora a tradução para língua portuguesa, quando necessário. Para tratar de aspectos mais específicos sobre as alterações no mundo do trabalho, e sobre os impactos da tecnologia sobre a vida em sociedade, a pesquisa utilizou-se dos quadros teóricos elaborados por Ricardo Antunes, Danièle Linhart, Manuel Castells e Pierre Lévy. Tanto Pierre Lévy, como Michel Maffesoli, lançam luzes sobre as alterações nas formas de construção do conhecimento, nesse cenário atual, caracterizado pela modernidade líquida, como traçado por Bauman. Finalmente, dois autores, frequentemente citados por esse sociólogo, também foram trazidos à fundamentação teórica: Richard Sennett e Ulrich Beck, que discutem tanto os impactos, quanto os riscos, das alterações ambientais contemporâneas sobre o indivíduo e a sociedade.

A fundamentação teórica, por meio dos autores mencionados, esboçou o cenário da modernidade líquida - a contemporaneidade discutida por Bauman - caracterizada pela fluidez, incerteza, fugacidade, velocidade, mobilidade, pela existência de múltiplas conexões, pelo desencantamento em relação ao planejamento e desmonte da crença no progresso. Bauman, Antunes e Linhart discutem como o trabalho tem sua importância relativizada nesta atualidade, como o capital se torna mais independente do trabalhador, no cenário de acumulação flexível, sendo extraterritorial, móvel e global. Castells e Lévy discutem como a informatização alterou o mundo, em direção à construção de uma sociedade em rede. Michel Maffesoli sinaliza alterações nas formas de construção do conhecimento, por meio da construção de espaços compartilhados e da educação informal. Sennett discute as demandas incidentes sobre o profissional, para que tenha condições de se inserir nesta organização social inédita.

A fundamentação teórica, assim, procurou discutir aspectos contemporâneos sobre as alterações do ambiente, da produção, do trabalho, do capital, da tecnologia, do Estado e do indivíduo, e da educação. Utilizando-se do desenvolvimento desse quadro teórico, a pesquisa produziu um questionário aplicado aos docentes das Faculdades de Tecnologia, ofertantes do Curso Superior de Tecnologia selecionado para a investigação, tendo essas categorias de análise como pontos fundamentais de investigação, indagando acerca da visão docente sobre elas, e se tais temáticas são discutidas em aula, perguntando-lhes também como o fazem.

O segundo segmento da pesquisa, portanto, pode ser entendido como aquele que parte do questionário elaborado, com base nas categorias de análise teoricamente fundamentadas, e que se inicia com o contato realizado com as Fatecs, a fim de obter respostas. Compõe-se da investigação propriamente dita, que envolve o contato com os docentes, o recolhimento dos questionários respondidos, a compilação, o tratamento e a análise das informações obtidas. Para a etapa analítica das informações, a pesquisa orienta-se pelo processo de análise de conteúdo, como apresentado nas obras de Bardin (2016) e Franco (2012).

Embora nenhum dos autores abordados na fundamentação teórica trate de forma profunda e especializada a temática da educação, muitos deles apontam para os desafios e as alterações existentes nesse campo, algumas vezes confrontando as formas tradicionais de educação às drásticas mudanças ambientais contemporâneas.

Zygmunt Bauman, que traça a modernidade líquida como fluida, incerta, veloz, em que o capital se move com facilidade e velocidade, alerta para o fato de que os indivíduos dotados de mais recursos, que os capacitem à velocidade de ação, e à mobilidade, estarão em posição mais vantajosa, para enfrentar os desafios atuais. O autor lança mão da metáfora dos mísseis

inteligentes, que constantemente fazem uma releitura de seu entorno, reavaliam variáveis, para definir trajetórias, a fim de atingir os alvos possíveis, comparando-os aos indivíduos. O sociólogo alerta para uma mudança paradigmática da educação, que tradicionalmente visava o acúmulo de conhecimentos e o encaminhamento a uma carreira profissional, mas que, atualmente, é desafiada a prover ao indivíduo as ferramentas que o habilitem a viver em ambiente instável, mutável e incerto. Bauman também chama atenção para o fato de que os modelos tradicionais de educação se originam em um tempo de previsibilidade, certeza e solidez, que não existe mais. O sociólogo polonês indica a necessidade imperiosa de que a educação desenvolva o pensamento estratégico, de visão abrangente, capaz de analisar e reavaliar constantemente múltiplas variáveis e o ambiente.

Tanto Bauman como Sennett discutem a questão do estrangeirismo. Abordam como a condição de ser estrangeiro é desafiadora, já que exige uma tensão entre esquecimento e lembrança, entre abrir mão de um repertório completo anteriormente construído, por vezes, e ler, digerir, assimilar, aprender novos signos e significados, uma vez que se está inserido em uma realidade cultural nova, em um ambiente novo. Assim vem a ser a condição individual na modernidade líquida, em que a vida é uma sucessão de reinícios, nas palavras do sociólogo polonês, sendo o indivíduo compelido a iniciar novas atividades profissionais, em localidade diferente, em ambiente cultural e empresarial diverso, iniciando-se em outra área do conhecimento, empreendendo um negócio, conhecendo pessoas novas, aprendendo sobre métodos, tecnologias e instrumentos de trabalho antes desconhecidos, interpretando relações sociais e institucionais, inovando, produzindo alternativas.

Ambos os autores também discorrem sobre a natureza crescentemente fragmentada do indivíduo, que se compõe como uma colcha de retalhos, que se forma, distorce, desmonta, reorganiza-se, de acordo com as novas realidades em que se insere. Os autores destacam, como qualidades essenciais à inserção na contemporaneidade, a flexibilidade e a inventividade, bem como a capacidade de realizar prognósticos e de pensar estrategicamente; também observam que a mobilidade e o desapego tornam-se imperativos e determinantes à detenção de poder.

Na atualidade, em que a maioria dos indivíduos se compõe de estrangeiros – em virtude do local, do trabalho, do idioma, do repertório, ou em razão do que quer que seja –, inseridos em ambiente de avanços tecnológicos acelerados, Maffesoli e Lévy chamam a atenção para organizações sociais reunidas em grupos de interesse e para processos interativos de construção do conhecimento, que muitas vezes não necessariamente acontecem por vias educacionais

institucionalmente constituídas. A educação se dá também nos espaços informais, compartilhados, no *ciberespaço*, em rede.

Esses autores destacam o fato de que benefícios podem ser obtidos de processos educacionais, que tragam à luz experiências, competências, reflexões, ideias e criatividade individuais, em um emaranhado de consensos e divergências coletivamente construídos, que sejam capazes de fazer avançar o conhecimento e a consciência. Bauman nota que, na modernidade líquida, não faz mais sentido praticar a assimilação cultural, é preciso conhecer o indivíduo-estrangeiro em sua peculiaridade. Maffesoli argumenta que a sociedade passa a se organizar por tribos, que desenvolvem uma contracultura, aquela que acontece à margem das organizações de épocas mais sólidas, e caracterizada por ser leve, irônica, divertida, feita do senso comum.

Pierre Lévy ressalta as relações simultâneas, multifacetadas, em constante mudança e reconstrução, tais como acontecem no interior do caleidoscópio; para o autor, o conhecimento muda em razão dos meios utilizados para sua construção e disseminação, em razão das pessoas que o alteram, da velocidade com que se amplia e modifica, do público que o acessa. Na educação contemporânea, o conhecimento deixa de ser especializado e restrito a especialistas, mas se faz por canais impensados, utiliza-se de linguagens variadas, constrói-se coletivamente com uma inteligência coletiva, no *ciberespaço*. Nesse ambiente densamente povoado, de enorme riqueza informacional, de diferenças incontáveis, o sociólogo aponta para a necessidade primordial de se praticar a escuta.

Os autores, utilizados na fundamentação teórica desta pesquisa, abordam temáticas nevrálgicas, que podem subsidiar a reflexão e a revisão dos processos educativos, dentro das instituições de ensino superior. Isso se dá pelo fato de que, como defende Bauman, o ambiente mudou mais depressa do que as instituições educacionais, não basta aos estudantes serem preparados para uma atividade profissional única, ou deter unicamente conhecimentos especializados, ou ainda serem pacientes do processo de ensino e de aprendizagem. A capacidade de analisar, questionar, criticar e de se posicionar diante de cenários multivariados, que apresentam riscos crescentes, e são cada vez mais incertos, torna-se essencial à própria subsistência.

A educação profissional, detentora de uma posição privilegiada de formar egressos para o aproveitamento imediato no mercado de trabalho, no cenário industrial da modernidade sólida, é desafiada pela autonomia e mobilidade crescentes do capital, pelos modos flexíveis de produção e de acumulação de riquezas, pelo desemprego estrutural, pelo rompimento da lógica

de investimento em educação e retorno pecuniário do trabalho, hoje transformado por haver se tornado de natureza temporária e episódica, pela obsolescência rápida do conhecimento adquirido, todas características da modernidade líquida.

A investigação de como todas essas mudanças tem ou não sido discutidas, e como, no interior do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial das Fatecs, trouxe diversos resultados de pesquisa.

Ao observar o conjunto final das análises das respostas ao questionário encaminhado aos docentes, das disciplinas selecionadas, das Fatecs ofertantes do CST em Gestão Empresarial (Processos Gerenciais), no Estado de São Paulo, e ao responder à questão desta pesquisa, nota-se que as mudanças contemporâneas da vida em sociedade e do trabalho são debatidas pelos docentes em suas aulas. Os professores foram unânimes ao dizer abordar esses temas em suas disciplinas, ressaltando principalmente a presença e o impacto dos avanços tecnológicos e a natureza crescente de competição no mercado de trabalho.

Contudo, evidencia-se, pela análise das respostas agregadas, a ausência de estudos, reflexões e análises mais profundas sobre as temáticas diversas, que compõem o conceito da modernidade líquida; ausência essa constatada a partir da falta de um denominador comum à expressão docente. Os professores carecem de marcos fundamentais, de categorias de análise teoricamente exploradas, que tenham sido e continuem a ser, objeto de estudos, de revisões, de debates, metodologicamente organizados e institucionalmente propostos, tais como estudos sobre as alterações incidentes sobre o ambiente, a produção, o trabalho, o capital, a tecnologia, o Estado e o indivíduo, e a educação, na contemporaneidade. Esses estudos aprofundados, sobre as alterações das condições contemporâneas, e particularmente das mudanças no trabalho, se realizados no interior das Faculdades de Tecnologia, e do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, podem contribuir ao enriquecimento e à ampliação do repertório teórico docente, impactando positivamente a qualidade dos debates realizados com os estudantes.

Observa-se também a carência de análises mais profundas e completas sobre as alterações estruturais atuais, que tornam o trabalho episódico e precário, que exigem a mudança frequente de atividade e de profissão ao longo da vida, que demandam do trabalhador a flexibilidade para se desenvolver quando exposto a ambiente, instrumentos, métodos, conhecimentos variados e multifacetados, originários de fontes diversas. A análise das respostas agregadas dos docentes, sobre sua abordagem das temáticas do trabalho, indica o tratamento de assuntos diversos, mas difusos, pulverizados, incomuns. Nota-se que, por trás dessa difusão,

existe a falta de uma diretriz clara, institucional, de discussão e de enfrentamento das condições instáveis, fluidas e incertas atuais, temática essa essencial e prioritária para uma instituição de ensino superior, voltada à formação profissional.

Se por um lado, as condições contemporâneas colocam em xeque a relação direta entre a formação obtida e o subsequente exercício profissional naquela área, bem como se rompe o laço entre incrementos de anos de estudo e aumentos de renda esperados, os docentes das Fatecs selecionadas para esta pesquisa, continuam a depositar expectativas positivas significativas, de que seus egressos estarão aptos a se inserir adequadamente em atividades de trabalho. Há, ao lado de uma confiança na formação educacional oferecida, uma fidelidade às propostas ementárias e às diretrizes elaboradas pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Esse compromisso elevado constitui-se em uma grande vantagem institucional, pois aponta para uma janela de oportunidade de melhoria da qualidade das discussões sobre os desafios da modernidade líquida, tanto no interior da instituição e do corpo docente, como para a oportunidade de inserção de debates disciplinares ou transversais dessas temáticas em aulas. É preciso observar também, que os docentes se manifestam desejosos de rever esses processos educativos, e de preparar seus estudantes da melhor forma possível, para lidar com essa realidade incerta, mutável e fluida.

A respeito de como abordam as temáticas da modernidade líquida, depreende-se dos discursos docentes que a maior parte fala, conversa, debate, trazendo o cotidiano e as preocupações de seus estudantes para o interior das aulas. Entretanto, nota-se a ausência de uma expressão, uma elaboração mais segura e fluente dos professores, acerca de seus métodos de trabalho. Infere-se que há mais uma oportunidade, observada como resultado desta pesquisa, que é a de ampliação e a variação dos instrumentos e dos métodos docentes, que passem a incorporar também os elementos de construção do conhecimento, sugeridos pelos autores que compõem esta fundamentação teórica

Conclui-se esta dissertação, com a constatação de que as respostas à questão de pesquisa foram obtidas, por meio da construção da fundamentação teórica, da elaboração e aplicação dos instrumentos para a coleta de informações, e da realização da análise de conteúdo das respostas dos questionários, à luz dos elementos teóricos utilizados. A contribuição deste trabalho à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), à comunidade institucional do CEETEPS, aos docentes das Fatecs do Estado de São Paulo, aos *policy makers* das políticas educacionais voltadas à EPT, aos estudantes dessa instituição, e à sociedade como um todo, deriva de seus resultados acerca da existência de oportunidades de desenvolvimento e de incremento de

debates, de estudos e de reflexões sobre as condições da modernidade líquida, e de suas consequências sobre o trabalho, no interior da instituição de ensino superior, e também fora dela, e da sugestão de meios e de abordagens novos para o processo de construção do conhecimento, como tratados pelos autores que serviram de fundamento a esta pesquisa.

No caso específico do CST em Gestão Empresarial, das Faculdades de Tecnologia do CEETEPS, no Estado de São Paulo, sugere-se o estabelecimento e o desenvolvimento de uma educação docente e discente sobre as mudanças e os desafios do mundo contemporâneo, com atenção especial aqueles relativos ao trabalho, tendo como referência as categorias de análise, e os debates delas decorrentes, utilizados nesta pesquisa, e a fim de incorporar ao repertório desses agentes, as discussões sobre a modernidade líquida; educação que pode acontecer em muitas formas, não se restringindo unicamente às mudanças ou adições de conteúdo nas disciplinas, nas Ementas do Projeto Pedagógico, mas procurando diversificar a abordagem das temáticas, os meios, a linguagem, as formas, a organização dos agentes, considerando, sempre que possível, aquilo que os autores desta fundamentação teórica apontam como formas novas de construção do conhecimento, na atualidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Educational challenges of the liquid-modern era. **Diogenes**, 50 (1): 15-26. London: SAGE, 2003.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. Education in the world of diasporas. **Policy Futures in Education**, v.8 n.3, 398-407, 2010.

_____. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

BLAUG, Mark. **A teoria do capital humano**. In: Metodologia da economia ou como os economistas explicam. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 285-301.

BM&F BOVESPA. **Relatório Anual 2015**. Disponível em: <http://ri.bmfbovespa.com.br/ptb/s-20-ptb-2015.html>.

BOYATZIS, Richard. E. **Transforming qualitative information**: thematic analysis and code development. London: SAGE Publications, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). **Catálogo nacional de cursos superiores de tecnologia**. 3 ed. Brasília-DF, 2016. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=44531-catalogo-nacional-cursos-superiores-tecnologia-edicao3-2016-pdf&category_slug=junho-2016-pdf&Itemid=30192> Acesso em: maio 2016.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2006 Out-Dez, 679-84, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. **Centro Paula Souza 45 anos, 45 motivos de sucesso**. São Paulo, 2011.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. **Curso superior de tecnologia em gestão empresarial (Processos Gerenciais no CNCST)**. São Paulo, 2009.

CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. USA: SAGE Publications, 2015.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2012.

FODDY, William. **Constructing questions for interviews and questionnaires: theory and practice in social research**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.

LINHART, Danièle. **A desmedida do capital**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

MEDEIROS, Silvia Corrêa Guimarães Raposo de; DELGADO, Darlan Marcelo. Um estudo do projeto pedagógico do CST em Gestão Empresarial das Fatecs à luz de categorias de análise de Bauman. **Anais do XI Workshop de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Paula Souza: Tendências, Expectativas e Possibilidades no Cenário Contemporâneo em Educação Profissional e Sistemas Produtivos**. São Paulo, 2016, p. 498-509.

MOSÉ, Viviane (Org). **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **World employment and social outlook 2015: the changing nature of jobs**, Genebra: ILO, 2015. Disponível em: <http://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2015-changing-nature-of-jobs/WCMS_368626/lang--en/index.htm> Acesso em: julho de 2016.

PETEROSSO, Helena Gemignani. **Subsídios ao estudo da educação profissional e tecnológica**. 2 ed. São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

RED DE INSTITUICIONES DE FORMACIÓN PROFESIONAL. **Anticipación de las competencias profesionales**. Transferencia del Modelo SENAI de Prospectiva. Montevideo: OIT/Cintefor, 2013. Disponível em: http://www.oitcinterfor.org/sites/default/files/file_publicacion/Prospectivas%20-%20Espa%C3%B1ol%20-%20Final%2027-06-2013_0.pdf. Acesso em 23 abr. 2017.

SENAI. **Prospecta se**. Desenvolvido pela Unidade de Tendências e Prospecção do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Apresenta textos sobre o Modelo SENAI de Prospecção. Disponível em <<http://prospectase.senai.br/portal/main.jsp>>. Acesso em 18 jun. 2017.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **El extranjero**: dos ensayos sobre el exilio. Barcelona: Editorial Anagrama, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

STIGLITZ, Joseph E. **Globalização**: como dar certo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Atlas, 1982.

The Guardian. **Erica**: man made. Video Documentary. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/ng-interactive/2017/apr/07/meet-erica-the-worlds-most-autonomous-android-video>.

The Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). **Learning for jobs**: OECD Policy Review of Vocational Education and Training Initial Report. Paris, 2009. Disponível em: < <https://www.oecd.org/edu/skills-beyond-school/43926141.pdf> >. Acesso em 18 jun 2017.

TURCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: A Educação Profissional na Modernidade Líquida: um estudo sobre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial das Faculdades de Tecnologia do CEETEPS com proposta de abordagens em disciplinas do seu projeto pedagógico, e sua seleção foi por conveniência.

Acreditamos que sua participação seja importante porque contribuirá para uma pesquisa sobre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial, assim como a relevância do curso para a região.

A sua participação no referido estudo será de a de responder à entrevista de pesquisa.

Esclarecemos, contudo, que sua participação não é obrigatória. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição proponente.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade.

A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado.

ProfºDrºDarlan Marcelo Delgado

Orientador

profdarlandelgado@gmail.com

Silvia C. G. Raposo de Medeiros

Aluna pesquisadora

scgr_medeiros@terra.com.br

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Idade:	Sexo: F () M ()

Sujeito da Pesquisa

Assinatura

www.cps.sp.gov.br

**APÊNDICE A – CORPUS DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO PROPOSTO,
SEPARADO POR QUESTÃO**

1. O Sr./Sra. é docente do CST em Gestão Empresarial da FATEC (localidade)? De qual ou quais disciplinas?

(As respostas a essa questão foram suprimidas da exposição neste trabalho de pesquisa, com o objetivo de resguardar o anonimato dos respondentes. Os questionários, tais como originalmente respondidos, permanecem em posse da pesquisadora, exclusivamente em formato escrito, armazenados em local seguro).

2. Saberria dizer o número aproximado de alunos que frequenta suas aulas e em que trabalham? Seriam, em sua maioria, pequenos empreendedores, funcionários de médias e grandes empresas ou autônomos?

Aproximadamente 58, sendo na maioria funcionários de pequenas e médias empresas.

A grande maioria dos alunos trabalha, cerca de 80 %, quanto às profissões eram as mais variadas.

Como o curso é noturno, a maioria dos alunos trabalha. Em sua maioria são funcionários de pequenas e médias empresas.

Número aproximado das duas salas: 64. Trabalham principalmente no comércio como funcionários.

depende muito da turma/curso: entre 25 e 40 alunos, sendo que a maioria dos estudantes atuam como funcionários, principalmente no comércio local (pequenas e médias empresas) ou microempreendedores.

Em torno de 33 alunos. A classe é heterogenia: alunos jovens de 20 anos, alguns mais velhos na faixa de 40 anos. É um grupo formado por pessoas inexperientes no mercado de trabalho (20 anos) e também por alguns que já constituíram uma história profissional (40 anos). Temos também empreendedores, ou aqueles que querem empreender.

Estou por lá faz 5 anos, e em média 15 alunos na Turma da Manhã, e 25 na Turma da Tarde.

Em geral funcionários de pequenas empresas, Estágios, e pouquíssimo de empreendedores

Em torno de 60 alunos. Na sua maioria não trabalham (60%) o restante são estagiários e ou

efetivados em pequenas e médias empresas. Empreendedores são em torno de 4.

40 alunos p/turma => total 160 => CO são 80 alunos (diurno e noturno); GP são 80 alunos (diurno e noturno).

Trabalham administrativo e produção empresas pequeno e médio porte.

3. Quais são suas impressões sobre a vida em sociedade na atualidade, quando comparada à vida pós II Guerra? Houve mudanças? Em caso positivo, poderia mencioná-las?

As mudanças foram muitas no scampo da comunicação, da educação, de produção industrial e nas relações trabalhistas. Há um empobrecimento das relações humanas em decorrência da facilidade e abundancia de recursos no mundo virtual. Não parecemos mais Homens, mas máquinas se relacionando com outras maquinas. Chegamos ao cúmulo de dentro de casa nos comunicar pelo Zap.

Muitas mudanças, a mais significativa refere-se à era da informação que ultrapassou todas as expectativas e hoje controla, praticamente, a vida em sociedade. De modo geral, seja dos adultos nos seus postos de trabalhos ou dos jovens e crianças em seus horários de laser.

Como nos lembra Bauman (2011, p.7) na primeira carta do livro 44 cartas do mundo líquido moderno, vivemos num mundo líquido porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança. Para Morin (2000, p. 79) Ainda não incorporamos a mensagem de Eurípedes, que é a de estarmos prontos para o inesperado. O fim do século XX foi propício, entretanto, para compreender a incerteza irremediável da história humana.

Diferentemente do imediato pós II Guerra, onde o mundo estava dividido em dois blocos: capitalista e socialista, hoje vivemos num mundo globalizado que traz como uma de suas marcas a mudança contínua, ou um mundo movediço (Paul Virílio).

Este mundo líquido, movediço e carente de certezas é muito diferente de outros momentos da história.

Sobre o nosso papel em relação ao mundo atual, adverte Bauman (2011, p. 125): "...a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida."

Este cenário desafiador, muito diferente de boa parte do século XX, que nos desafia a construir um modelo de educação condizente com a sociedade atual.

Maior abundância de consumo, menor divisão clara as intenções e ideologias políticas e grande mudança na estrutura familiar. São tantas mudanças que acredito que vivemos em um mundo muito diferente.

De maneira breve, entendo que vivemos uma era em que os jovens são muito imediatistas, com utilização intensa de tecnologias de informação e comunicação, onde as IES precisam buscar mecanismos diferenciados para que o processo de ensino/aprendizagem possa ter sucesso. De maneira geral, a sociedade passa por profundas mudanças, onde a tecnologia faz parte de nossas vidas e dependemos fortemente de todos os seus benefícios, seja nos meios de produção, na comunicação, nas negociações etc.

Sim, claro. A Tecnologia vem avançando rapidamente em todos os setores atendendo melhor as necessidades humanas: saúde; telecomunicações; transporte; energia; educação; alimentos; vestuário; a própria tecnologia da informação (Sociedade em Rede); entre outros avanços.

Certamente que sim, houve mudanças. Mas infelizmente não alcançou a população mundial e ficou restrito aos que já eram 1º mundo, por conta do capitalismo econômico, formações culturais, sociológicas e religiosas.

Totalmente. A 2ª guerra foi um grande marco de mudança na sociedade civil e empresarial. Diversas situações/necessidades de guerra e reconstrução, bem como a tecnologia foram de vital importância na mudança total da sociedade.

Baixa Qualidade de Vida, pessoas mais ansiosas, muitos transtornos emocionais.

Muitas mudanças => exigência mais estudo, exigência de mais habilidades para manter-se no mercado de trabalho; mais tecnologia e facilidades para dia-a-dia; tecnologia da informação facilitando comunicação e disponibilidade de informações.

4. Essas mudanças são debatidas em sua disciplina? Em quais aspectos? Como o Sr./Sra. costuma abordar essas mudanças em sala de aula?

Dialogamos abertamente e ressaltamos que a tecnologia tem aproximado e afastado povos e culturas, porém, não pela sua existência e aperfeiçoamento, e sim pelo uso que fazemos da mesma. Não somos ingênuos de não perceber o interesse do Capital em torná-la indispensável para nossas relações de vida e trabalho.

De modo geral, na disciplina de pesquisa, muitos aplicativos podem ser feitos a partir das

vivências dos alunos ou das necessidades do dia a dia, por exemplo: aplicativo para controle financeiro de crianças do ensino fundamental (uso em celular); controle de oferecimento de alimentação para animais caseiros por quem trabalha e ao mesmo tempo cuida de seus bichos de estimação;

Na disciplina de gestão de sistemas de informação os grupos foram organizados de acordo com um projeto que foi planejado e implantado em pequenas empresas da cidade de Indaiatuba em parceria com a prefeitura e associação de pequenos empreendedores que tinham financiamento para “tocar” seus pequenos negócios; Exemplo: o Sr. Jair dos portões faltava controle financeiro, controle de estoque, controle de gastos e retroalimentação dos seus clientes. Tudo feito via disciplina, com varias visitas e conversas com o dono desse negócio.

Essas mudanças são frequentemente debatidas à luz dos autores citados e, até mesmo, de outros autores que tentam captar o dinamismo da contemporaneidade. Os textos escritos se relacionam com os textos vividos diariamente, ou seja, o cotidiano dos alunos é tomado como parâmetro para fomentar a discussão sobre o nosso tempo.

Jornais, filmes, revistas, meios eletrônicos em geral, textos e cotidiano se relacionam para tornar a leitura do real mais instigante.

A ementa não foca muito na segunda Guerra, mas, falamos em atualidade e em como ela foi construída de uma maneira geral.

estou iniciando agora com a Disciplina, minha pretensão é fazer com que tudo isso possa ser debatido, utilizando-se de metodologias ativas para o debate e compreensão das influências da tecnologia x sociedade.

Sim. Utilizamos dos fatos que permeiam o cotidiano em nossa sociedade para evidenciar o que já conquistamos e o que devemos conquistar em desenvolvimento tecnológico, desafios econômicos, culturais e sociais.

Sim. Pelo aspecto de Ética Profissional, Ética Moral, Respeito e Responsabilidade, valores adjacentes de uma sociedade justa.

Principalmente na questão da qualidade (padronização de processos), na questão estratégica da logística militar transferida para a logística empresarial. Na evolução do próprio conceito de estratégia e de planejamento.

sim, mudança de comportamento e de que forma o gestor deve estar preparado para compreender e saber lidar com sua equipe, seja como gestor ou líder ou mesmo trabalhador.

5. Como o Sr./Sra. vê o mundo do trabalho na atualidade?

Uma desgraça para a classe trabalhadora. Seus direitos foram surrupiados e a pseudomodernidade nas relações do trabalho só beneficiaram os patrões, tanto os bons como os inescrupulosos.

Um mundo facetado com novas profissões, no entanto, que requer de cada trabalhador mais saberes e maior apropriação das informações para se manter atualizado e em processo de competição.

Um mundo muito desafiador, pois nossos alunos precisam construir uma formação que lhes possibilite a empregabilidade, ou seja, eles precisam entender que a era de certezas já se foi. Portanto, aprender a aprender é algo fundamental para o exercício de uma formação contínua, que possibilite algum grau de empregabilidade (estar apto para o trabalho). O desenvolvimento de uma formação multiespecialista é algo essencial para qualquer profissional construir oportunidades nesse mundo complexo e altamente competitivo.

Cada vez mais individualista e consumista.

altamente complexo, dinâmico, em que surgem novas formas de trabalho em todos os momentos, desta maneira, cabe aos estudantes reflexões sobre o futuro em todas as áreas, afinal, formamos alunos para cargos que ainda não existem.

Apesar da crise econômica que enfrentamos, o Brasil é um país com grande potencial de desenvolvimento, amplo território, rico em fontes energéticas e de população jovem. Para o mundo do trabalho precisamos desenvolver as competências técnicas e humanas dos jovens para que eles possam participar do desafio profissional.

Em desenvolvimento, para o equilíbrio da riqueza e da renda mundial, notadamente firmes depois do livro “O CAPITAL no século XXI” de Thomas Piketty, 2013/2014, em que a Valoração Social da Renda e da Riqueza tiveram mais respeito e responsabilidades.

Requerendo diferencial. Ter um 3o grau não é mais diferencial e sim requisito mínimo para se disputar uma oportunidade de trabalho. O mercado está mais competitivo e mais exigente das habilidades e competências empresariais. Este diferencial dependerá da postura de cada um perante os desafios. Como digo aos meus alunos:

- A gente se destaca não só pela nossa inteligência, mas pela ignorância dos outros....
- A gente se destaca não só pela nossa competência, mas também pela incompetência dos outros.
- Se destacamos não só pela nossa luz e nosso brilho, mas pela falta de luz e de brilho dos outros....

bastante competitivo e exigente

6. Acha que ele mudou em relação às décadas anteriores? Em que aspectos?

Sem dúvida e ao que me parece mudou para pior...O homem deixou de ser o fim e sim meio para o acumulo inescrupuloso do Capital.

A competição, nesse aspecto me parece que o cenário das profissões ficou excludente para alguns sujeitos e muito exacerbado para outros. Nesse arena do vale tudo houve perdas irreparáveis de ética, delicadeza, honestidade e de boas condutas de modo geral.

O mundo do trabalho, em função das mudanças ocorridas no sistema produtivo, nas inovações tecnológicas e, enfim, no próprio sistema capitalista, efetivamente globalizado, mudou muito.

Nossos alunos precisam ser preparados para este novo cenário. Por isso mesmo, lembra Cortella (2010, p. 100) no livro Qual é a tua obra?, que é necessário formar pessoas para a autonomia, para o desenvolvimento da sensibilidade, para a capacidade de acumulação de conhecimento e informação e a capacidade de apropriação e aplicação desse conhecimento. Sim, as mudanças são constantes.

sim, como mencionado anteriormente, as formas de trabalho estão em plena modificação, onde a dependência da TIC é cada vez maior.

Sim, muito. Hoje novos conhecimentos mais especializados são exigidos das novas gerações.

Mudou sim, e bastante, principalmente considerando que a Valoração Social da Renda e da Riqueza tiveram mais respeito e responsabilidades, desde então, e graças ainda, e salientando, e não podendo negar ou deixar de mencionar, a introdução da Tecnologia da Informação nas sociedades mundiais, cada qual com suas respectivas medidas possíveis, mas mudando em si suas sociedades e de modo geral a sociedade mundial globalizada.

A mudança é radical e muito dinâmica. O principal aspecto, para mim, é a tecnologia. Hoje somos indivíduos conectados....

sim. Mais tecnologia, informação e conhecimento.

7. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho são objeto de discussão em sala de aula?

Sempre e, por incrível que pareça, alguns alunos são embebedos pela falácia da mídia massiva e alienante, defendendo essas mudanças.

Normalmente discutimos cenários e possibilidades de trabalhos para os alunos que

freqüentam EPT; existe um espaço “reservado” para alguns desses alunos e outros que apenas usam essa formação como passagem para outros postos de trabalho que ainda pretendem alcançar.

Sim. Em ambas as disciplinas que leciono.

Sempre procuro mostrar a importância de formar tecnólogos com uma visão mais ampla. Procuro seguir o lema da instituição: tecnologia e humanismo. Nossos tecnólogos não devem sair da instituição com uma visão tecnicista do mundo, mas com uma visão larga, profunda e integral da vida e da realidade.

Sim, desde a não existência de leis trabalhistas, mas, o foco não são as leis,mas sim as consequências delas na prática.

serão, em todos os aspectos, refletindo sobre as mudanças da sociedade e as tecnologias que estão sendo implementadas em busca de inovação, assim teríamos: sociedade x tecnologia = inovação

Sempre.

Certamente que sim. Trabalho para que criem uma visão global de qualidade e responsabilidade, fazendo-os ver pelo prisma de si próprio, pela Ética, pois o Bem que produzir bem ao consumidor, certamente deverá gerar ganho de capital para a organização, seja ela de que tamanho for, e então deverá gerar maior produção, maiores mercados, mais renda e consumo.

Muito.

sim.

8. Quais questões sobre o trabalho são abordadas em sua disciplina?

Ambiente de trabalho, relação com a questão ambiental, jornada de trabalho, salários miseráveis, qualificação em serviço, etc.

Ocupações, normalmente, o alunos tem dúvidas do que acessar depois dessa formação, ou já está empregado e pretende alcançar melhores posições no mesmo emprego.

Em Sociedade, tecnologia e Inovação, no 1º GEMP, essa discussão sobre formação integral X formação tecnicista é muito discutida. A filósofa norte-americana Martha Nussbaum tem um texto que gosto de refletir com os alunos: Educação para o lucro X Educação para a liberdade. O Projeto Interdisciplinar da turma, inclusive, contempla uma discussão mais ampla sobre empreendedorismo e empreendedorismo social.

Em Sociologia das Organizações, no 2º GEMP, a discussão sobre o mundo do trabalho

começa com uma abordagem histórica, que tem como ponto de partida a revolução industrial. Também discutimos dentro dos temas Cultura e as Organizações, O poder nas e das Organizações, o Terceiro Setor e outros tópicos, as questões relacionadas ao mundo do trabalho. Essa discussão sempre contextualizada pelo mundo globalizado que vivemos.

Trabalho X Emprego; Desemprego; Leis trabalhistas; relações sociais no trabalho.

Tecnologia x Trabalho; Tecnologia x Ética; Evolução Tecnológica x Mercado; Mão de Obra x mercado etc.

A Administração e seus pressupostos ideológicos; A Cultura Organizacional no Brasil; Sociedade, Tecnologia e Inovação.

Questões que enfatizam a qualidade global e claro, vinculada à responsabilidade social, o que certamente abrange o meio ambiente e toda a sociedade que acerca a organização empresarial.

Faço um comparativo de profissões que não mais existem e outras novas que surgem. O uso da tecnologia na questão estratégica de competitividade e de vantagem perante o mercado (cliente e concorrente). Empresas que antigamente eram líderes e hoje não mais existem.

Compreensão das diferenças e modificação do comportamento das pessoas; percepção, motivação, emoções e transtornos emocionais do trabalho; liderança e poder; grupo, equipe; conflito e negociação.

9. Isso se dá de forma planejada ou informal?

De acordo com as temáticas da disciplina planejadas no início do ano, mas atualizadas pela vergonhosa atuação do Congresso Golpista e atuação das Redes de Comunicação coniventes com essas mudanças.

As duas coisas dependem do assunto a ser abordado

Se dá de forma planejada, mas de acordo com as necessidades dos alunos, do momento histórico, das circunstâncias objetivas, a discussão pode se dar também de maneira informal.

Planejada.

as aulas estão sendo planejadas de maneira que atenda aos objetivos e ementa da disciplina, porém, sempre que possível, serão feitos ajustes buscando trabalhar de maneira totalmente atualizada com as informações disponíveis no mercado.

Sim, planejada.

Planejada. Penso minhas falas de acordo com o programa da disciplina e este me remete às atualidades.

Na maioria se dá informalmente, não planejado, tudo em virtude da discussão dos temas em sala de aula ou de exemplos para ilustrar determinado conceito.

ambos. Sigo ementa e conforme necessidade da turma posso focar assuntos relacionados.

ambos. Sigo ementa e conforme necessidade da turma posso focar assuntos relacionados.

10. O Sr./Sra. acha importante expandir esse debate em sua disciplina? Por quê? Tem alguma ideia sobre como gostaria de fazê-lo?

Lamentavelmente nossa instituição (CEETEPS) e muitos professores concordam com tudo isso, fazendo com os alunos fiquem inseguros em quem acreditar: naqueles que engolem o empreendedorismo vulgar como remédio para todos os males ou em quem busca nos clássicos e na Teoria crítica suporte e argumentos para demonstrar o desmonte da CLT e a ruína dos trabalhadores.

Sim, nas duas disciplinas o debate é muito fácil e pertinente; a pesquisa requer dos alunos uma inquietação com a sua atuação no seu posto de trabalho ou com outros vãos que pretende alcançar em outro trabalho; com a disciplina de gestão ele pode através do seu projeto melhorar a sua própria atuação no mundo do trabalho, propor novos caminhos para processos já existentes.

Como de certa forma já destaquei anteriormente, essa discussão permeia os debates nos mais variados assuntos que compõem as duas disciplinas. As abordagens histórica, sociológica, geográfica, antropológica e filosófica perpassam as discussões.

Como sou graduado em História, pós-graduado em Antropologia Social e mestre em Filosofia da educação, procuro recheiar as discussões de uma visão interdisciplinar.

Sim, já faço isso há 8 anos.

como já apresentado em questão anterior, vários são as questões a serem debatidas, como: Tecnologia x Trabalho; Tecnologia x Ética; Evolução Tecnológica x Mercado; Mão de Obra x mercado etc. sendo realizados estudos de projetos específicos que retratem tal realidade, debates em sala, estudos de caso com debate em sala etc.

Já faço isso. Trago a realidade para a sala de aula.

Sim, importante. Fortaleceria as Técnicas de Negociações por abordagens psicológicas, econômicas e de gestão.

Eu constantemente faço tal debate.... não de forma estruturada....mas é feito sempre.....

a Carga horária da disciplina se torna pouca, tento complementar com curso extensão quando é possível.

11. Seus alunos comentam sobre os problemas e desafios que enfrentam no trabalho? Que tipos de comentários?

Comentam e debatem os porquês de tantas mudanças e sempre contra a classe trabalhadora. São jovens recém saídos do Ensino Médio, que com a reforma só tende a piorar, e que não trazem grande entendimentos das questões sociais. É fundamental debater como uma sociedade com tantos recursos consegue aumantar a massa dos excluídos digital e economicamente?

Neste momento, a permanência no emprego é o maior desafio

Costumam relacionar situações do cotidiano do trabalho com os temas discutidos em sala de aula. Aliás, este é um dos meus objetivos, fazer a ligação entre teoria e prática.

Pouquíssimas vezes. Nossa cidade é muito pequena e vários se conhecem.

Iniciando agora o semestre

Sim. Compartilham interesses, sonhos, expectativas

Sim. Geralmente relacionados à Fraqueza da Ética e ainda a Força do Capital. É uma questão cultural, costumo enfatizar, mas que no decorrer do tempo deverá ser vista com maior clareza e então se transformar.

Comentam.... na maioria das vezes pela postura gerencial antiga, arcaica e equivocada de seus gestores/administradores.

Sim. Conflitos, lideranças, relacionamento interpessoal, processo seletivo. Dificuldades e melhor esclarecimento em como podem agir ou melhor compreender determinadas situações.

12. Tendo seus alunos em mente, o Sr./Sra. acha que as variações de investimentos consideradas pelas empresas afetam negativamente a capacidade de os alunos exercerem um trabalho?

Não entendi a pergunta, mas a interpreto que a variação de investimentos é decorrente da ganância de acumular mais, retirando dos trabalhadores e das políticas fiscais o máximo de ganhos possíveis.

A empresa investe em formação do seu funcionário para benefício próprio, portanto, o funcionário terá que seguir algumas regras impostas por esse ambiente de trabalho.

Acredito que as empresas que efetivamente fazem uma leitura mais ampla do dinamismo

do mundo atual estão atrás de profissionais cada vez mais qualificados. É para isto que buscamos formar nossos alunos.

Formar alunos reflexivos, críticos, autônomos e com uma formação de multiespecialistas é o nosso desafio constante.

É claro que a crise econômica afeta a capacidade dos nossos alunos exercerem um trabalho, pois a diminuição da oferta de emprego atrapalha a entrada e, enfim, o exercício de um ofício no mundo do trabalho. Por isso mesmo, também temos a preocupação de formar pessoas com um espírito empreendedor.

Não, isso só demonstra que o aluno terá que estar sempre aberto a aprender novidades. certamente pode existir um impacto negativo diante do baixo investimento das empresas, porém isso não impede que busquem inovar o seu trabalho, com os recursos disponíveis.

A questão não ficou clara para mim. Porém a crise econômica que afeta o país, reduziu as oportunidades de emprego para os jovens, principalmente para aqueles que não tem experiência profissional anterior.

Afetam sim, mas não diretamente a direção empresarial deverá ser responsabilizada, pois o tocante principal de investimentos diretos ou indiretos em uma organização empresarial é a segurança de uma política econômica bem dirigida. Aí relacionamos a Diplomacia, pois tudo em que haja diplomacia há certamente Ética Moral, Ética Profissional, Respeito e Responsabilidades.

Não entendi o quis perguntar.....favor reenviar a pergunta
não

13. Como o Sr./Sra. vê a relação entre empregadores e funcionários na atualidade? Esses temas são debatidos em sala de aula?

Os empregadores com a faca, o queijo e a mesa, já os trabalhadores com as migalhas que caírem, se por ventura caírem, do banquete exploratório que nossa legislação golpista permite.

As relações de trabalho, atualmente, podem ser consideradas como tensas. Existe uma insegurança do empregador e do empregado que afeta o bom andamento dessas relações. Dependendo do contexto sim.

Como estamos passando por muitas transformações, inclusive na legislação trabalhista brasileira, este tema é objeto de discussão das minhas e de outras disciplinas. Temos feito discussões mais amplas envolvendo turmas e cursos diferentes para abordar o assunto.

Reforma trabalhista, reforma previdenciária, reforma do Estado e, até mesmo outras questões, são debatidas na instituição.

Muito difícil. Os dois lados estão passando dificuldades. Tema pouco debatido.

serão debatidos em sala, entendo que a relação deve ser de parceria, onde a busca da inovação e de melhores índices de qualidade deve fazer parte da vida de empregados e empregadores, a relação tende a ser cada vez mais integrada, de maneira que ambas as partes se importem com o futuro da organização.

Sim. Ambos precisam ser posicionados com mais autonomia.

Ainda é forte a disputa do “QUINHÃO”, mas em muito já difere do passado, onde o autoritarismo e a severidade eram protagonistas nas disputas. Debates sim isto em aula. A relação atual é de se aproveitar da grande oferta de mão-de-obra e a grande escassez de oportunidade de emprego. Os debates giram em torno do “ser empreendedor” e ou buscar ser um diferencial no trabalho (vide resposta 5)

Sim. Ainda encontramos gestores e trabalhadores com ideias bem arcaicas quanto relacionamento empregadores e funcionários.

14. O Sr./Sra. considera que há riscos grandes, médios ou insignificantes de seus alunos perderem o emprego e não retornarem ao mercado formal de trabalho? Pode elencar os principais motivos que justificam sua resposta?

O avanço tecnológico extirpa postos de trabalho, mas cria em menor escala outros postos novos com novas exigências. É evidente que aqueles que não se adaptarem ao novo mercado escravocrata serão extirpados do mercado trabalho, bem como aqueles que não se qualificarem com esta concepção desumanizadora e produtivista em moda

Sim, dependendo do setor da atuação do aluno muitos ficaram desempregados. Podemos citar a construção civil e o varejo. Esses campos de trabalhos foram muito afetados pela crise estrutural que o país enfrenta.

Riscos de desemprego, ou entrada tardia no mundo do trabalho existem, pois vivemos num mundo de incertezas, principalmente se levarmos em conta a atual realidade brasileira. Por isso, fortalecemos as discussões sobre empreendedorismo e sobre visão prospectiva, pois nossos alunos precisam agir para construir oportunidades.

Portanto, os principais perigos em relação à empregabilidade dos alunos estão relacionados às condições objetivas do país e, porque não dizer, das próprias condições objetivas da economia mundial, uma vez que vivemos num mundo globalizado (complexo e carregado

de incertezas).

Não tenho dados para tal resposta.

os bons profissionais sempre terão uma ocupação no mercado de trabalho, embora o propósito seja preparar todos, sabemos que há um percentual que se destacará, assim como um percentual que pode perder a sua ocupação com mais facilidade, ou mesmo ocupar cargos operacionais (que estão sendo extintos), desta maneira:

- bons profissionais estarão sempre se atualizando e ocupando ótimos cargos, apesar de existir a tecnologia, é preciso dos Recursos Humanos para direcionar / elaborar as estratégias

- cargos operacionais sendo extintos / readaptados, o que causa um risco médio de perda do emprego formal

O risco maior de perder o emprego já passou. Os alunos começam neste momento a se posicionar para ocupar os cargos que estão surgindo na retomada do crescimento econômico.

Há riscos sim. Grandes riscos em média. Não vejo muito o que elencar, pois em suma é o despreparo do ensino básico e ensino médio, e a falta de uma política econômica equilibrada.

Os riscos existem mas espero que sejam os menores possíveis...acredito que eles estejam aptos a desenvolverem um excelente trabalho....tanto que, incentivo a muitos deles, pensarem de forma significativa e estruturada, colocar em prática excelentes planos de negócios desenvolvidos no decorrer do curso...

Risco insignificante, pois são mais esclarecidos leis, conduta e ética para se comportarem no ambiente organizacional e suas consequências no mercado de trabalho.

15. O Sr./Sra. considera que o ingresso e a disseminação da tecnologia afetaram negativamente o emprego de seus alunos?

Com certeza, pois os números dos desempregados só aumentam, ainda que tenhamos um grande numero de alunos qualificados e em sub empregos, para os quais não se exige a formação tecnológica que os mesmos possuem.

Não necessariamente, podemos considerar que houve uma acomodação do mercado e dos empregos, mas podemos citar que houve a extinção de algumas funções e com isso alguns postos e seus trabalhadores excluídos do contexto empresarial.

É claro que o desenvolvimento tecnológico mudou o mundo do trabalho, mas essa

disseminação da tecnologia é um fato, portanto, não é algo inteligente lutar contra ela. O melhor a se fazer é preparar os alunos para este novo cenário.

Somente àqueles que não a acompanharam.

depende do ponto de vista, somos adeptos a visualizar como oportunidades, ou seja, com a disseminação da tecnologia, haverá a necessidade de profissionais cada vez mais qualificados, assim nossos alunos estarão aptos, o que afeta positivamente para o seu ingresso no mercado de trabalho

Não. Eles estão em um curso superior de tecnologia para poderem responder positivamente a este desafio.

Não penso assim não. Aliás, muito ao contrário. A formação tecnológica trouxe uma capacitação mais objetiva, eficiente, eficaz e de forma mais breve.

Poderá afetar.....hoje nosso aluno já vem como uma bagagem empírica do uso da tecnologia.....eles vivem conectados e conhecem tudo quanto é tipo de aplicativo e outros não se estiverem preparados.

16. Como o Sr./Sra. acha que o uso da Internet e das redes mudou a forma de se trabalhar?

Aparentemente para melhor, mas uma análise mais profunda e ainda incipiente vai nos mostrar que os “monstrinhos tecnológicos” podem até arrumar bons empregos, mas a questão é: são mais humanos e solidários essa geração? Sem pestanejar garanto que não.

Surgem os escritórios em casa, os atendimentos *on line*, as compras via internet. Mercados e clientes em situações novas e com outros controles para esses atendimentos.

Mudou profundamente a maneira das empresas se organizarem. Mudou o sistema produtivo e a maneira de instigar o consumo.

“Não é mais o executivo de meia-idade racional e frio, ou o líder cheio de títulos e diplomas a imagem do homem bem-sucedido, mas o jovem criativo, bem-formado e ousado, dotado de uma inteligência viva, que enxerga o todo, que relaciona muitos dados e faz inusitadas sínteses, que lê o presente, que sabe lidar com conflitos, que sabe trabalhar em grupo e que, principalmente, se sente estimulado e provocado diante de desafios. Além da inovação ser o motor da economia, os impasses ambientais, sociais e econômicos exigem uma geração criativa e ousada, capaz de lidar com grandes problemas e solucioná-los.” (MOSÉ, 2013, p. 25).

Vivemos numa sociedade do conhecimento onde, por isso mesmo, o principal capital é o

conhecimento.

Isto precisa ser passado para os alunos. O mundo está mudando e com ele o mundo do trabalho. Na verdade, é um processo de retroalimentação.

Com ctz. Acesso à informação, agilidade, etc.

deixou de existir distância, assim a internet tem possibilitado a atuação profissional de qualquer lugar, assim como a busca de qualificação, em que os profissionais podem passar por treinamentos realizados à distância, com a mesma efetividade dos presenciais.

Tornou a informação mais acessível e compartilhada.

A agilidade no poder decisório de uma organização empresarial, certamente que aliada a uma boa sistematização de informações de gestão.

MUITO..... tanto que há necessidade de se limitar e saber o uso correto e ético, tanto da internet quanto de redes sociais. Conteúdos, checagem de fontes de notícias, restrição de uso nas organizações ou controle/bloqueio de sites.

mais informação e disciplina para focarem assuntos pertinentes ao trabalho.

17. Qual impacto que o Sr./Sra. acredita que a evolução tecnológica deva ocasionar sobre o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial?

Este é o grande paradoxo: a tecnologia que nos possibilita uma acumulo maior e mais rápido de conhecimentos, vai nos tornar Homens melhores? Poderá, desde que as disciplinas das humanidades tenham um tratamento igual às da área técnica e tecnológica. Isto está muito longe de acontecer.

Todo o planejamento empresarial é composto por processos, via informática/tecnologia, portanto a gestão de uma empresa está altamente determinada pelos controles tecnológicos. Essa apropriação e conhecimento precisa ser dominado pelos “novos/atuais” empresários ou gestores empresariais.

Uma faculdade de tecnologia, evidentemente, precisa encarar o fenômeno da evolução tecnológica como algo fundamental para sua própria razão de ser.

Portanto, formar pessoas para controlar a tecnologia e não pessoas controladas por ela é, sem dúvida, uma das principais tarefas do CST.

Aliar tecnologia e humanismo, eis o que deve ser o eixo central da formação dos alunos do CST.

Isso vai depender da forma de uso.

embora considere que ainda temos fortes tendências tradicionais no ensino presencial,

acredito que as formas de aprendizado, trabalho, relações interpessoais etc tendem a mudar, desta maneira, o CST em Gestão deve caminhar nesta atualização, para que o egresso tenha plenas condições de inovar e continuar o aprendizado após o curso: APRENDER A APRENDER, SEMPRE.

Os alunos devem ser preparados para responder aos desafios tecnológicos que o mercado apresenta.

Nenhum de nossos alunos sai no 6º semestre sem uma mudança radical em seus modos de ver e de viver seus dias. Todos levam em si mais responsabilidades consigo, com seus entes e com a sociedade.

O maior possível

pouco desde que gestores estejam preparados

18. Quais seriam, a seu ver, os traços de personalidade e de conduta que mais se prestariam para auxiliar seus alunos na atividade de trabalho? Essas características individuais e de interação social são abordadas e debatidas em sua disciplina?

Sim, mas há uma boa resistência dos defensores desta sociedade de exploração com o argumento único de que ou é isso ou não terão emprego, e com certa razão. Ser ético, humano e solidário não deveria ser uma virtude, mas com tantos falsos conceitos de modernidade, isto conta muito pouco. Eficácia, eficiência e empreendedorismos são novos valores desta sociedade.

Normalmente, todas essas questões éticas e técnicas compõem nossas disciplinas até porque nossos alunos serão nossa voz no mundo do trabalho

O fomento de alguns valores fundamentais como: a busca da excelência, o desejo de aprender a aprender, a busca da competência técnica e o compromisso ético, o gosto pelo trabalho em equipe, a valorização da alteridade, a solidariedade, o desejo de transformar a realidade.

Estas são algumas das características que procuro desenvolver no ambiente de sala de aula. Os objetivos das disciplinas, a diversificação metodológica, a maneira de avaliar, os textos escolhidos e os conteúdos trabalhados buscam suscitar essas características individuais e coletivas.

Portanto, as aulas são construídas à luz de princípios epistemológicos, antropológicos e axiológicos que contemplam essas e outras características, sempre visando à formação integral dos alunos.

Não entendi a pergunta

Como mencionado na questão anterior, precisamos deixar claro para os nossos alunos que nunca estaremos prontos, desta maneira, se eles assimilarem que o estado de aprendizado deve ser permanente, isso irá influenciar positivamente na atuação pessoal e profissional, sempre respeitando as características individuais, em uma interação social contínua – vamos aprender a aprender.

Autonomia, responsabilidade, ética, colaboração. Sim, abordamos estes temas, mesmo porque as atividades acadêmicas são executadas em equipes.

Integridade e caráter. Sim não se fala de Ética sem abordar caráter e integridade.

Dinamismo, atualização, comprometimento e ética profissional

proativo, empatia, atitude, disposição para aprender e colocar conhecimento em prática, criatividade, bom relacionamento interpessoal, saber trabalhar em equipe, liderar, autoestima.

19. O Sr./Sra. acredita que o conteúdo e a forma de ministrar sua disciplina são coerentes com as condições de vida e de trabalho na atualidade? Gostaria de alterar alguma coisa? Como o faria?

É o pouco que a Administração Central nos permite, não nos resta outra coisa senão protestar e lutar por uma Grade Curricular equilibrada com aulas de Filosofia, Sociologia, Ética e Economia que pense o HOMEM como o objetivo central de nossa Educação.

Essas disciplinas apresentam atividades que, constantemente, são alteradas de acordo com as demandas e políticas empresariais vigentes.

Acredito que em meu ofício busco constantemente adotar a prática de pensar a prática, como sempre preconizou o mestre Paulo Freire.

Um dos principais desafios do ser humano em geral, e do professor em particular, é ser contemporâneo de seu tempo, ou seja, é ser um profundo leitor de seu tempo, pois assim o fazendo, poderá agir de maneira mais consciente, crítica, reflexiva e, portanto, séria e competente.

Acredito que sim,mas, sempre podemos melhorar, com mais “coisas” práticas, por exemplo. preocupados com estas questões (apontadas nas questões anteriores), todo o corpo docente da Fatec Jales está buscando maneiras cada vez mais diferenciadas para o processo de ensino / aprendizagem, tanto é que tivemos (e ainda estamos tendo), treinamentos em Metodologias Ativas de Aprendizagem, onde o aluno passa a ser o personagem principal

no processo, delegando ao professor o papel de ser o facilitador / monitor, criando mecanismos de busca do conhecimento de maneira atrativa. Como estamos iniciando agora, temos ciência de que serão grandes os desafios a serem enfrentados, afinal passamos por uma quebra de paradigmas, pois a maior parte das aulas estão sendo proferidas da mesma maneira a séculos, agora precisamos mudar!

Considero que realizo de forma muito satisfatória minha prática docente. Evidencio também que novas práticas são necessárias com o objetivo de aproximar mais os alunos do mercado de trabalho, como parcerias com empresas, visitas técnicas, e outras.

Acredito que sim, mas com certeza necessita mais prática que por conta do curto espaço de tempo e do conteúdo, exigiria dos alunos muito mais dedicação empenho e perseverança, o que nós ainda aplicamos em tarefas domésticas.

Maior acesso à internet. A internet (wifi) é muito falha. Site de pesquisas e vídeos. sim. Sempre que percebo a necessidade, faço alterações para manter o conteúdo e didática atualizados.

**APÊNDICE B – RESPOSTAS AGREGADAS POR QUESTÃO, SUBMETIDAS À
TRATAMENTO INICIAL DO CONTEÚDO**

1. O Sr./Sra. é docente do CST em Gestão Empresarial da FATEC (localidade)? De qual ou quais disciplinas?

(As respostas a essa questão foram suprimidas da exposição neste trabalho de pesquisa, com o objetivo de resguardar o anonimato dos respondentes. Os questionários, tais como originalmente respondidos, permanecem em posse da pesquisadora, exclusivamente em formato escrito, armazenados em local seguro).

2. Saberria dizer o número aproximado de alunos que frequenta suas aulas e em que trabalham? Seriam, em sua maioria, pequenos empreendedores, funcionários de médias e grandes empresas ou autônomos?

R.1: Aproximadamente 58, sendo na maioria funcionários de pequenas e médias empresas. (11 palavras)

R.2: A grande maioria dos alunos trabalha, cerca de 80 %, quanto às profissões eram as mais variadas. (17 palavras)

R.3: Como o curso é noturno, a maioria dos alunos trabalha. Em sua maioria são funcionários de pequenas e médias empresas. (20 palavras)

R.4: Número aproximado das duas salas: 64. Trabalham principalmente no comércio como funcionários. (12 palavras)

R.5: depende muito da turma/curso: entre 25 e 40 alunos, sendo que a maioria dos estudantes atuam como funcionários, principalmente no comércio local (pequenas e médias empresas) ou microempreendedores. (28 palavras)

R.6: Em torno de 33 alunos. A classe é heterogenia: alunos jovens de 20 anos, alguns mais velhos na faixa de 40 anos. É um grupo formado por pessoas inexperientes no mercado de trabalho (20 anos) e também por alguns que já constituíram uma história profissional (40 anos). Temos também empreendedores, ou aqueles que querem empreender. (55 palavras)

R.7: Estou por lá faz 5 anos, e em média 15 alunos na Turma da Manhã, e 25 na Turma da Tarde. Em geral funcionários de pequenas empresas, Estágios, e pouquíssimo de empreendedores (32 palavras)

R.8: Em torno de 60 alunos. Na sua maioria não trabalham (60%) o restante são estagiários e ou efetivados em pequenas e médias empresas. Empreendedores são em torno de 4. (29 palavras)

R.9: 40 alunos p/turma => total 160 => CO são 80 alunos (diurno e noturno); GP são 80 alunos (diurno e noturno). Trabalham administrativo e produção empresas pequeno e médio porte. (30 palavras)

Saberia dizer o número aproximado de alunos que frequenta suas aulas?	Em que trabalham? Seriam, em sua maioria, pequenos empreendedores, funcionários de médias e grandes empresas ou autônomos?
Aproximadamente 58	Maioria de funcionários de pequenas e médias empresas
Não informou	Grande maioria trabalha (80%) /Profissões variadas
Não informou	Maioria trabalha / Maioria de funcionários de pequenas e médias empresas
Aproximadamente 64	Principalmente funcionários no comércio
De 25 a 40 alunos	Maioria de funcionários de pequenas e médias empresas (comércio) / microempreendedores
Aproximadamente 33 alunos	Sem experiência/Com experiência/ Empreendedores
Aproximadamente 40 alunos	Funcionários de pequenas empresas/Estagiários / Empreendedores (pouquíssimos)
Em torno de 60 alunos	Maioria não trabalha (60%) / Estagiários e ou efetivados em pequenas e médias empresas/ Empreendedores
160 alunos	Funcionários de administrativo e produção/ empresas pequeno e médio porte

3. Quais são suas impressões sobre a vida em sociedade na atualidade, quando

comparada à vida pós II Guerra? Houve mudanças? Em caso positivo, poderia mencioná-las?

R.1: As mudanças foram muitas no scampo da comunicação, da educação, de produção industrial e nas relações trabalhistas. Há um empobrecimento das relações humanas em decorrência da facilidade e abundancia de recursos no mundo virtual. Não parecemos mais Homens, mas máquinas se relacionando com outras maquinas. Chegamos ao cúmulo de dentro de casa nos comunicar pelo Zap. (56 palavras)

R.2: Muitas mudanças, a mais significativa refere-se à era da informação que ultrapassou todas as expectativas e hoje controla, praticamente, a vida em sociedade. De modo geral, seja dos adultos nos seus postos de trabalhos ou dos jovens e crianças em seus horários de laser. (44 palavras)

R.3: Como nos lembra Bauman (2011, p.7) na primeira carta do livro 44 cartas do mundo líquido moderno, vivemos num mundo líquido porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança. Para Morin (2000, p. 79) Ainda não incorporamos a mensagem de Eurípedes, que é a de estarmos prontos para o inesperado. O fim do século XX foi propício, entretanto, para compreender a incerteza irremediável da história humana.

Diferentemente do imediato pós II Guerra, onde o mundo estava dividido em dois blocos: capitalista e socialista, hoje vivemos num mundo globalizado que traz como uma de suas marcas a mudança contínua, ou um mundo movediço (Paul Virílio).

Este mundo líquido, movediço e carente de certezas é muito diferente de outros momentos da história.

Sobre o nosso papel em relação ao mundo atual, adverte Bauman (2011, p. 125): "...a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida."

Este cenário desafiador, muito diferente de boa parte do século XX, que nos desafia a construir um modelo de educação condizente com a sociedade atual. (175 palavras – excluindo-se as citações)

R.4: Maior abundância de consumo, menor divisão clara as intenções e ideologias políticas e grande mudança na estrutura familiar. São tantas mudanças que acredito que vivemos em um mundo muito diferente. (30 palavras)

R.5: De maneira breve, entendo que vivemos uma era em que os jovens são muito imediatistas, com utilização intensa de tecnologias de informação e comunicação, onde as IES precisam buscar mecanismos diferenciados para que o processo de ensino/aprendizagem possa ter sucesso. De maneira geral, a sociedade passa por profundas mudanças, onde a tecnologia faz parte de nossas vidas e dependemos fortemente de todos os seus benefícios, seja nos meios de produção, na comunicação, nas negociações etc. (75 palavras)

R.6: Sim, claro. A Tecnologia vem avançando rapidamente em todos os setores atendendo melhor as necessidades humanas: saúde; telecomunicações; transporte; energia; educação; alimentos; vestuário; a própria tecnologia da informação (Sociedade em Rede); entre outros avanços. (34 palavras)

R.7: Certamente que sim, houve mudanças. Mas infelizmente não alcançou a população mundial e ficou restrito aos que já eram 1º mundo, por conta do capitalismo econômico, formações culturais, sociológicas e religiosas. (31 palavras)

R.8: Totalmente. A 2ª guerra foi um grande marco de mudança na sociedade civil e empresarial. Diversas situações/necessidades de guerra e reconstrução, bem como a tecnologia foram de vital importância na mudança total da sociedade. (34 palavras)

R.9: Baixa Qualidade de Vida, pessoas mais ansiosas, muitos transtornos emocionais. Muitas mudanças => exigência mais estudo, exigência de mais habilidades para manter-se no mercado de trabalho; mais tecnologia e facilidades para dia-a-dia; tecnologia da informação facilitando comunicação e disponibilidade de informações. (42 palavras)

Quais são suas impressões sobre a vida em sociedade na atualidade, quando comparada à vida pós II Guerra? Houve mudanças?	Em caso positivo, poderia mencioná-las?
As mudanças foram muitas	no scampo da comunicação, da educação, de produção industrial e nas relações trabalhistas. Há um empobrecimento das relações humanas em decorrência da facilidade e abundancia de recursos no mundo virtual. Não parecemos mais Homens,

	<p>mas máquinas se relacionando com outras máquinas. Chegamos ao cúmulo de dentro de casa nos comunicar pelo Zap.</p>
<p>Muitas mudanças</p>	<p>a mais significativa refere-se à era da informação que ultrapassou todas as expectativas e hoje controla, praticamente, a vida em sociedade. De modo geral, seja dos adultos nos seus postos de trabalhos ou dos jovens e crianças em seus horários de lazer.</p>
<p>Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança.</p>	<p>Como nos lembra Bauman (2011, p.7) [...] vivemos num mundo líquido porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança. Para Morin (2000, p. 79) Ainda não incorporamos a mensagem de Eurípedes, que é a de estarmos prontos para o inesperado. O fim do século XX foi propício, entretanto, para compreender a incerteza irremediável da história humana.</p> <p>Diferentemente do imediato pós II Guerra, onde o mundo estava dividido em dois blocos: capitalista e socialista, hoje vivemos num mundo globalizado que traz como uma de suas marcas a mudança contínua, ou um mundo movediço (Paul Virílio).</p> <p>Este mundo líquido, movediço e carente de certezas é muito diferente de outros</p>

	<p>momentos da história.</p> <p>Sobre o nosso papel em relação ao mundo atual, adverte Bauman (2011, p. 125): “...a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida.”</p> <p>Este cenário desafiador, muito diferente de boa parte do século XX, que nos desafia a construir um modelo de educação condizente com a sociedade atual.</p>
São tantas mudanças que acredito que vivemos em um mundo muito diferente.	Maior abundância de consumo, menor divisão clara as intenções e ideologias políticas e grande mudança na estrutura familiar.
De maneira geral, a sociedade passa por profundas mudanças	De maneira breve, entendo que vivemos uma era em que os jovens são muito imediatistas, com utilização intensa de tecnologias de informação e comunicação, onde as IES precisam buscar mecanismos diferenciados para que o processo de ensino/aprendizagem possa ter sucesso. De maneira geral, a sociedade passa por profundas

	<p>mudanças, onde a tecnologia faz parte de nossas vidas e dependemos fortemente de todos os seus benefícios, seja nos meios de produção, na comunicação, nas negociações etc.</p>
Sim, claro	<p>A Tecnologia vem avançando rapidamente em todos os setores atendendo melhor as necessidades humanas: saúde; telecomunicações; transporte; energia; educação; alimentos; vestuário; a própria tecnologia da informação (Sociedade em Rede); entre outros avanços.</p>
Certamente que sim, houve mudanças.	<p>Mas infelizmente não alcançou a população mundial e ficou restrito aos que já eram 1º mundo, por conta do capitalismo econômico, formações culturais, sociológicas e religiosas.</p>
Totalmente.	<p>A 2ª guerra foi um grande marco de mudança na sociedade civil e empresarial. Diversas situações/necessidades de guerra e reconstrução, bem como a tecnologia foram de vital importância na mudança total da sociedade.</p>
Muitas mudanças	<p>Baixa Qualidade de Vida, pessoas mais ansiosas, muitos transtornos emocionais.</p> <p>Muitas mudanças => exigência mais estudo, exigência de mais habilidades para manter-se no mercado de trabalho; mais tecnologia e facilidades para dia-a-dia; tecnologia da informação</p>

	facilitando comunicação e disponibilidade de informações.
--	---

4. Essas mudanças são debatidas em sua disciplina? Em quais aspectos? Como o Sr./Sra. costuma abordar essas mudanças em sala de aula?

R.1: Dialogamos abertamente e ressaltamos que a tecnologia tem aproximado e afastado povos e culturas, porém, não pela sua existência e aperfeiçoamento, e sim pelo uso que fazemos da mesma. Não somos ingênuos de não perceber o interesse do Capital em torná-la indispensável para nossas relações de vida e trabalho. (49 palavras)

R.2: De modo geral, na disciplina de pesquisa, muitos aplicativos podem ser feitos a partir das vivências dos alunos ou das necessidades do dia a dia, por exemplo: aplicativo para controle financeiro de crianças do ensino fundamental (uso em celular); controle de oferecimento de alimentação para animais caseiros por quem trabalha e ao mesmo tempo cuida de seus bichos de estimação;

Na disciplina de gestão de sistemas de informação os grupos foram organizados de acordo com um projeto que foi planejado e implantado em pequenas empresas da cidade () em parceria com a prefeitura e associação de pequenos empreendedores que tinham financiamento para “tocar” seus pequenos negócios; Exemplo: o Sr. Jair dos portões faltava controle financeiro, controle de estoque, controle de gastos e retroalimentação dos seus clientes. Tudo feito via disciplina, com varias visitas e conversas com o dono desse negócio. (141 palavras)

R.3: Essas mudanças são frequentemente debatidas à luz dos autores citados e, até mesmo, de outros autores que tentam captar o dinamismo da contemporaneidade. Os textos escritos se relacionam com os textos vividos diariamente, ou seja, o cotidiano dos alunos é tomado como parâmetro para fomentar a discussão sobre o nosso tempo.

Jornais, filmes, revistas, meios eletrônicos em geral, textos e cotidiano se relacionam para tornar a leitura do real mais instigante. (71 palavras)

R.4: A ementa não foca muito na segunda Guerra, mas, falamos em atualidade e em como ela foi construída de uma maneira geral. (22 palavras)

R.5: estou iniciando agora com a Disciplina, minha pretensão é fazer com que tudo isso possa ser debatido, utilizando-se de metodologias ativas para o debate e compreensão das influências da tecnologia x sociedade. (32 palavras)

R.6: Sim. Utilizamos dos fatos que permeiam o cotidiano em nossa sociedade para

evidenciar o que já conquistamos e o que devemos conquistar em desenvolvimento tecnológico, desafios econômicos, culturais e sociais. (30 palavras)

R.7: Sim. Pelo aspecto de Ética Profissional, Ética Moral, Respeito e Responsabilidade, valores adjacentes de uma sociedade justa. (17 palavras)

R.8: Principalmente na questão da qualidade (padronização de processos), na questão estratégica da logística militar transferida para a logística empresarial. Na evolução do próprio conceito de estratégia e de planejamento. (29 palavras)

R.9: sim, mudança de comportamento e de que forma o gestor deve estar preparado para compreender e saber lidar com sua equipe, seja como gestor ou líder ou mesmo trabalhador. (29 palavras)

As mudanças são debatidas?	Em quais aspectos?	Como ?
S-	a tecnologia tem aproximado e afastado povos e culturas (pelo tipo de uso)/ interesse do Capital em tornar a tecnologia indispensável para a vida e trabalho	Dialogamos abertamente
S - Disciplina de pesquisa	a partir das vivências dos alunos ou das necessidades do dia a dia	muitos aplicativos podem ser feitos por exemplo: aplicativo para controle financeiro de crianças do ensino fundamental (uso em celular); controle de oferecimento de alimentação para animais caseiros por quem trabalha e ao mesmo tempo cuida de seus

		bichos de estimação
S - Disciplina de gestão de sistemas da informação	a partir das demandas de pequenos empreendedores aos estudantes	grupos foram organizados de acordo com um projeto que foi planejado e implantado em pequenas empresas da cidade () em parceria com a prefeitura e associação de pequenos empreendedores
S- Frequentemente debatidas	dinamismo da contemporaneidade / cotidiano dos alunos/	À luz de diversos autores/ Os textos escritos se relacionam com os textos vividos diariamente/ o cotidiano dos alunos é tomado como parâmetro para fomentar a discussão sobre o nosso tempo
S-	A atualidade e como ela foi construída	Falamos
S- intenção de debater	A utilização intensa da tecnologias da informação e comunicação/ Influências da tecnologia x sociedade	Utilizando-se de metodologias ativas para o debate
S-	desenvolvimento tecnológico, desafios	Utilizamos dos fatos para evidenciar o que já

	econômicos, culturais e sociais/ fatos cotidianos	conquistamos e o que devemos conquistar
S-	Ética Profissional, Ética Moral, Respeito e Responsabilidade, valores adjacentes de uma sociedade justa	
S-	Principalmente na questão da qualidade (padronização de processos), na questão estratégica da logística militar transferida para a logística empresarial. Na evolução do próprio conceito de estratégia e de planejamento.	
S-	mudança de comportamento e de que forma o gestor deve estar preparado para compreender e saber lidar com sua equipe, seja como gestor ou líder ou mesmo trabalhador	

5. Como o Sr./Sra. vê o mundo do trabalho na atualidade?

R.1: Uma desgraça para a classe trabalhadora. Seus direitos foram surrupiados e a pseudomodernidade nas relações do trabalho só beneficiaram os patrões, tanto os bons como os inescrupulosos. (28 palavras)

R.2: Um mundo facetado com novas profissões, no entanto, que requer de cada trabalhador mais saberes e maior apropriação das informações para se manter atualizado e em processo

de competição. (29 palavras)

R.3: Um mundo muito desafiador, pois nossos alunos precisam construir uma formação que lhes possibilite a empregabilidade, ou seja, eles precisam entender que a era de certezas já se foi. Portanto, aprender a aprender é algo fundamental para o exercício de uma formação contínua, que possibilite algum grau de empregabilidade (estar apto para o trabalho). O desenvolvimento de uma formação multiespecialista é algo essencial para qualquer profissional construir oportunidades nesse mundo complexo e altamente competitivo. (74 palavras)

R.4:Cada vez mais individualista e consumista. (6 palavras)

R.5: altamente complexo, dinâmico, em que surgem novas formas de trabalho em todos os momentos, desta maneira, cabe aos estudantes reflexões sobre o futuro em todas as áreas, afinal, formamos alunos para cargos que ainda não existem. (36 palavras)

R.6: Apesar da crise econômica que enfrentamos, o Brasil é um país com grande potencial de desenvolvimento, amplo território, rico em fontes energéticas e de população jovem. Para o mundo do trabalho precisamos desenvolver as competências técnicas e humanas do jovens para que eles possam participar do desafio profissional. (48 palavras)

R.7: Em desenvolvimento, para o equilíbrio da riqueza e da renda mundial, notadamente firmes depois do livro “O CAPITAL no século XXI” de Thomas Piketty, 2013/2014, em que a Valoração Social da Renda e da Riqueza tiveram mais respeito e responsabilidades. (40 palavras)

R.8: Requerendo diferencial. Ter um 3o grau não é mais diferencial e sim requisito mínimo para se disputar um oportunidade de trabalho. O mercado está mais competitivo e mais exigentes das habilidades e competências empresariais. Este diferencial dependerá da postura de cada um perante os desafios. Como digo aos meus alunos:

- A gente se destaca não só pela nossa inteligência, mas pela ignorância dos outros....
- A gente se destaca não só pela nossa competência, mas também pela incompetência dos outros.
- Se destacamos não só pela nossa luz e nosso brilho, mas pela falta de luz e de brilho dos outros.... (99 palavras)

R.9: bastante competitivo e exigente (4 palavras)

Características do mundo do trabalho	Valoração / Exigências do novo mundo do trabalho
---	---

Dividido entre patrões e trabalhadores	Uma desgraça para a classe trabalhadora / Seus direitos foram surrupitados/ pseudo modernidade nas relações do trabalho só beneficiaram os patrões, tanto os bons como os inescrupulosos
facetado com novas profissões necessidade de atualização processo de competição	requer de cada trabalhador mais saberes e maior apropriação das informações para se manter atualizado
Muito desafiador/ a era de certezas já se foi/ mundo complexo e altamente competitivo	alunos precisam construir uma formação que lhes possibilite a empregabilidade/ aprender a aprender é algo fundamental para o exercício de uma formação contínua/ desenvolvimento de uma formação multiespecialista
individualista e consumista	
altamente complexo, dinâmico surgem novas formas de trabalho	cabe aos estudantes reflexões sobre o futuro em todas as áreas, afinal, formamos alunos para cargos que ainda não existem.
Apesar da crise econômica que enfrentamos, o Brasil é um país com grande potencial de desenvolvimento	precisamos desenvolver as competências técnicas e humanas do jovens para que eles possam participar do desafio profissional
Em desenvolvimento, para o equilíbrio da riqueza e da renda mundial (Cita: Piketty)	

<p>O mercado está mais competitivo e mais exigentes das habilidades e competências empresariais.</p>	<p>Requerendo diferencial. Ter um 3o grau não é mais diferencial e sim requisito mínimo para se disputar um oportunidade de trabalho. [...] Este diferencial dependerá da postura de cada um perante os desafios. Como digo aos meus alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A gente se destaca não só pela nossa inteligência, mas pela ignorância dos outros.... • A gente se destaca não só pela nossa competência, mas também pela incompetência dos outros. • Se destacamos não só pela nossa luz e nosso brilho, mas pela falta de luz e de brilho dos outros....
<p>bastante competitivo e exigente</p>	

6. Acha que ele mudou em relação às décadas anteriores? Em que aspectos?

R.1: Sem dúvida e ao que me parece mudou para pior...O homem deixou de ser o fim e sim meio para o acumulo inescrupuloso do Capital. (25 palavras)

R.2: A competição, nesse aspecto me parece que o cenário das profissões ficou excludente para alguns sujeitos e muito exacerbado para outros. Nesse arena do vale tudo houve perdas irreparáveis de ética, delicadeza, honestidade e de boas condutas de modo geral. (40 palavras)

R.3: O mundo do trabalho, em função das mudanças ocorridas no sistema produtivo, nas inovações tecnológicas e, enfim, no próprio sistema capitalista, efetivamente globalizado, mudou muito. (80 palavras)

Nossos alunos precisam ser preparados para este novo cenário. Por isso mesmo, lembra

Cortella (2010, p. 100) no livro Qual é a tua obra?, que é necessário formar pessoas para a autonomia, para o desenvolvimento da sensibilidade, para a capacidade de acumulação de conhecimento e informação e a capacidade de apropriação e aplicação desse conhecimento.

R.4: Sim, as mudanças são constantes. (4 palavras)

R.5: sim, como mencionado anteriormente, as formas de trabalho estão em plena modificação, onde a dependência da TIC é cada vez maior. (21 palavras)

R.6: Sim, muito. Hoje novos conhecimentos mais especializados são exigidos das novas gerações. (12 palavras)

R.7: Mudou sim, e bastante, principalmente considerando que a Valoração Social da Renda e da Riqueza tiveram mais respeito e responsabilidades, desde então, e graças ainda, e salientando, e não podendo negar ou deixar de mencionar, a introdução da Tecnologia da Informação nas sociedades mundiais, cada qual com suas respectivas medidas possíveis, mas mudando em si suas sociedades e de modo geral a sociedade mundial globalizada. (65 palavras)

R.8: A mudança é radical e muito dinâmica. O principal aspecto, para mim, é a tecnologia. Hoje somos indivíduos conectados. (19 palavras)

R.9: sim. Mais tecnologia, informação e conhecimento. (6 palavras)

Houve mudança no mundo do trabalho?	Em que aspectos?
Sem dúvida e ao que me parece mudou para pior...	O homem deixou de ser o fim e sim meio para o acumulo inescrupuloso do Capital.
A competição	ficou excludente para alguns sujeitos e muito exacerbado para outros/ arena do vale tudo / perdas irreparáveis de ética, delicadeza, honestidade e de boas condutas
O mundo do trabalho [...] mudou muito.	em função das mudanças ocorridas no sistema produtivo, nas inovações tecnológicas e, enfim, no próprio sistema capitalista, efetivamente

	<p>globalizado</p> <p>Nossos alunos precisam ser preparados para este novo cenário</p> <p>é necessário formar pessoas para a autonomia, para o desenvolvimento da sensibilidade, para a capacidade de acumulação de conhecimento e informação e a capacidade de apropriação e aplicação desse conhecimento (Cita: Cortella)</p>
Sim, as mudanças são constantes.	
sim, como mencionado anteriormente, as formas de trabalho estão em plena modificação	Maior dependência das TICs
Sim, muito.	novos conhecimentos mais especializados são exigidos das novas gerações
Mudou sim, e bastante	a Valoração Social da Renda e da Riqueza tiveram mais respeito e responsabilidades/ a introdução da Tecnologia da Informação nas sociedades mundiais
A mudança é radical e muito dinâmica.	O principal aspecto, para mim, é a tecnologia. Hoje somos indivíduos conectados....
sim	Mais tecnologia, informação e conhecimento.

7. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho são objeto de discussão em sala de aula?

R.1: Sempre e, por incrível que pareça, alguns alunos são embebedos pela falácia da mídia massiva e alienante, defendendo essas mudanças. (20 palavras)

R.2: Normalmente discutimos cenários e possibilidades de trabalhos para os alunos que freqüentam EPT; existe um espaço “reservado” para alguns desses alunos e outros que apenas usam essa formação como passagem para outros postos de trabalho que ainda pretendem alcançar. (39 palavras)

R.3: Sim. Em ambas as disciplinas que leciono. Sempre procuro mostrar a importância de formar tecnólogos com uma visão mais ampla. Procuro seguir o lema da instituição: tecnologia e humanismo. Nossos tecnólogos não devem sair da instituição com uma visão tecnicista do mundo, mas com uma visão larga, profunda e integral da vida e da realidade. (55 palavras)

R.4: Sim, desde a não existência de leis trabalhistas, mas, o foco não são as leis,mas sim as consequências delas na prática. (21 palavras)

R.5: serão, em todos os aspectos, refletindo sobre as mudanças da sociedade e as tecnologias que estão sendo implementadas em busca de inovação, assim teríamos: sociedade x tecnologia = inovação (29 palavras)

R.6: Sempre.

R.7: Certamente que sim. Trabalho para que criem uma visão global de qualidade e responsabilidade, fazendo-os ver pelo prisma de si próprio, pela Ética, pois o Bem que produzir bem ao consumidor, certamente deverá gerar ganho de capital para a organização, seja ela de que tamanho for, e então deverá gerar maior produção, maiores mercados, mais renda e consumo. (58 palavras)

R.8: Muito. (1 palavra)

R.9: sim.

As mudanças no mundo do trabalho são discutidas em sala de aula?	Comentários
S - Sempre	alguns alunos são embebedos pela falácia da mídia massiva e alienante, defendendo essas mudanças
S- discutimos cenários e possibilidades de trabalhos para os alunos que freqüentam EPT;	existe um espaço “reservado” para alguns desses alunos e outros que apenas usam essa formação como passagem para outros postos de trabalho que ainda pretendem alcançar

S-	Sempre procuro mostrar a importância de formar tecnólogos com uma visão mais ampla. Procuro seguir o lema da instituição: tecnologia e humanismo. Nossos tecnólogos não devem sair da instituição com uma visão tecnicista do mundo, mas com uma visão larga, profunda e integral da vida e da realidade.
S-	desde a não existência de leis trabalhistas, mas, o foco não são as leis,mas sim as consequências delas na prática
S-	refletindo sobre as mudanças da sociedade e as tecnologias que estão sendo implementadas em busca de inovação, assim teríamos: sociedade x tecnologia = inovação
S- Sempre	
S- Certamente que sim	Trabalho para que criem uma visão global de qualidade e responsabilidade, fazendo-os ver pelo prisma de si próprio, pela Ética, pois o Bem que produzir bem ao consumidor, certamente deverá gerar ganho de capital para a organização, seja ela de que tamanho for, e então deverá gerar maior produção, maiores mercados, mais renda e consumo
S- Muito.	

8. Quais questões sobre o trabalho são abordadas em sua disciplina?

R.1: Ambiente de trabalho, relação com a questão ambiental, jornada de trabalho, salários miseráveis, qualificação em serviço, etc. (17 palavras)

R.2: Ocupações, normalmente, o alunos tem dúvidas do que acessar depois dessa formação, ou já está empregado e pretende alcançar melhores posições no mesmo emprego. (24 palavras)

R.3: Em Sociedade, tecnologia e Inovação, no 1º GEMP, essa discussão sobre formação integral X formação tecnicista é muito discutida. A filósofa norte-americana Martha Nussbaum tem um texto que gosto de refletir com os alunos: Educação para o lucro X Educação para a liberdade. O Projeto Interdisciplinar da turma, inclusive, contempla uma discussão mais ampla sobre empreendedorismo e empreendedorismo social.

Em Sociologia das Organizações, no 2º GEMP, a discussão sobre o mundo do trabalho começa com uma abordagem histórica, que tem como ponto de partida a revolução industrial. Também discutimos dentro dos temas Cultura e as Organizações, O poder nas e das Organizações, o Terceiro Setor e outros tópicos, as questões relacionadas ao mundo do trabalho. Essa discussão sempre contextualizada pelo mundo globalizado que vivemos. (124 palavras)

R.4: Trabalho X Emprego; Desemprego; Leis trabalhistas; relações sociais no trabalho. (10 palavras)

R.5: Tecnologia x Trabalho; Tecnologia x Ética; Evolução Tecnológica x Mercado; Mão de Obra x mercado etc. (16 palavras)

R.6: A Administração e seus pressupostos ideológicos; A Cultura Organizacional no Brasil; Sociedade, Tecnologia e Inovação. (15 palavras)

R.7: Questões que enfatizam a qualidade global e claro, vinculada à responsabilidade social, o que certamente abrange o meio ambiente e toda a sociedade que acerca a organização empresarial. (28 palavras)

R.8: Faço um comparativo de profissões que não mais existem e outras novas que surgem. O uso da tecnologia na questão estratégica de competitividade e de vantagem perante o mercado (cliente e concorrente). Empresas que antigamente eram líderes e hoje não mais existem. (42 palavras)

R.9: Compreensão das diferença e modificação do comportamento das pessoas; percepção, motivação, emoções e transtorno emocionais do trabalho; liderança e poder; grupo, equipe; conflito e negociação. (25 palavras)

Temáticas sobre o trabalho:

Ambiente de trabalho
Relação com a questão ambiental
Jornada de trabalho
Salários miseráveis
Qualificação em serviço
Ocupações [Causa: dúvida dos alunos]
Formação Integral x Formação tecnicista
Educação para o lucro x Educação para a liberdade (Cita Nussbaum)
Empreendedorismo/Empreendedorismo Social
Revolução Industrial (abordagem histórica)
Cultura e as Organizações
O Poder nas e das Organizações
Terceiro Setor
Trabalho X Emprego
Desemprego
Leis trabalhistas
Relações sociais no trabalho
Tecnologia x Trabalho
Tecnologia x Ética
Evolução Tecnológica x Mercado
Mão de Obra x mercado
A Administração e seus pressupostos ideológicos
A Cultura Organizacional no Brasil
Sociedade, Tecnologia e Inovação
Qualidade global
Responsabilidade social
Meio Ambiente
Sociedade
Organização empresarial
Profissões (novas x antigas)
Uso da tecnologia
Vantagem competitiva pela tecnologia
Vida e morte de empresas
Comportamento das pessoas

Motivação

Percepções/Emoções/Transtornos Emocionais no trabalho

Liderança/Poder

Grupo/Equipe

Conflito/Negociação

9. Isso se dá de forma planejada ou informal?

R.1: De acordo com as temáticas da disciplina planejadas no início do ano, mas atualizadas pela vergonhosa atuação do Congresso Golpista e atuação das Redes de Comunicação coniventes com essas mudanças. (30 palavras)

R.2: As duas coisas dependem do assunto a ser abordado (9 palavras)

R.3: Se dá de forma planejada, mas de acordo com as necessidades dos alunos, do momento histórico, das circunstâncias objetivas, a discussão pode se dar também de maneira informal. (28 palavras)

R.4: Planejada. (1 palavra)

R.5: as aulas estão sendo planejadas de maneira que atenda aos objetivos e ementa da disciplina, porém, sempre que possível, serão feitos ajustes buscando trabalhar de maneira totalmente atualizada com as informações disponíveis no mercado. (34 palavras)

R.6: Sim, planejada. (2 palavras)

R.7: Planejada. Penso minhas falas de acordo com o programa da disciplina e este me remete às atualidades. (17 palavras)

R.8: Na maioria se dá informalmente, não planejado, tudo em virtude da discussão dos temas em sala de aula ou de exemplos para ilustrar determinado conceito. (25 palavras)

R.9.: ambos. Sigo ementa e conforme necessidade da turma posso focar assuntos relacionados. (12 palavras)

As questões sobre o trabalho são discutidas de forma planejada ou informal?	Comentários
De acordo com as temáticas da disciplina planejadas no início do ano	De acordo com as temáticas da disciplina planejadas no início do ano, mas atualizadas pela vergonhosa

	atuação do Congresso Golpista e atuação das Redes de Comunicação coniventes com essas mudanças
As duas coisas	depende do assunto a ser abordado
Se dá de forma planejada, mas a discussão pode se dar também de maneira informal.	de acordo com as necessidades dos alunos, do momento histórico, das circunstâncias objetivas
Planejada	
as aulas estão sendo planejadas de maneira que atenda aos objetivos e ementa da disciplina, porém, sempre que possível, serão feitos ajustes	sempre que possível, serão feitos ajustes buscando trabalhar de maneira totalmente atualizada com as informações disponíveis no mercado
planejada	
Planejada	Penso minhas falas de acordo com o programa da disciplina e este me remete às atualidades
Na maioria se dá informalmente, não planejado	tudo em virtude da discussão dos temas em sala de aula ou de exemplos para ilustrar determinado conceito
ambos	Sigo ementa e conforme necessidade da turma posso focar assuntos relacionados.

10. O Sr./Sra. acha importante expandir esse debate em sua disciplina? Por quê? Tem alguma ideia sobre como gostaria de fazê-lo?

R.1: Lamentavelmente nossa instituição (CEETEPS) e muitos professores concordam com tudo isso, fazendo com os alunos fiquem inseguros em quem acreditar: naqueles que engolem o empreendedorismo vulgar como remédio para todos os males ou em quem busca nos clássicos e na Teoria crítica suporte e argumentos para demonstrar o desmonte da CLT e a ruína dos trabalhadores. (56 palavras)

R.2: Sim, nas duas disciplinas o debate é muito fácil e pertinente; a pesquisa requer dos

alunos uma inquietação com a sua atuação no seu posto de trabalho ou com outros vãos que pretende alcançar em outro trabalho; com a disciplina de gestão ele pode através do seu projeto melhorar a sua própria atuação no mundo do trabalho, propor novos caminhos para processos já existentes. (64 palavras)

R.3: Como de certa forma já destaquei anteriormente, essa discussão permeia os debates nos mais variados assuntos que compõem as duas disciplinas. As abordagens histórica, sociológica, geográfica, antropológica e filosófica perpassam as discussões.

Como sou graduado em História, pós-graduado em Antropologia Social e mestre em Filosofia da educação, procuro recheiar as discussões de uma visão interdisciplinar. (55 palavras)

R.4: Sim, já faço isso há 8 anos. (6 palavras)

R.5: como já apresentado em questão anterior, vários são as questões a serem debatidas, como: Tecnologia x Trabalho; Tecnologia x Ética; Evolução Tecnológica x Mercado; Mão de Obra x mercado etc. sendo realizados estudos de projetos específicos que retratem tal realidade, debates em sala, estudos de caso com debate em sala etc. (51 palavras)

R.6: Já faço isso. Trago a realidade para a sala de aula. (11 palavras)

R.7: Sim, importante. Fortaleceria as Técnicas de Negociações por abordagens psicológicas, econômicas e de gestão. (14 palavras)

R.8: Eu constantemente faço tal debate.... não de forma estruturada....mas é feito sempre.....(12 palavras)

R.9: a Carga horária da disciplina se torna pouca, tento complementar com curso extensão quando é possível. (16 palavras)

Seria importante expandir esse debate?	Como gostaria de fazê-lo?
Lamentavelmente nossa instituição (CEETEPS) e muitos professores concordam com tudo isso, fazendo com os alunos fiquem inseguros em quem acreditar: naqueles que engolem o empreendedorismo vulgar como remédio para todos os males ou em quem busca nos clássicos e na Teoria	

crítica suporte e argumentos para demonstrar o desmonte da CLT e a ruína dos trabalhadores.	
Sim/nas duas disciplinas o debate é muito fácil e pertinente	a pesquisa requer dos alunos uma inquietação com a sua atuação no seu posto de trabalho ou com outros vãos que pretende alcançar em outro trabalho
Essa discussão permeia os debates nos mais variados assuntos que compõem as duas disciplinas. As abordagens histórica, sociológica, geográfica, antropológica e filosófica perpassam as discussões.	Como sou graduado em História, pós-graduado em Antropologia Social e mestre em Filosofia da educação, procuro recheiar as discussões de uma visão interdisciplinar.
Sim.	já faço isso há 8 anos.
Sim. Vários são as questões a serem debatidas, como: Tecnologia x Trabalho; Tecnologia x Ética; Evolução Tecnológica x Mercado; Mão de Obra x mercado etc	sendo realizados estudos de projetos específicos que retratem tal realidade, debates em sala, estudos de caso com debate em sala etc
Já faço isso.	Trago a realidade para a sala de aula.
Sim, importante	Fortaleceria as Técnicas de Negociações por abordagens psicológicas, econômicas e de gestão.
Eu constantemente faço tal debate.... não de forma estruturada....mas é feito	
a Carga horária da disciplina se torna pouca	tento complementar com curso extensão quando é possível.

11. Seus alunos comentam sobre os problemas e desafios que enfrentam no trabalho? Que

tipos de comentários?

R.1: Comentam e debatem os porquês de tantas mudanças e sempre contra a classe trabalhadora. São jovens recém saídos do Ensino Médio, que com a reforma só tende a piorar, e que não trazem grande entendimentos das questões sociais. É fundamental debater como uma sociedade com tantos recursos consegue aumantar a massa dos excluídos digital e economicamente? (56 palavras)

R.2: Neste momento, a permanência no emprego é o maior desafio (10 palavras)

R.3: Costumam relacionar situações do cotidiano do trabalho com os temas discutidos em sala de aula. Aliás, este é um dos meus objetivos, fazer a ligação entre teoria e prática. (29 palavras)

R.4: Pouquíssimas vezes. Nossa cidade é muito pequena e vários se conhecem. (11 palavras)

R.5: Iniciando agora o semestre (4 palavras)

R.6: Sim. Compartilham interesses, sonhos, expectativas (5 palavras)

R.7: Sim. Geralmente relacionados à Fraqueza da Ética e ainda a Força do Capital. É uma questão cultural, costume enfatizar, mas que no decorrer do tempo deverá ser vista com maior clareza e então se transformar. (35 palavras)

R.8: Comentam.... na maioria das vezes pela postura gerencial antiga, arcaica e equivocada de seus gestores/administradores. (15 palavras)

R.9: Sim. Conflitos, lideranças, relacionamento interpessoal, processo seletivo. Dificuldades e melhor esclarecimento em como podem agir ou melhor compreender determinadas situações. (20 palavras)

Seus alunos comentam sobre os problemas e desafios que enfrentam no trabalho?	Que tipos de comentários?
Sim.	Comentam e debatem os porquês de tantas mudanças e sempre contra a classe trabalhadora/ São jovens recém saídos do Ensino Médio, [...] que não trazem grande entendimentos das questões sociais
Sim.	Neste momento, a permanência no

	emprego é o maior desafio
Sim.	Costumam relacionar situações do cotidiano do trabalho com os temas discutidos em sala de aula
Pouquíssimas vezes. Nossa cidade é muito pequena e vários se conhecem.	
Iniciando agora o semestre	
Sim.	Compartilham interesses, sonhos, expectativas
Sim.	Geralmente relacionados à Fraqueza da Ética e ainda a Força do Capital. É uma questão cultural, costume enfatizar, mas que no decorrer do tempo deverá ser vista com maior clareza e então se transformar
Comentam....	na maioria das vezes pela postura gerencial antiga, arcaica e equivocada de seus gestores/administradores.
Sim.	Conflitos, lideranças, relacionamento interpessoal, processo seletivo. Dificuldades e melhor esclarecimento em como podem agir ou melhor compreender determinadas situações.

12. Tendo seus alunos em mente, o Sr./Sra. acha que as variações de investimentos consideradas pelas empresas afetam negativamente a capacidade de os alunos exercerem um trabalho?

R.1: Não entendi a pergunta, mas a interpreto que a variação de investimentos é decorrente da ganância de acumular mais, retirando dos trabalhadores e das políticas fiscais o máximo de ganhos possíveis. (31 palavras)

R.2: A empresa investe em formação do seu funcionário para benefício próprio, portanto, o

funcionário terá que seguir algumas regras impostas por esse ambiente de trabalho. (25 palavras)

R.3: Acredito que as empresas que efetivamente fazem uma leitura mais ampla do dinamismo do mundo atual estão atrás de profissionais cada vez mais qualificados. É para isto que buscamos formar nossos alunos.

Formar alunos reflexivos, críticos, autônomos e com uma formação de multiespecialistas é o nosso desafio constante.

É claro que a crise econômica afeta a capacidade dos nossos alunos exercerem um trabalho, pois a diminuição da oferta de emprego atrapalha a entrada e, enfim, o exercício de um ofício no mundo do trabalho. Por isso mesmo, também temos a preocupação de formar pessoas com um espírito empreendedor. (98 palavras)

R.4: Não, isso só demonstra que o aluno terá que estar sempre aberto a aprender novidades. (15 palavras)

R.5: certamente pode existir um impacto negativo diante do baixo investimento das empresas, porém isso não impede que busquem inovar o seu trabalho, com os recursos disponíveis. (26 palavras)

R.6: A questão não ficou clara para mim. Porém a crise econômica que afeta o país, reduziu as oportunidades de emprego para os jovens, principalmente para aqueles que não tem experiência profissional anterior. (32 palavras)

R.7: Afetam sim, mas não diretamente a direção empresarial deverá ser responsabilizada, pois o tocante principal de investimentos diretos ou indiretos em uma organização empresarial é a segurança de uma política econômica bem dirigida. Aí relacionamos a Diplomacia, pois tudo em que haja diplomacia há certamente Ética Moral, Ética Profissional, Respeito e Responsabilidades. (52 palavras)

R.8: Não entendi o quis perguntar.....favor reenviar a pergunta (8 palavras)

R.9: não (1 palavra)

As variações de investimentos consideradas pelas empresas afetam negativamente a capacidade de os alunos exercerem um trabalho?	Comentários
Não entendi a pergunta	interpreto que a variação de investimentos é decorrente da ganância

	de acumular mais, retirando dos trabalhadores e das políticas fiscais o máximo de ganhos possíveis
	A empresa investe em formação do seu funcionário para benefício próprio, portanto, o funcionário terá que seguir algumas regras impostas por esse ambiente de trabalho
S- É claro que a crise econômica afeta a capacidade dos nossos alunos exercerem um trabalho, pois a diminuição da oferta de emprego atrapalha a entrada e, enfim, o exercício de um ofício no mundo do trabalho. Por isso mesmo, também temos a preocupação de formar pessoas com um espírito empreendedor.	Acredito que as empresas que efetivamente fazem uma leitura mais ampla do dinamismo do mundo atual estão atrás de profissionais cada vez mais qualificados. É para isto que buscamos formar nossos alunos.
N - Não.	isso só demonstra que o aluno terá que estar sempre aberto a aprender novidades
S - certamente pode existir um impacto negativo diante do baixo investimento das empresas	porém isso não impede que busquem inovar o seu trabalho, com os recursos disponíveis
S- A questão não ficou clara para mim. Porém a crise econômica que afeta o país, reduziu as oportunidades de emprego para os jovens, principalmente para aqueles que não tem experiência profissional anterior	
S - Afetam sim, mas não diretamente a direção empresarial deverá ser responsabilizada, pois o tocante principal de investimentos diretos ou	Aí relacionamos a Diplomacia, pois tudo em que haja diplomacia há certamente Ética Moral, Ética Profissional, Respeito e

indiretos em uma organização empresarial é a segurança de uma política econômica bem dirigida	Responsabilidades.
Não entendi o quis perguntar.....favor reenviar a pergunta	
N - não	

13. Como o Sr./Sra. vê a relação entre empregadores e funcionários na atualidade? Esses temas são debatidos em sala de aula?

R.1: Os empregadores com a faca, o queijo e a mesa, já os trabalhadores com as migalhas que caírem, se por ventura caírem, do banquete exploratório que nossa legislação golpista permite. (30 palavras)

R.2: As relações de trabalho, atualmente, podem ser consideradas como tensas. Existe uma insegurança do empregador e do empregado que afeta o bom andamento dessas relações. Dependendo do contexto sim. (29 palavras)

R.3: Como estamos passando por muitas transformações, inclusive na legislação trabalhista brasileira, este tema é objeto de discussão das minhas e de outras disciplinas. Temos feito discussões mais amplas envolvendo turmas e cursos diferentes para abordar o assunto. Reforma trabalhista, reforma previdenciária, reforma do Estado e, até mesmo outras questões, são debatidas na instituição. (53 palavras)

R.4: Muito difícil. Os dois lados estão passando dificuldades. Tema pouco debatido. (11 palavras)

R.5: serão debatidos em sala, entendo que a relação deve ser de parceria, onde a busca da inovação e de melhores índices de qualidade deve fazer parte da vida de empregados e empregadores, a relação tende a ser cada vez mais integrada, de maneira que ambas as partes se importem com o futuro da organização. (54 palavras)

R.6: Sim. Ambos precisam ser posicionar com mais autonomia. (8 palavras)

R.7: Ainda é forte a disputa do “QUINHÃO”, mas em muito já difere do passado, onde o autoritarismo e a severidade eram protagonistas nas disputas. Debatemos sim isto em aula. (29 palavras)

R.8: A relação atual é de se aproveitar da grande oferta de mão-de-obra e a grande escassez de oportunidade de emprego. Os debates giram em torno do “ser empreendedor” e ou buscar ser um diferencial no trabalho (vide resposta 5) (39 palavras)

R.9: Sim. Ainda encontramos gestores e trabalhadores com ideias bem arcaicas quanto relacionamento empregadores e funcionários. (15 palavras)

Como o Sr./Sra. vê a relação entre empregadores e funcionários na atualidade?	Esses temas são debatidos em sala de aula?
Os empregadores com a faca, o queijo e a mesa, já os trabalhadores com as migalhas que caírem, se por ventura caírem, do banquete exploratório que nossa legislação golpista permite	
As relações de trabalho, atualmente, podem ser consideradas como tensas. Existe uma insegurança do empregador e do empregado que afeta o bom andamento dessas relações	Dependendo do contexto sim.
Como estamos passando por muitas transformações [...]Reforma trabalhista, reforma previdenciária, reforma do Estado e, até mesmo outras questões [...]	Como estamos passando por muitas transformações, inclusive na legislação trabalhista brasileira, este tema é objeto de discussão das minhas e de outras disciplinas. Temos feito discussões mais amplas envolvendo turmas e cursos diferentes para abordar o assunto. Reforma trabalhista, reforma previdenciária, reforma do Estado e, até mesmo outras questões, são debatidas na instituição.
Muito difícil. Os dois lados estão passando dificuldades.	Tema pouco debatido.
entendo que a relação deve ser de parceria, onde a busca da inovação e de melhores índices de qualidade deve	serão debatidos em sala

fazer parte da vida de empregados e empregadores, a relação tende a ser cada vez mais integrada, de maneira que ambas as partes se importem com o futuro da organização.	
Ambos precisam ser posicionados com mais autonomia.	Sim.
Ainda é forte a disputa do “QUINHÃO”, mas em muito já difere do passado, onde o autoritarismo e a severidade eram protagonistas nas disputas.	Debatemos sim isto em aula.
A relação atual é de se aproveitar da grande oferta de mão-de-obra e a grande escassez de oportunidade de emprego.	Os debates giram em torno do “ser empreendedor” e ou buscar ser um diferencial no trabalho (vide resposta 5)
Ainda encontramos gestores e trabalhadores com ideias bem arcaicas quanto relacionamento empregadores e funcionários.	Sim.

14. O Sr./Sra. considera que há riscos grandes, médios ou insignificantes de seus alunos perderem o emprego e não retornarem ao mercado formal de trabalho? Pode elencar os principais motivos que justificam sua resposta?

R.1: O avanço tecnológico extirpa postos de trabalho, mas cria em menor escala outros postos novos com novas exigências. É evidente que aqueles que não se adaptarem ao novo mercado escravocrata serão extirpados do mercado trabalho, bem como aqueles que não se qualificarem com esta concepção desumanizadora e produtivista em moda (50 palavras)

R.2: Sim, dependendo do setor da atuação do aluno muitos ficaram desempregados. Podemos citar a construção civil e o varejo. Esses campos de trabalhos foram muito afetados pela crise estrutural que o país enfrenta. (33 palavras)

R.3: Riscos de desemprego, ou entrada tardia no mundo do trabalho existem, pois vivemos

num mundo de incertezas, principalmente se levarmos em conta a atual realidade brasileira. Por isso, fortalecemos as discussões sobre empreendedorismo e sobre visão prospectiva, pois nossos alunos precisam agir para construir oportunidades.

Portanto, os principais perigos em relação à empregabilidade dos alunos estão relacionados às condições objetivas do país e, porque não dizer, das próprias condições objetivas da economia mundial, uma vez que vivemos num mundo globalizado (complexo e carregado de incertezas). (85 palavras)

R.4: Não tenho dados para tal resposta. (6 palavras)

R.5: os bons profissionais sempre terão uma ocupação no mercado de trabalho, embora o propósito seja preparar todos, sabemos que há um percentual que se destacará, assim como um percentual que pode perder a sua ocupação com mais facilidade, ou mesmo ocupar cargos operacionais (que estão sendo extintos), desta maneira:

- bons profissionais estarão sempre se atualizando e ocupando ótimos cargos, apesar de existir a tecnologia, é preciso dos Recursos Humanos para direcionar / elaborar as estratégias

- cargos operacionais sendo extintos / readaptados, o que causa um risco médio de perda do emprego formal (94 palavras)

R.6: O risco maior de perder o emprego já passou. Os alunos começam neste momento a se posicionar para ocupar os cargos que estão surgindo na retomada do crescimento econômico. (29 palavras)

R.7: Há riscos sim. Grandes riscos em média. Não vejo muito o que elencar, pois em suma é o despreparo do ensino básico e ensino médio, e a falta de uma política econômica equilibrada. (33 palavras)

R.8: Os riscos existem mas espero que sejam os menores possíveis...acredito que eles estejam aptos a desenvolverem um excelente trabalho....tanto que, incentivo a muitos deles, pensarem de forma significativa e estruturada, colocar em prática excelentes planos de negócios desenvolvidos no decorrer do curso... (43 palavras)

R.9: Risco insignificante, pois são mais esclarecidos leis, conduta e ética para se comportarem no ambiente organizacional e suas consequências no mercado de trabalho. (23 palavras)

O Sr./Sra. considera que há riscos grandes, médios ou insignificantes de	Pode elencar os principais motivos que justificam sua resposta?
---	--

<p>seus alunos perderem o emprego e não retornarem ao mercado formal de trabalho?</p>	
<p>MÉDIOS - O avanço tecnológico extirpa postos de trabalho, mas cria em menor escala outros postos novos com novas exigências.</p>	<p>É evidente que aqueles que não se adaptarem ao novo mercado escravocrata serão extirpados do mercado trabalho, bem como aqueles que não se qualificarem com esta concepção desumanizadora e produtivista em moda</p>
<p>MÉDIOS - Sim, dependendo do setor da atuação do aluno muitos ficaram desempregados.</p>	<p>Podemos citar a construção civil e o varejo. Esses campos de trabalhos foram muito afetados pela crise estrutural que o país enfrenta.</p>
<p>GRANDES - Riscos de desemprego, ou entrada tardia no mundo do trabalho existem, pois vivemos num mundo de incertezas, principalmente se levarmos em conta a atual realidade brasileira.</p>	<p>[...] a atual realidade brasileira. Por isso, fortalecemos as discussões sobre empreendedorismo e sobre visão prospectiva, pois nossos alunos precisam agir para construir oportunidades. Portanto, os principais perigos em relação à empregabilidade dos alunos estão relacionados às condições objetivas do país e, porque não dizer, das próprias condições objetivas da economia mundial, uma vez que vivemos num mundo globalizado (complexo e carregado de incertezas).</p>
<p>ABSTENÇÃO - Não tenho dados para tal resposta</p>	
<p>MÉDIOS - sabemos que há um</p>	<p>os bons profissionais sempre terão uma</p>

<p>percentual que se destacará, assim como um percentual que pode perder a sua ocupação com mais facilidade</p>	<p>ocupação no mercado de trabalho, embora o propósito seja preparar todos, sabemos que há um percentual que se destacará, assim como um percentual que pode perder a sua ocupação com mais facilidade, ou mesmo ocupar cargos operacionais (que estão sendo extintos), desta maneira:</p> <ul style="list-style-type: none"> - bons profissionais estarão sempre se atualizando e ocupando ótimos cargos, apesar de existir a tecnologia, é preciso dos Recursos Humanos para direcionar / elaborar as estratégias - cargos operacionais sendo extintos / readaptados, o que causa um risco médio de perda do emprego formal
<p>INSIGNIFICANTES - O risco maior de perder o emprego já passou</p>	<p>Os alunos começam neste momento a se posicionar para ocupar os cargos que estão surgindo na retomada do crescimento econômico.</p>
<p>GRANDES - Há riscos sim. Grandes riscos em média.</p>	<p>Não vejo muito o que elencar, pois em suma é o despreparo do ensino básico e ensino médio, e a falta de uma política econômica equilibrada.</p>
<p>MÉDIOS - Os riscos existem mas espero que sejam os menores possíveis...</p>	<p>acredito que eles estejam aptos a desenvolverem um excelente trabalho....tanto que, incentivo a muitos deles, pensem de forma significativa e estruturada, colocar em prática excelentes planos de negócios desenvolvidos no decorrer do curso...</p>
<p>INSIGNIFICANTE - Risco</p>	<p>pois são mais esclarecidos leis, conduta</p>

insignificante	e ética para se comportarem no ambiente organizacional e suas consequências no mercado de trabalho
----------------	--

15. O Sr./Sra. considera que o ingresso e a disseminação da tecnologia afetaram negativamente o emprego de seus alunos?

R.1: Com certeza, pois os números dos desempregados só aumentam, ainda que tenhamos um grande numero de alunos qualificados e em sub empregos, para os quais não se exige a formação tecnológica que os mesmos possuem. (35 palavras)

R.2: Não necessariamente, podemos considerar que houve uma acomodação do mercado e dos empregos, mas podemos citar que houve a extinção de algumas funções e com isso alguns postos e seus trabalhadores excluídos do contexto empresarial. (35 palavras)

R.3: É claro que o desenvolvimento tecnológico mudou o mundo do trabalho, mas essa disseminação da tecnologia é um fato, portanto, não é algo inteligente lutar contra ela. O melhor a se fazer é preparar os alunos para este novo cenário. (40 palavras)

R.4: Somente àqueles que não a acompanharam. (6 palavras)

R.5: depende do ponto de vista, somos adeptos a visualizar como oportunidades, ou seja, com a disseminação da tecnologia, haverá a necessidade de profissionais cada vez mais qualificados, assim nossos alunos estarão aptos, o que afeta positivamente para o seu ingresso no mercado de trabalho (44 palavras)

R.6: Não. Eles estão em um curso superior de tecnologia para poderem responder positivamente a este desafio. (16 palavras)

R.7: Não penso assim não. Aliás, muito ao contrário. A formação tecnológica trouxe uma capacitação mais objetiva, eficiente, eficaz e de forma mais breve. (23 palavras)

R.8: Poderá afetar.....hoje nosso aluno já vem como uma bagagem empírica do uso da tecnologia.....eles vivem conectados e conhecem tudo quanto é tipo de aplicativo e outros (26 palavras)

R.9: não se estiverem preparados. (4 palavras)

O Sr./Sra. considera que o ingresso e a disseminação da tecnologia afetaram negativamente o emprego	Comentários
--	--------------------

de seus alunos?	
SIM - Com certeza	pois os números dos desempregados só aumentam, ainda que tenhamos um grande numero de alunos qualificados e em sub empregos, para os quais não se exige a formação tecnológica que os mesmos possuem.
NÃO NECESSARIAMENTE - Não necessariamente [...]	podemos considerar que houve uma acomodação do mercado e dos empregos, mas podemos citar que houve a extinção de algumas funções e com isso alguns postos e seus trabalhadores excluídos do contexto empresarial.
NÃO NECESSARIAMENTE -	É claro que o desenvolvimento tecnológico mudou o mundo do trabalho, mas essa disseminação da tecnologia é um fato, portanto, não é algo inteligente lutar contra ela. O melhor a se fazer é preparar os alunos para este novo cenário
NÃO NECESSARIAMENTE -	Somente àqueles que não a acompanharam
NÃO NECESSARIAMENTE - depende do ponto de vista	somos adeptos a visualizar como oportunidades, ou seja, com a disseminação da tecnologia, haverá a necessidade de profissionais cada vez mais qualificados, assim nossos alunos estarão aptos, o que afeta positivamente para o seu ingresso no mercado de trabalho
NÃO - Não	Eles estão em um curso superior de

	tecnologia para poderem responder positivamente a este desafio.
NÃO - Não penso assim não. Aliás, muito ao contrário.	A formação tecnológica trouxe uma capacitação mais objetiva, eficiente, eficaz e de forma mais breve.
NÃO NECESSARIAMENTE - Poderá afetar.....	hoje nosso aluno já vem como uma bagagem empírica do uso da tecnologia.....eles vivem conectados e conhecem tudo quanto é tipo de aplicativo e outros
NÃO NECESSARIAMENTE - não	se estiverem preparados.

16. Como o Sr./Sra. acha que o uso da Internet e das redes mudou a forma de se trabalhar?

R.1: Aparentemente para melhor, mas uma análise mais profunda e ainda incipiente vai nos mostrar que os “monstrinhos tecnológicos” podem até arrumar bons empregos, mas a questão é: são mais humanos e solidários essa geração? Sem pestanejar garanto que não.
(39 palavras)

R.2:Surgem os escritórios em casa, os atendimentos *on line*, as compras via internet. Mercados e clientes em situações novas e com outros controles para esses atendimentos.
(26 palavras)

R.3: Mudou profundamente a maneira das empresas se organizarem. Mudou o sistema produtivo e a maneira de instigar o consumo.

“Não é mais o executivo de meia-idade racional e frio, ou o líder cheio de títulos e diplomas a imagem do homem bem-sucedido, mas o jovem criativo, bem-formado e ousado, dotado de uma inteligência viva, que enxerga o todo, que relaciona muitos dados e faz inusitadas sínteses, que lê o presente, que sabe lidar com conflitos, que sabe trabalhar em grupo e que, principalmente, se sente estimulado e provocado diante de desafios. Além da inovação ser o motor da economia, os impasses ambientais, sociais e econômicos exigem uma geração criativa e ousada, capaz de lidar com grandes problemas e solucioná-los.” (MOSE, 2013, p. 25).

Vivemos numa sociedade do conhecimento onde, por isso mesmo, o principal capital é o conhecimento.

Isto precisa ser passado para os alunos. O mundo está mudando e com ele o mundo do trabalho. Na verdade, é um processo de retroalimentação. (59 palavras – excluindo-se a citação)

R.4: Com ctz. Acesso à informação, agilidade, etc. (7 palavras)

R.5: deixou de existir distância, assim a internet tem possibilitado a atuação profissional de qualquer lugar, assim como a busca de qualificação, em que os profissionais podem passar por treinamentos realizados à distância, com a mesma efetividade dos presenciais. (38 palavras)

R.6: Tornou a informação mais acessível e compartilhada. (7 palavras)

R.7: A agilidade no poder decisório de uma organização empresarial, certamente que aliada a uma boa sistematização de informações de gestão. (20 palavras)

R.8: MUITO..... tanto que há necessidade de se limitar e saber o uso correto e ético, tanto da internet quanto de redes sociais. Conteúdos, checagem de fontes de notícias, restrição de uso nas organizações ou controle/bloqueio de sites. (37 palavras)

R.9: mais informação e disciplina para focarem assuntos pertinentes ao trabalho. (10 palavras)

Como o Sr./Sra. acha que o uso da Internet e das redes mudou a forma de se trabalhar?	Comentários
Aparentemente para melhor [...] mas a questão é: são mais humanos e solidários essa geração? Sem pestanejar garanto que não.	Aparentemente para melhor, mas uma análise mais profunda e ainda incipiente vai nos mostrar que os “monstrinhos tecnológicos” podem até arrumar bons empregos, mas a questão é: são mais humanos e solidários essa geração? Sem pestanejar garanto que não.
Surgem os escritórios em casa, os atendimentos <i>on line</i> , as compras via internet. Mercados e clientes em situações novas e com outros controles	

para esses atendimentos.	
Mudou profundamente a maneira das empresas se organizarem. Mudou o sistema produtivo e a maneira de instigar o consumo. (Cita Mosé)	Vivemos numa sociedade do conhecimento onde, por isso mesmo, o principal capital é o conhecimento. Isto precisa ser passado para os alunos. O mundo está mudando e com ele o mundo do trabalho. Na verdade, é um processo de retroalimentação.
Com etz. Acesso à informação, agilidade, etc.	
deixou de existir distância assim a internet tem possibilitado a atuação profissional de qualquer lugar, assim como a busca de qualificação, em que os profissionais podem passar por treinamentos realizados à distância, com a mesma efetividade dos presenciais.	
Tornou a informação mais acessível e compartilhada	
A agilidade no poder decisório de uma organização empresarial, certamente que aliada a uma boa sistematização de informações de gestão	
MUITO..... tanto que há necessidade de se limitar e saber o uso correto e ético, tanto da internet quanto de redes sociais. Conteúdos, checagem de fontes de notícias, restrição de uso nas organizações ou controle/bloqueio de sites.	
mais informação e disciplina para	

focarem assuntos pertinentes ao trabalho.	
---	--

17. Qual impacto que o Sr./Sra. acredita que a evolução tecnológica deva ocasionar sobre o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial?

R.1: Este é o grande paradoxo: a tecnologia que nos possibilita uma acumulo maior e mais rápido de conhecimentos, vai nos tornar Homens melhores? Poderá, desde que as disciplinas das humanidades tenham um tratamento igual às da área técnica e tecnológica. Isto está muito longe de acontecer. (46 palavras)

R.2: Todo o planejamento empresarial é composto por processos, via informática/tecnologia, portanto a gestão de uma empresa está altamente determinada pelos controles tecnológicos. Essa apropriação e conhecimento precisa ser dominado pelos “novos/atuais” empresários ou gestores empresariais. (35 palavras)

R.3: Uma faculdade de tecnologia, evidentemente, precisa encarar o fenômeno da evolução tecnológica como algo fundamental para sua própria razão de ser.

Portanto, formar pessoas para controlar a tecnologia e não pessoas controladas por ela é, sem dúvida, uma das principais tarefas do CST.

Aliar tecnologia e humanismo, eis o que deve ser o eixo central da formação dos alunos do CST. (61 palavras)

R.4: Isso vai depender da forma de uso. (7 palavras)

R.5: embora considere que ainda temos fortes tendências tradicionais no ensino presencial, acredito que as formas de aprendizado, trabalho, relações interpessoais etc tendem a mudar, desta maneira, o CST em Gestão deve caminhar nesta atualização, para que o egresso tenha plenas condições de inovar e continuar o aprendizado após o curso: APRENDER A APRENDER, SEMPRE. (54 palavras)

R.6: Os alunos devem ser preparados para responder aos desafios tecnológicos que o mercado apresenta. (14 palavras)

R.7: Nenhum de nossos alunos sai no 6º semestre sem uma mudança radical em seus modos de ver e de viver seus dias. Todos levam em si mais responsabilidades consigo, com seus entes e com a sociedade. (36 palavras)

R.8: O maior possível (3 palavras)

R.9: pouco desde que gestores estejam preparados (6 palavras)

<p>Qual impacto que o Sr./Sra. acredita que a evolução tecnológica deva ocasionar sobre o conhecimento adquirido no CST em Gestão Empresarial?</p>	
<p>Desenvolvimento</p>	<p>Conclusão</p>
<p>Este é o grande paradoxo: a tecnologia que nos possibilita uma acumulo maior e mais rápido de conhecimentos, vai nos tornar Homens melhores?</p>	<p>Poderá, desde que as disciplinas das humanidades tenham um tratamento igual às da área técnica e tecnológica. Isto está muito longe de acontecer.</p>
<p>Todo o planejamento empresarial é composto por processos, via informática/tecnologia, portanto a gestão de uma empresa está altamente determinada pelos controles tecnológicos.</p>	<p>Essa apropriação e conhecimento precisa ser dominado pelos “novos/atuais” empresários ou gestores empresariais.</p>
<p>Uma faculdade de tecnologia, evidentemente, precisa encarar o fenômeno da evolução tecnológica como algo fundamental para sua própria razão de ser.</p>	<p>Portanto, formar pessoas para controlar a tecnologia e não pessoas controladas por ela é, sem dúvida, uma das principais tarefas do CST. Aliar tecnologia e humanismo, eis o que deve ser o eixo central da formação dos alunos do CST.</p>
	<p>Isso vai depender da forma de uso.</p>
<p>embora considere que ainda temos fortes tendências tradicionais no ensino presencial, acredito que as formas de aprendizado, trabalho, relações interpessoais etc tendem a mudar</p>	<p>desta maneira, o CST em Gestão deve caminhar nesta atualização, para que o egresso tenha plenas condições de inovar e continuar o aprendizado após o curso: APRENDER A APRENDER, SEMPRE.</p>
	<p>Os alunos devem ser preparados para responder aos desafios tecnológicos</p>

	que o mercado apresenta.
Nenhum de nossos alunos sai no 6º semestre sem uma mudança radical em seus modos de ver e de viver seus dias.	Todos levam em si mais responsabilidades consigo, com seus entes e com a sociedade.
O maior possível	
pouco	desde que gestores estejam preparados

18. Quais seriam, a seu ver, os traços de personalidade e de conduta que mais se prestariam para auxiliar seus alunos na atividade de trabalho? Essas características individuais e de interação social são abordadas e debatidas em sua disciplina?

R.1: Sim, mas há uma boa resistência dos defensores desta sociedade de exploração com o argumento único de que ou é isso ou não terão emprego, e com certa razão. Ser ético, humano e solidário não deveria ser uma virtude, mas com tantos falsos conceitos de modernidade, isto conta muito pouco. Eficácia, eficiência e empreendedorismos são novos valores desta sociedade. (59 palavras)

R.2: Normalmente, todas essas questões éticas e técnicas compõem nossas disciplinas até porque nossos alunos serão nossa voz no mundo do trabalho (21 palavras)

R.3: O fomento de alguns valores fundamentais como: a busca da excelência, o desejo de aprender a aprender, a busca da competência técnica e o compromisso ético, o gosto pelo trabalho em equipe, a valorização da alteridade, a solidariedade, o desejo de transformar a realidade.

Estas são algumas das características que procuro desenvolver no ambiente de sala de aula. Os objetivos das disciplinas, a diversificação metodológica, a maneira de avaliar, os textos escolhidos e os conteúdos trabalhados buscam suscitar essas características individuais e coletivas.

Portanto, as aulas são construídas à luz de princípios epistemológicos, antropológicos e axiológicos que contemplam essas e outras características, sempre visando à formação integral dos alunos. (109 palavras)

R.4: Não entendi a pergunta (4 palavras)

R.5: Como mencionado na questão anterior, precisamos deixar claro para os nossos alunos que nunca estaremos prontos, desta maneira, se eles assimilarem que o estado de aprendizado deve ser permanente, isso irá influenciar positivamente na atuação pessoal e

profissional, sempre respeitando as características individuais, em uma interação social contínua – vamos aprender a aprender. (52 palavras)

R.6: Autonomia, responsabilidade, ética, colaboração. Sim, abordamos estes temas, mesmo porque as atividades acadêmicas são executadas em equipes. (17 palavras)

R.7: Integridade e caráter. Sim não se fala de Ética sem abordar caráter e integridade. (14 palavras)

R.8: Dinamismo, atualização, comprometimento e ética profissional (6 palavras)

R.9: proativo, empatia, atitude, disposição para aprender e colocar conhecimento em pratica, criatividade, bom relacionamento interpessoal, saber trabalhar em equipe, liderar, autoestima. (21 palavras)

Quais seriam, a seu ver, os traços de personalidade e de conduta que mais se prestariam para auxiliar seus alunos na atividade de trabalho?	Essas características individuais e de interação social são abordadas e debatidas em sua disciplina?
Ser ético, humano e solidário não deveria ser uma virtude, mas com tantos falsos conceitos de modernidade, isto conta muito pouco.	Sim, mas há uma boa resistência dos defensores desta sociedade de exploração com o argumento único de que ou é isso ou não terão emprego, e com certa razão. [...] Eficácia, eficiência e empreendedorismos são novos valores desta sociedade.
questões éticas	Normalmente, todas essas questões éticas e técnicas compõem nossas disciplinas até porque nossos alunos serão nossa voz no mundo do trabalho
O fomento de alguns valores fundamentais como: a busca da excelência, o desejo de aprender a aprender, a busca da competência técnica e o compromisso ético, o gosto pelo trabalho em equipe, a valorização da alteridade, a solidariedade, o desejo	Estas são algumas das características que procuro desenvolver no ambiente de sala de aula. Os objetivos das disciplinas, a diversificação metodológica, a maneira de avaliar, os textos escolhidos e os conteúdos trabalhados buscam suscitar essas

de transformar a realidade.	características individuais e coletivas. Portanto, as aulas são construídas à luz de princípios epistemológicos, antropológicos e axiológicos que contemplam essas e outras características, sempre visando à formação integral dos alunos.
Não entendi a pergunta	
Como mencionado na questão anterior, precisamos deixar claro para os nossos alunos que nunca estaremos prontos, desta maneira, se eles assimilarem que o estado de aprendizado deve ser permanente, isso irá influenciar positivamente na atuação pessoal e profissional, sempre respeitando as características individuais, em uma interação social contínua – vamos aprender a aprender	
Autonomia, responsabilidade, ética, colaboração.	Sim, abordamos estes temas, mesmo porque as atividades acadêmicas são executadas em equipes.
Integridade e caráter	Sim não se fala de Ética sem abordar caráter e integridade
Dinamismo, atualização, comprometimento e ética profissional	
proativo, empatia, atitude, disposição para aprender e colocar conhecimento em prática, criatividade, bom relacionamento interpessoal, saber trabalhar em equipe, liderar, autoestima.	

19. O Sr./Sra. acredita que o conteúdo e a forma de ministrar sua disciplina são coerentes com as condições de vida e de trabalho na atualidade? Gostaria de alterar alguma coisa? Como o faria?

R.1: É o pouco que a Administração Central nos permite, não nos resta outra coisa senão protestar e lutar por uma Grade Curricular equilibrada com aulas de Filosofia, Sociologia, Ética e Economia que pense o HOMEM como o objetivo central de nossa Educação. (42 palavras)

R.2: Essas disciplinas apresentam atividades que, constantemente, são alteradas de acordo com as demandas e políticas empresariais vigentes. (17 palavras)

R.3: Acredito que em meu ofício busco constantemente adotar a prática de pensar a prática, como sempre preconizou o mestre Paulo Freire.

Um dos principais desafios do ser humano em geral, e do professor em particular, é ser contemporâneo de seu tempo, ou seja, é ser um profundo leitor de seu tempo, pois assim o fazendo, poderá agir de maneira mais consciente, crítica, reflexiva e, portanto, séria e competente. (68 palavras)

R.4: Acredito que sim,mas, sempre podemos melhorar, com mais “coisas” práticas, por exemplo. (12 palavras)

R.5: preocupados com estas questões (apontadas nas questões anteriores), todo o corpo docente da Fatec () está buscando maneiras cada vez mais diferenciadas para o processo de ensino / aprendizagem, tanto é que tivemos (e ainda estamos tendo), treinamentos em Metodologias Ativas de Aprendizagem, onde o aluno passa a ser o personagem principal no processo, delegando ao professor o papel de ser o facilitador / monitor, criando mecanismos de busca do conhecimento de maneira atrativa. Como estamos iniciando agora, temos ciência de que serão grandes os desafios a serem enfrentados, afinal passamos por uma quebra de paradigmas, pois a maior parte das aulas estão sendo proferidas da mesma maneira a séculos, agora precisamos mudar! (113 palavras)

R.6: Considero que realizo de forma muito satisfatória minha prática docente. Evidencio também que novas práticas são necessárias com o objetivo de aproximar mais os alunos do mercado de trabalho, como parcerias com empresas, visitas técnicas, e outras. (37 palavras)

R.7: Acredito que sim, mas com certeza necessita mais prática que por conta do curto espaço de tempo e do conteúdo, exigiria dos alunos muito mais dedicação empenho e perseverança, o que nós ainda aplicamos em tarefas domésticas. (37 palavras)

R.8: Maior acesso à internet. A internet (wifi) é muito falha. Site de pesquisas e vídeos. (15

palavras)

R.9: sim. Sempre que percebo a necessidade, faço alterações para manter o conteúdo e didática atualizados. (15 palavras)

O Sr./Sra. acredita que o conteúdo e a forma de ministrar sua disciplina são coerentes com as condições de vida e de trabalho na atualidade?	Gostaria de alterar alguma coisa? Como o faria?
<p>É o pouco que a Administração Central nos permite, não nos resta outra coisa senão protestar e lutar por uma Grade Curricular equilibrada com aulas de Filosofia, Sociologia, Ética e Economia que pense o HOMEM como o objetivo central de nossa Educação.</p>	
<p>Essas disciplinas apresentam atividades que, constantemente, são alteradas de acordo com as demandas e políticas empresariais vigentes.</p>	
<p>Acredito que em meu ofício busco constantemente adotar a prática de pensar a prática, como sempre preconizou o mestre Paulo Freire.</p> <p>Um dos principais desafios do ser humano em geral, e do professor em particular, é ser contemporâneo de seu tempo, ou seja, é ser um profundo leitor de seu tempo, pois assim o fazendo, poderá agir de maneira mais consciente, crítica, reflexiva e, portanto, séria e competente.</p>	
<p>Acredito que sim</p>	<p>[...] mas, sempre podemos melhorar, com mais “coisas” práticas, por</p>

	exemplo.
preocupados com estas questões (apontadas nas questões anteriores), todo o corpo docente da Fatec [...] está buscando maneiras cada vez mais diferenciadas para o processo de ensino / aprendizagem	tanto é que tivemos (e ainda estamos tendo), treinamentos em Metodologias Ativas de Aprendizagem, onde o aluno passa a ser o personagem principal no processo, delegando ao professor o papel de ser o facilitador / monitor, criando mecanismos de busca do conhecimento de maneira atrativa. Como estamos iniciando agora, temos ciência de que serão grandes os desafios a serem enfrentados, afinal passamos por uma quebra de paradigmas, pois a maior parte das aulas estão sendo proferidas da mesma maneira a séculos, agora precisamos mudar!
Considero que realizo de forma muito satisfatória minha prática docente.	Evidencio também que novas práticas são necessárias com o objetivo de aproximar mais os alunos do mercado de trabalho, como parcerias com empresas, visitas técnicas, e outras.
Acredito que sim	mas com certeza necessita mais prática que por conta do curto espaço de tempo e do conteúdo, exigiria dos alunos muito mais dedicação empenho e perseverança, o que nós ainda aplicamos em tarefas domésticas.
	Maior acesso à internet. A internet (wifi) é muito falha. Site de pesquisas e vídeos.
sim.	Sempre que percebo a necessidade, faço alterações para manter o conteúdo e didática atualizados.

